NÚMERO I

EDIÇÕES
ELP

MAIO — 1938

REDAÇÃO:

Edifício Ouvidor

R. Uruguaiana, 86 — S. 805

Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro

TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ESFERA

REVISTA DE LETRAS ARTES CIÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO

DIRETOR:
Maria Jacintha

REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo

GERENTE:
Aureo Ottoni

SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

REDATORES

Afonso de Castro Senda, Dias da Costa, Eneida, Fábio Leite Lobo, Fábio Crissiuma, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Roberto Alvim Corrêa, Santa Rosa.

INDICE

Rosas Vermelhas

A minha roseira apresentou hontem, ao mesmo tempo, duas rosas.

Confesso que beijei as rosas. Andei pelo jardim. Era de tarde. Lá fóra não estava passando nenhum bonde. Havia um silêncio suáve. Eu estava meio cansado, e a tarde era mansa. Beijei levemente as rosas. Eram vermelhas, pequenas, como os lábios de meu bem. Oh, desculpem, não fica bem falar essas cousas em público. Por favor, não se riam de mim. Beijei as rosas e assumo a responsabilidade do que fiz. Terei sido ridículo? Desculpem. Andem um pouco pelos jardins públicos quando a primavera chegar. Reparem bem em uma rosa. Em uma rosa de qualquer roseira. Reparem bem: não é linda? Há qualquer cousa nessa beleza de uma rosa que não vem apenas de suas pétalas. Há uma espécie de milagre, o milagre da vida. Os bondes passam fazendo barulho, os canhões bombardeiam, as linotípos trabalham. E entretanto existe uma roseira, e essa roseira, simplesmente, faz êsse milagre: se enche de rosas. A vida floresce. Podem negar a vida com todos os canhões, com todos os gazes, com todas as safadezas, com todas as opressões. Silenciosamente, obstinadamente, eternamente a vida floresce. Há rosas...

A vida floresce, e é linda. Sinto um aperto na garganta. E' um aperto bom. Apenas só sei dizer como a vida é linda como ela tem força...

Sinto que estou vivendo. Já sentiram isso? Já sentiram profundamente isso? E além das rosas há as mulheres, as mulheres lindas. Com isso perturba! São lindas como as rosas e ao mesmo tempo são humanas. Há mulheres que são extraordinariamente lindas! Já notaram isso? Oh, mas não basta notar! E' preciso sentir isso até o fundo, ser completamente perturbado por isso. Bem, vocês me desculpem. Tenho essas crises de vez em quando. Já estou melhor.

R U B E M   B R A G A

DEPOIMENTO

MARQUES REBELO

ERA LE'PIDO, RISONHO

Com aquelas sardas, com aquele cabelo côr de cenoura eternamente despenteado, Pinga-fogo era lépido, risonho, desembaraçado.

— Êste é um que não se aperta, dizia papai, que gostava dele, conversava com êle.

OS SIMPLES

"Tenho vivido entre homens a quem consideramos simples, porque as suas trevas são menos rumorosas que as nossas". — Georges Duhamel, "Fabulas do meu jardim".

SONETO DE CARNAVAL

Mudaria o Carnaval, ou mudei eu?

O ENCANTO DAS RUAS

A perita contadora é fresca como o zéfiro!

ONDE O CARÁTER NÃO E' GRANDE...

"Onde o caráter não é grande, não há grande homem, não há grande homem de ação, não há siquer grande artista. Há apenas ídolos ôcos para a vil multidão. O tempo os destruirá juntamente. Pouco nos importa o êxito. Trata-se de ser grande e não de parecê-lo." — Romain Rolland, "Beethoven".

O AMOR NÃO ESPERA

Assistí ao casamento de Madalena. Foi um áto modesto, com pouca gente e poucas flôres. Tia Fátima foi a madrinha. A família de Pinga-fogo não compareceu. Pinga-fogo ganha trezentos e cincoenta mil réis. Fôram morar longe, no Viradouro, porque o emprego de Pinga-fogo é em Niteroi. Pinga-fogo estava com as sardas mais acesas, o cabelo penteado, bastante comovido. Madalena chorou ao assinar o seu nome.

— Então, Pinga-fogo, sempre acabamos cunhados, não é?

Pinga-fogo olhava para Madalena — nem ouviu.

DE SCHUMANN

"Tudo o que vem da moda se vai com ela e se te aplicas somente a tocar agora o que é da moda, ao envelhecer, serás insuportavel a todos e ninguem te apreciará".

I D E M

"Sem as leis da moral nada de grande se realiza em arte".

C A S I N O

Que linda seria a música das fichas se os homens não falassem !

MADALENA ARREPENDIDA

Hoje tivemos a visita de Madalena. Falou mal de Pinga-fogo — era um déspota, um sovina, nada lhe dava, vivia a chorar os tostões, e ela trabalhando como uma negra! Falou mal de Manoel — aquilo não era irmão! Eu, sim. Eu é que tinha coração. Pediu depois cem mil reis — Pinga-fogo deixava-a núa, as crianças estavam nuas! Era uma grande desgraçada! Triste o destino das mulheres... Feliz fôra Cristininha que morrêra cêdo.

AVISO AOS DISTRAHIDOS

"Escuta, ó distrahido! Escuta êstes rumores eternos que ninguem ouvirá duas vezes. Será possivel que tenhas já dispensado quasi todo o tempo que te pertence na eternidade do mundo?" — Georges Duhamel, "Fábulas do meu jardim".

PINGA-FOGO PEDE SOCORRO

Quem o viu e quem o vê. A vivacidade, a esperteza, a independência, a coragem — tudo Madalena lhe tirou.

— Vê se me vales, Edgard!

Eu tenho pena:

— Mas que é, Pinga-fogo?

— Não posso mais, Edgard! Não posso mais! Madalena...

Tem marejados os olhos, aqueles olhos que conhecí tão maganos, mas que, apezar de tudo, ainda por entre as lágrimas brilham pela sua Madalena.

— Eu acho que é caso para um especialista, Pinga-fogo.

(Conclúe á página 12)

UM ANUNCIO

GRACILIANO RAMOS

Leio num jornal de bastante circulação na capital da Republica êste anuncio curioso em letras grandes: "Intelectual sem emprego. Amadeu Amaral Junior, jornalista desempregado, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido..." Sinto um arrepio e acompanho de longe os diferentes gestos e frases que essa publicação naturalmente provocaria entre as diversas espécies de leitores — razões espalhadas e incompletas, fagmentos de verdades contraditórias. E, como os outros leitores, penso coisas inconciliáveis, deixo escapar, num espanto verdadeiro, algumas exclamações de sentido vário.

A primeira idéia que me chega é desfavorável a Amadeu Amaral Junior homem de letras, agora inúteis: acho que êle procedeu mal expondo com franqueza as suas necessidades. Evidentemente esse apêlo á caridade que se imprime nos diários traz prejuizo á numerosa e vaga classe dos intelectuais. Afinal que vem a ser isso? Quais são os membros dessa classe? Os que escrevem para se livrar do tédio, investigam questões dificeis e levantam a cabeça — ou os que produzem artigos de encomenda, atrapalham-se nas dívidas e olham o chão com desgôsto, porque os buracos dos sapatos insubstituiveis aumentam?

Amadeu Amaral Junior, articulista sem trabalho, não pertence ao primeiro grupo, é claro. Mas o publico ignora essas diferenças. Pois um sujeito que escreve declara em anuncio que tem fome e anda com as calças furadas? Ninguém pergunta donde veio Amadeu Amaral Junior, que fês, que idéia sustentou ou combateu. Ninguem pergunta se êle tem idéias. Amadeu Amaral Junior aparece como escritor, num canto de jornal, pedindo esmolas, porque tem o estomago vazio e a camisa em tiras. E' horrivel.

— Literatura! boceja um funcionário de suburbio.

Na opinião dêle, um escritor não possue estômago nem camisa. O escritor é um símbolo. E o paiz necessita símbolos. Amadeu Amaral Junior, èsse homem louro e fichado, é um símbolo. Não deveria trazer-nos o espetáculo das suas misérias: sapatos estragados e fundilhos rôtos, incompativeis com a profissão de símbolo.

Os meus sentimentos brigam, uma grande piedade me atira a Amadeu Amaral Junior. Agora não julgo que êle tenha procedido mal. Vejo-o desocupado, trocando as pernas pelas calçadas, forjando á toa projétos irrealisáveis, rondando as mesas dos cafés sem poder sentar-se. Os niqueis se sumiram e é precisa não ampliar o rasgão das calças. Pobre Amadeu Amaral Junior. Em casa, na casa pior que a cadeia, no quarto escuro da pensão desconhecida, talvez use aquelas medonhas cuécas pretas que vestia há dois anos, passe as noites caminhando como um sonambulo ou compondo, para não perder o hábito, dezenas de crônicas que ficam inéditas ou não respresentam valor.

Refletindo, digo comigo que o jornalista não foi impudente exibindo-se assim cheio de precisões, com os cotovelos roídos e as bainhas das calças esfiapadas. E' possivel que êle tenha sido impelido por um excesso de amor próprio, uma vaidade imensa que os fiapos das bainhas e as manchas do casaco irritam. Comparando-se a outros que estão livres dessas inconveniências, reputa-se acima de muitos — e publica o seu escandaloso pedido lembrando-se de típos ilustres que mendigaram. Considera-se vítima duma injustiça. O anuncio barulhento não é pois, declaração de insufiência do autor, é grito de protesto, ataque á sociedade que não compreende. Amadeu Amaral Junior nos aparece como criança zangada que não póde sofrer em silêncio, bate o pé e deseja que todos conheçam a sua zanga.

Se êle dispuzesse duma coluna de jornal a sua pobreza seria menor e revelar-se-ia sob fórma artistica; não dispondo, redige com raiva o anuncio espalhafatoso. O seu oficio é redigir, não sabe fazer outra coisa e não quer ficar de braços cruzados. Lança a queixa violenta, que, pelo menos durante alguns dias, chamará para êle a atenção do publico.

Enfim o procedimento de Amadeu Amaral Junior mostra coragem. Supomos a princípio que êle não está com a cabeça regulando bem e acabamos reconhecendo que o seu ato não foi tão dezarrazoado como parecia. O que há é que não estamos habituados a ler coisas desse genero. Mas se todos os literatos fossem francos como Amadeu Amaral Junior, quantos pedidos de roupa velha, niqueis e pão duro surgiriam nas folhas! Se elas quizessem publicar isso de graça, naturalmente.

Trecho do discurso academico de Oswaldo Orico

Já vai longe o tempo em que os inimigos da Academia, os que dela diziam mal, andavam na casa dos vinte anos; o tempo em que, na expressão de um de vossos confrades, os inimigos de vinte anos eram, aos trinta, candidatos, e, aos quarenta, acadêmicos. Hoje, com a subversão das coisas, também o panorama se modificou por estas alturas. Os inimigos, aos vinte anos, falam bem da Academia; aos trinta, não falam nada; e aguardam-se para falar mal aos quarenta, já depois de acadêmicos.

Dessas contradições, porém, é que resulta cada vez mais nítido e forte o prestígio da Academia. Elas é que geram a inquietação de seu renome, influindo como a lua no exercício das marés. Elas é que limpam as praias de todos os troncos da maledicência. E são elas que jogam ás praias os troncos da maledicencia e da ironia.

Tambem quão monotona seria a paisagem dêste promontório, se não fôra o rumor que provoca lá fora, sobretudo quando as ondas crespas anunciam maresias e... eleições!

Quantos institutos semelhantes, criados pelo Brasil afóra, quási desaparecem na placidez de suas reuniões, onde ninguém discute, onde ninguém discorda, onde ninguém pleiteia?!...

O que torna sobremodo interessante a existência, das Academias é justamente a má fama de que gozam. E que, por isso mesmo, justifica sempre o especial obsequio dos que a cortejam. Conheceis, de certo, o episódio ocorrido entre Voltaire e um dos membros das muitas Academias que se multiplicaram por tôda a França, depois que a púrpura de Richelieu dotou os salões de sua herdeira presuntiva. Repousando o espírito ás margens do lago de Genebra, em Ferney, o mais irônico dos sábios, aquele cujo sorriso, como se disse, encheu um século, foi procurado por certo cidadão da campanha, que lhe disse com seriedade:

— Sou também homem de letras. E, até certo ponto, seu confrade, porque pertenço á Academia de Chalons, que é, como o senhor sabe, filha da Academia Francesa.

— Ah !Sim, respondeu Voltaire. E' isso mesmo. E tão boa filha, que nunca deu que falar de si.

Vêde, pois, que um atestado de boa conduta pode ás vezes constituir-se em má recomendação para as academias que se prezam. Ao contrário de certas damas, cujo interêsse para nós diminue na razão direta da reputação que perderam, parece que as Academias, quanto mais faladas e mal vistas, são mais apetecidas e requestadas. E' um paradoxo; mas é, sobretudo, uma verdade.

. de Santa Rosa

Trabalho

UM GÊNIO

A nova leitura atenta da obra de Eça de Queiroz, cuja empreendi recentemente, levou-me a uma convicção muito diversa da que eu fazia desse autor.

Como a maioria dos leitores sem objetivo, eu o havia, outróra, percorrido de afogadilho, rindo muito com a sua deliciosa ironia irresistivel, com a sua graça constante, e, principalmente, com a maldade deveras encantadora das suas caricaturas. O estupendo Conselheiro Acacio, do **Primo Basilio**, o impagavel Pacheco, da **Correspondência de Fradique Mendes**, o Damaso dos **Maias**, etc., permaneciam integrais em minha retentiva, alegrando-me sobremaneira, sempre que os rememorava. E, daí, a impressão que o Eça me deixara, como a tantos outros, de um espírito burilado e decerto excepcional, mas profunda e essencialmente cômico em suas manifestações.

Poderosas tendências, com o correr do tempo, conduziram-me, depois, a diferentes artistas, que me arrebataram: Vitor Hugo, por exemplo, empolgou-me durante anos!... De Hugo passei a Dostoievsky e a Flaubert, contrabalançando a nebulosidade do primeiro com a perfeição artística do segundo, e daí por diante a uma multidão de outros igualmente notaveis, cuja enumeração, aliás, em nada importaria este despretensioso trabalho. Voltando, porem, aos portugueses, já então pela urgência de consolidar o meu cabedal, — posto que o humorista da **Relíquia** me intimidasse, tendo em vista as suas tão propaladas "incorreções" — por êle enveredei novamente em meiados de 1937, quando do conhecimento da **Crítica** de Machado de Assis. A Prevenção, direi melhor: a acrimônia do criador de **Braz Cubas** contra o Realismo, confesso que me desgostou... Sou daqueles, que se não conforman nunca com a subserviência aos preconceitos.

Que ninguem veja nestas palavras um desamor a Machado de Assis. O mestre excelso de **Dom Casmurro** é um dos ídolos a que presto culto. Devo-lhe muitissimo do pouco que sei, e para que a minha gratidão lhe seja perene, basta esse obséquio imenso que me prestou: reencaminhando-me ao autor do **Crime do Padre Amaro**, destruiu a lamentavel injustiça de que ora me penitencio.

Eça de Queiroz, foi, na realidade, extraordinário!... O que até hoje, a meu ver, tem prejudicado um tanto a sua glória, — sem dúvida enorme e bem merecida, mas evidentemente menor do que devia ser, — é, talvez, o seu inato humorismo incomparavel, fator precípuo aliado ao nosso grande absurdo em só conceder genialidade ás composições de fundo severo ou trancendental. Prejudicou-o, também, nesse particular, a sua requintada elegancia de **dandy** autêntico, a que aquele monóculo irritante ás massas sublinhava, e prejudicou-o ainda, o mundanismo por assim dizer "profissional", a que se obrigava como diplomata. Em geral apresentamos resistência ás individualidades de monóculo e chapéu alto, acatando de preferência as cousas que nos são ditas de sobrecenho fechado...

Vícios antigos, de dificil extirpação. Se entretanto considerarmos quão marcante de personalidade é a ironia, quão rara é ela, e inimitavel, assim alada e cintilante como a do Eça, bem oposto necessariamente, ha de ser o nosso juizo estético a seu respeito.

Mas não é propriamente este o ponto a que quero chegar. Tenho outro escôpo como verão. E preliminarmente careço de algumas digressões...

Que é o gênio enfim? Como aferir-se com justeza essa culminancia da mentalidade humana?

Consoante numerosas definições mais ou menos aceitas em arte — Gênio subentende harmonia, novidade ou renovação de motivos, originalidade relativa, em suma, e sobretudo criação. Não apenas criação exótica, como muitos infelizmente imaginam, pois que sob semelhante critério Gwynplaine e Quasímodo seriam naturalmente superiores a Claudio Frolo e a Cimourdain. Não apenas creação exótica, repito, mas também, e principalmente, as que se condicionam dentro da normalidade, bastando, para que se imponham, alguns traços salientes que as dignifiquem.

Ora, sendo sabido que Eça de Queiroz não forjou inteiramente nenhum dos seus tipos, pois que ao contrário disso os copiava e amplificava pela observação, possuem êles, todavia, uma tal abundancia de vida e veracidade, que expressivos continuam e continuarão através dos tempos. Cohabitam conosco; acotovelam-nos, a cada passo; encantam-nos; comovem-nos; divertem-nos. E mesmo pondo de parte os seus sublimes atributos de beletrista, os seus predicados de compositor exímio, para o examinarmos, somente, sob a característica primacial do Gênio, — a criação — não há negar-se que Eça de Queiroz faz rigorosamente ju's a esse título nobilitante, emparceirando-se com os melhores de qualquer literatura.

Uma cousa interessante é que Eça de Queiroz, tendo convivido quasi sempre em ambientes de escól, não exclusivamente as figuras de elite descreve ou pinta com proficiência... Maria Eduarda, Jacinto, Fradique, todo aquele pessoal escorreito do Bosque de Bolonha, etc., a Monforte, o João da Ega, e o caviloso Basilio, mesmo, não são superiores a quaisquer outros da pequeno burguesia, também excelentementes retratados, (a Luiza, o Jorge, a D. Felicidade) ou siquer a personagens mínimas ou transitórias, como o tio Esguelhas, o Casco, e outros ainda.

Seu poder de corporificação era devéras invulgar. Muito além do talento normal. Era positivamente desses que fazem a honra de um povo.

Sem favor é êle, pois, um verdadeiro Gênio, e dos mais belos que conheço, — convicção esta que cheguei pelo estudo atento das suas obras, e que aqui sincera e desassombradamente proclamo!

CARLOS CRUZ

Regresso

Dias da Costa

Foi somente quando já estava diante da porta que a primeira hesitação o assaltou. A anciedade que o vinha revolvendo durante as últimas horas, que lhe déra forças para chegar até ali, desapareceu de repente. Ficou com a mão suspensa, sem se atrever a golpear a porta. Arriou o braço devagar e ficou tateando com os dedos móles a pele curtida da côxa, através dos rasgões da calça de brim kaki. Passou depois a mão pelo rosto e sentiu a aspereza da barba crescida. Desceu a vista lentamente para olhar os dedos do pé sujo, saíndo pela biqueira da botina rasgada. Então todos os seus musculos foram se relaxando e sentiu que escorregava sobre si mesmo, até se encontrar sentado nos degraus da escada, com os joêlhos encolhidos e a cabeça apoiada nas mãos. Toda a humilhação dos ultimos mezes, toda a fraqueza passiva que lhe permitira suportar aquelas horas sem fim, dominaram-no de novo. A mesma amargura emoliente e pegajósa, que se aderira á sua sensibilidade durante tanto tempo voltou a esmagá-lo por inteiro. Sentiu-se outra vez miseravel e desamparado, inutil e só, como um trapo esquecido numa sargeta, enlameado por todas as enxurradas indiferentes. Surpreendeu-se, como antes, pensando na vida de Job, raspando resignado as suas chagas, completamente desamparado, dentro da injustiça de sua tragédia espantosa. Como sempre as recordações foram voltando imprecisas e misturadas. Sentiu novamente o baloiço do navio sinistro que o levara, perdeu-se outra vez na tréva alucinante daquele porão de pesadelo. A garganta se lhe ressecou na sêde que não estava sentindo agora e o estômago se contraiu na fome que era apenas uma recordação. As figuras que desejava esquecer povoaram implacaveis o patamar estreito, onde os ruidos do mundo se dissolviam.

Porque não esquecer, porque não recomeçar, depois de lavado de toda a ignomínia, depois de liberto daquela hediondez toda que o contaminára até o mais profundo de si mesmo? Os dedos magros tremiam mergulhados no cabelo que lhe descia até ás orelhas. Porque não poder apagar aquela tatuagem repulsiva, aquela cicatriz dolorosa e voltar á confiança anterior, ao milagre de sentir esperança, á crença de que existia alguma coisa limpa, para além da sujeira tôda que o afogava? Se tudo já acabara, se as horas que estavam correndo não eram mais as horas de horror e de miséria, porque não arrancar aqueles pensamentos de dentro de si, porque não atirá-los para bem longe, como as folhas mortas que se desprendem das arvores e se misturam no turbilhão do mundo que está sempre se renovando? Mas, si nem ao menos conseguia acreditar em si mesmo!

De dentro da casa chegou até êle, como num milagre, um riso cristalino de criança. Uma voz de mulher, voz cansada e sussurrante, voz que ele distinguia entre tôdas as vozes do mundo, chegou até os seus ouvidos exáustos dos gemidos que há tanto tempo o perseguiam. Levantou-se num salto assustado que lhe distendeu todos os músculos de uma vez. Ficou depois longos minutos imovel, os sentidos alerta, procurando ouvir mais, na áncia de compreender as palavras que vinham até êle num murmúrio que não soube traduzir.

No silêncio que se fez depois percebeu

o ruido da chuva que caía ininterrupta lá fora. Sentiu arrepiado uma rajada fria que lhe recordou outros frios maiores que já sentira. E, de novo, mais fortes e mais pungentes ,as recordações voltaram a possuí-lo, a esmagá-lo. Estava de novo na sala comprida como uma nave, onde as camas se enfileiravam imundas e repulsivas. Estava outra vez no cubiculo sujo e estreito, com as carnes amassadas pela tortura, os cabelos do peito empastados pelo sangue que lhe escorrera da boca esgotada de implorar. Estava ainda com os olhos arregalados atravez das grades, espiando o mundo que o atraía de dentro da escuridão macissa que estava para além dos grandes muros cheios de ameaças. Estava, como estivera, misturado com todos os outros que sofriam ao seu lado, consentindo nos horrores que se sucediam á sua volta, aceitando sem protesto todas as abjeções, tolerando todas as baixezas, sofrendo todos os contactos hediondos da prisão, consentindo, descendo, se enlameando. Que importava que tivesse sido puro antes de tudo aquilo? O horror o envolvera num engano sem remissão. E êsse engano durara um ano! Um ano tão longo como, decerto, jamais existira outro, desde o início das idades. E êsse ano arrazara para sempre a sua vida.

Como transpor agora aquela porta, levando dentro de si todas aquelas marcas indeléveis ?

A chuva caía cada vez mais forte lá fora. Dentro da casa o silêncio era absoluto. Quasi sem sentir levantou novamente a mão e, novamente a arriou, sem coragem de golpear a porta. Ficou ainda algum tempo esperando o milagre que não veio. Então, sem nenhum rictus na face parada, baixou lentamente a cabeça, suspendeu com cuidado a gola esfarrapada do paletó, enfiou as mãos magras nos bolsos fundos, desceu em ponta de pés os degraus estreitos e saíu sob a chuva, sem se voltar nem uma só vez...

Depoimento

(Conclusão da pag. 6)

Há muito tempo. Mas tinha mêdo, tinha pena, tinha vergonha — nem sei mesmo o que tinha! e chorava enterrando as mãos nos seus ferozes cabelos.

Tinha era falta de meios, bem o sabia, bem o conhecia. Sentei-me ao seu lado, passei o braço sobre o seu ombro, acalmei-o. Tudo iria se resolver. Tinha um amigo médico, muito competente nessas coisas. Iriamos a êle. O que êle dissesse, se faria. Se fôsse caso para sanatorio, não se afligisse. Eu tinha uns cobrinhos juntos. O que era meu, era dele. E Madalena não era minha irmã?

Pinga-fogo beijou-me as mãos. Sentí que ia chorar. Abracei-me a êle, feliz por poder serví-lo, sentindo contra o peito o velho Pinga-fogo, o mesmo Pinga-fogo da minha infancia, que valia para mim muito mais que Madalena bem mais que tôdas as Madalenas.

Ele abaixou a cabeça:

— Eu tambem, Edgard. Eu também.

Nota sobre "A Estrada Real"

Frederico Reys Coutinho

(Trecho de um estudo)

Destacando-se dos demais livros de Malraux, diretamente suscetiveis de interpretação político-doutrinária, os ensaios epistolares d'"A Tentação do Ocidente" e os capítulos concisos e rápidos d' "A Estrada Real" requerem algumas considerações á parte. Aqueles registram as impressões deixadas no espírito do autor pelo seu primeiro contáto com o mundo chinês, fixando as reações de uma inteligência e sensibilidade européas perante o espetáculo da Ásia; os últimos apresentam-se, frente ás outras produções, que tambem comportam um aspecto romanesco de aventura política(ou, se desdobrarmos e ampliarmos o conceito: aventura revolucionária), com os clássicos requisitos das histórias puramente aventurescas: terras inexploradas, tesouros a descobrir (artisticos, no caso), a presença de selvagens e os incidentes que, geralmente, acompanham os entrechos desse gênero. todos esses banais elementos, porem, dominados, superados pelo talento do autor e, com notavel maestria, utilisados na composição da atmosfera de vigorosa dramaticidade que imprime ás suas páginas a nota-Malraux, inconfundivel.

⁂

Característica narração de aventuras, constituem o maior valor d' "A Estrada Real" os fortes personagens que ela emoldura. Cerebrãis e homens de ação, á imagem do autor, Perken e Claudio lucidamente enfrentam a selva hostil, as ciladas sinistras do selvagem, todas as perspectivas de tormentos e de morte. O prestígio do poder e da riqueza, ocultos no recesso ignóto da Ásia, arrasta-os, numa fuga da civilização, para regiões distantes, ainda invioladas pelo branco, onde o primitivismo dos costumes, a exaltação dos instintos e a agressividade da natureza, favorecem e acobertam a animosidade dos homens. Alcançado o objetivo que a sua vontade implacavel marcara, ainda póde Claudio retornar á Europa longinqua, enquanto Perken, destruidas as esperanças da grande aventura (tentativa de conquista de regiões insubmissas da Indo-China), sucumbe lentamente, gangrenado pelas lancetas de guerra que a ferocidade dos nativos "Stiengs" plantou pela floresta.

Marcada pelo duplo signo da aventura e do exotismo, a narrativa se desenrola num crescendo febril, atravez do qual os dois personagens vão se aproximando do trágico desfêcho, sob aquela obcessão de terras e ambientes estranhos, provocada pela excitação das vigílias na floresta e pela reminiscência de antigas leituras (as legendas coloniáis, as crônicas da conquista): "a partida dos exércitos atravez do odor da noite cheia de cigarras, com moles colunas de mosquitos ácima da poeira dos cavalos; a grita das caravanas na passagem dos vá-os tépidos; embaixadas detidas pela baixa das aguas, diante de cardumes de peixes azulados pelo céu crivado de borboletas; reis idosos, putrefátos pela mão das mulheres; e o outro sonho, indestrutivel: os templos, os deuses de pedra envernisados pelo musgo, uma rã sobre a espádua, a cabeça corroída, por terra, ao lado deles"...

Mais do que em qualquer outro livro transparece o Malraux arqueólogo nos detalhes técnicos das pesquizas, no roteiro da expedição e na enumeração sugestiva dos templos e esculturas preciosas.

A natureza, ausente nas demais obras — traço marcante na arte de Malraux, expressiva da sua preocupação pelos homens, tão absorvente e pessoal que a miúde nela se observa a predominancia do humano sôbre o social, a ponto de Ehrengbourg insinuar uma acusação de individualismo e restringir a experiência humana que ele analisa á experiencia de "alguns homens", de um grupo de homens — a natureza encerra e defende contra a curiosidade e a audácia dos aventureiros os tesouros artísticos trabalhados pelas gerações desaparecidas. Ameaçadora, a presença possante da floresta impõe-se, e a formidavel opulência da vegetação tropical é uma força irresistivel que enerva e acabrunha. A descrição ressalta-lhe os aspétos fantásticos e mórbidos: a atmosfera de charco, húmida e sombria, a palpitação ofegante de monstro fabuloso, as vidas que se decompõem para gerar outras vidas, plantas e animais em contínua transformação...

Acompanhando esse rítmo dissolvente, o homem vacila, a vontade enfraquece, e como que envolvida pela teia espessa das enormes aranhas, enevoa-se-lhe a conciência. O ambiente caótico da selva amortece transitoriamente a prescrutadora inteligência dos heróis de Malraux. Fica-lhes reduzida a existência quasi ao puro instinto. Apenas a ambição aguilhoada ou o perigo imediato pódem despertá-los, e perante a

visão das estátuas cobiçadas ou os indícios sutís da aproximação do inimigo, chega-lhes aos músculos novo vigor, ao espírito nova energia e a dialogação agitada volta a enredar a narração na sua trama nervosa, intelectualisando os episódios violentos que se desdobram.

Em "A Estrada Real", Malraux faz a psicologia do aventureiro, como fixa, nas obras seguintes, o retrato psicológico do revolucionário.

Os seus personagens, sem dúvida, são singulares. Não apenas dominados pela atração do desconhecido ou da fortuna, mas complicados por uma acentuada desadaptação social: tipos ansiosos, de intensa átividade mental, que não cessam de se analisar, de buscar no passado os motivos remotos da sua situação presente; sexualmente inquietos, mas sadios, porque não se recusam a conhecer os instintos e a lhes aplicar a mesma vontade viril de compreender e dominar.

As primeiras páginas crêam logo a sugestão adequada ao desenvolvimento dos capítulos seguintes. Assim como nos "Conquistadores" a narrativa começa com a notícia da greve geral em Hong-Kong, e a projeção desse movimento coletivo indica o sentido político do livro, e na "Condição Humana" o drama de um assassinato, em que a noção do dever partidário vence a repugnancia da morte violenta, condiciona toda a ação posterior e a vida íntima de um dos principáis personagens (a sombra dostoievskiana do áto perpetrado: "Crime e Castigo"), "A Estrada Real" tambem avança de princípio pontas sugestivas de aventura, evocando os grandes aventureiros do passado (Mayerena, James Brooke), transmitindo ao leitor o interesse romanesco que cerca, a bordo, a figura impressionante de Perken, na curiosidade insopitavel de devassar a existência desse branco "que esteve ligado á vida dos estados independentes da Ásia".

Quando, no início, a intimidade se faz entre Perken e Claudio, a simpatia instintiva que os aproxima prenuncia a fraternidade indestrutivel que vai surgir. Mais do que uma ocasional identidade de interesses ou a simples tentação da aventura, associa-os, para um lance decisivo, a pressão irresistivel de afinidades profundas: a insatisfação da vida, o dom da ação enérgica — Claudio, forçado á inação, "numa agonia de intoxicado privado de sua dróga"; Perken, senhor de seus gestos e palavras, o único dentre os passageiros "a pronunciar a palavra energia com simplicidade" — o mesmo desejo de violar as fronteiras do destino moldando a própria existência. Virilisado e robustecido pela ação em comum, a prosa veemente de Malraux exteriorisa aquele sentimento em toda a sua plena significação humana. O longo diálogo das paginas 83 a 94 não interessa apenas á compreensão do livro. Intensamente dramático, por intermédio dele os seus personagens irmanam-se, ás futuras creações do autor: a angústia que os oprime é a conciência da condição humana e a sombria decisão e a coragem que os animam já sugerem as outras lutas em que poderiam se sacrificar.

Concisas e pausadas, as réplicas de Perken e Claudio alternam-se, com o balanço e o calor do próprio coração humano, pulsando livremente e clamando o seu incoercivel anseio de solidariedade e compreensão:

"— Nós jogamos juntos a nossa vida: eu estou aqui para te ajudar e não para exigir explicações ....

....

"— Compreendas-me: se aceito um homem, aceito-o totalmente, aceito-o como a mim mesmo. Qual o áto, cometido por esse homem, que eu pósso garantir que não teria cometido?

Novamente o silêncio.

— Ainda não foste seriamente traído?

— Não se pensa sem perigo contra a massa dos homens. Para quem eu iria, sinão para aqueles que se defendem como eu?

....

— E pouco te importa o logar para onde a amizade possa te arrastar?

— Temeria eu o amor por causa do mal venéreo? Não digo: pouco me importa, digo: eu aceito.

Dentro da noite, Perken colocou a mão sobre a espádua de Claudio.

— Eu desejo que morras jovem, Claudio, como tenho desejado poucas cousas neste mundo... Não suspeitas o que significa, ser prisioneiro da própria vida... Não sabes o que é o destino limitado, inevitavel, que cái sobre nós como o regulamento sobre o prisioneiro: a certeza de que serás isso e não outra cousa, de que foste isso e não outra cousa, de que jamais terás o que ainda não tiveste. E atraz de nós todas as esperanças, todas as esperanças que tivemos, na pele como jamais teremos ser algum vivo....

....

E quando não se tem filhos, quando não se quiz filhos, a esperança é invendavel, não podemos oferecê-la a ninguem e trata-se mesmo de matá-la nós próprios. Por isso a simpatia póde se tornar tão profunda quando encontramos a esperança em outros ....

....

E mais adiante, quando ao sangue de Perken já estão mescladas as toxinas mortáis e Claudio fita-o com desesperada piedade:

"Havia nesse olhar uma cumplicidade intensa onde se chocavam a pungente fraternidade da coragem e a compaixão, a união animal dos seres perante a carne condenada. Perken, embora estivesse preso a êle mais do que se havia ligado a ser algum, sentia a sua morte como se ela viesse de Claudio para si"

Assim desaparece Perken. A vida se lhe esvái com o latejar do ferimento e êle morre na floresta, o seu elemento, como no oceano morre o marinheiro. O destino compassivo não permite que o aventureiro sobreviva ás suas esperanças esmagadas, á destruição dos seus sonhos de conquista.

Nobre Malraux! Conduziste ao coração da Asia as paixões, as fraquezas, os tormentos dos civilisados, e nem a fuga, o combate, a mais louca audacia e a mais alta coragem puderam conseguir com o aniquilamento da personalidade ou a exaltação da vontade uma compensação para os males inerentes á condição humana. Os teus heróis defrontaram na floresta e nos homens primitivos que a habitam a mesma resistência, a mesma hostilidade dos seus irmãos polidos pela civilisação. Tanto esforço e tanta dedicação subjugados pela "austera dominação da morte".

Lição de desalento? Não. Exortação á resistência. Se o tempo presente é de pesprêso e desanimo, não esqueçamos que traz em si, indestrutivel, o germem do futuro, tempo de esperança.

Volta

Jorge Amado

A noite de Estancia o acolheu, noite da grande paz. Ele vinha de longe e seu rosto era fatigado e precocemente envelhecido. Trazia nos sapatos poeira de distantes estradas, rugas no rosto de distantes sofrimentos. E não trazia amor no seu coração cansado. A noite de Estancia era plena de paz e o acolheu. Seu rosto se iluminou e era gratidão pela paz da noite serena. Estrêlas que ele não vira noutros céus, lua romantica que lembrava amores perdidos. Veio tudo para seu coração, de repente, e o renovou, fêz com que ele se esquecesse de outras noites de espantosa angustia.

Vultos que passavam. Êle os fitava com amor e se surpreendeu disso. A noite o envolvia e não havia comparação para a noite pois só depois Amélia apareceu com a paz da noite nos seus olhos. Êle a encontrou sem surpresa pois a noite já o preparara para êste encontro. Ela chegou na noite e era repousante e trazia, na delicadeza das suas mãos, ignorados carinhos, caricias de suavidade desconhecida.

Viria ela também de caminhadas inúteis? Não havia espanto nos olhos de Amélia, grandes olhos de magua e sofrimento, inda assim cheios da extranha paz da noite. A cidade adormecia nos séculos passados, os casarões fechados, azulejos nas fachadas, cercada dos rios encachoeirados, saudosa do mar que rebentava na distancia. A cidade era extranha para ela, ela não era de Estancia dormindo, era da noite enchendo o mundo de paz. Vinha da própria noite, era como um símbolo romantico, mãos que traziam dádivas, olhos que traziam paz. Ele a reconheceu como reconhecera a noite, as estrêlas e a lua. Em volta tudo era sereno na cidade de Estancia que dormia. Êle repousou enfim.

O vento frio passou, ventania que dobrava os coqueiros do caes de grandes trapiches e casas pobres. O velho o cumprimentou e ia dobrado como se o vento o curvasse também. Ficou olhando o velho que desaparecia por detraz da ponte jogado pelo vento como uma velha embarcação. Como uma velha embarcação era êle também. Não importava a lua sobre o cais, iluminando a ponte, recortando o perfil das fábricas. Via as luzes amortecidas da cidade. Foi assim que disse a Amélia:

— Sou como uma velha embarcação.

Não havia espanto nos olhos dela, tão cheios de magua. Inda assim ela trazia os olhos cheios da paz da noite e êle não mais se recordou de passados sofrimentos. Já não era como uma velha embarcação perdida ao sabor do vento. O velho já desaparecera e agora a lua só iluminava a estrada.

A voz dela veio em surdina do silêncio:

— Porque como uma velha embarcação?

Doce, doce Amélia. Êle repetia baixinho: doce, doce Amélia. Não se fazia necessária a toada que o pescador cantava no cais decadente. De Amélia vinha música, mu'sica das suas mãos como carícias, música dos seus olhos maguados. Ele não respondeu ao que ela lhe perguntara, disse apenas para a noite que os cercava:

— Doce, doce Amélia.

Os olhos dela não sorriram que a paz não é sorridente e mesmo seus olhos eram maguados. Perguntou:

— Você disse que era como uma velha embarcação?

— Cançado das viagens.

A toada que vinha do cais atravessava a ponte, se perdia na noite. Ela levantou os olhos e só então êle sentiu que a paz que ela trazia dentro de si era feita de sofrimento. Não disse nada que eram vãs as palavras. Levou a mão aos cabelos que a lua iluminava e os acarinhou, era como se acarinhasse uma irmã infeliz, uma noiva doente.

Ele não ouviu a história que ela contou. Era triste, isso diziam seus olhos, isso dizia a paz que enchera, por fim, seu coração. Êle também tinha uma triste história e, no entanto, não encontrara a paz. Seus pés andaram longas estradas que a angustia o fazia caminhar procurando outros destinos, logares serenos como aquele velho cais. Êle não ouviu a história que ela contou. Se deixou embalar na voz dolente que ela tinha, na doçura dos seus olhos, na paz que vinha da noite ou dela e o envolvia. Agora êle a confundia com a noite serena, de onde vinha aquela paz e aquela doçura ele não mais sabia. Vinha dela ou vinha da noite? E a voz que contava histórias soava como uma cantiga de ninar e êle estava como se repousasse nos braços dela, como se dormisse acarinhado por ela, como se morresem juntos no fundo do rio de aguas tão claras.

A história era triste mas a voz que a narrava, a voz tão baixa de Amélia, não entristecia. Acalentava, era doce como a noite de tantas estrêlas.

E, de repente, falaram muito de viagens. Queriam esquecer tudo que traziam nos cérebros cansados, nos corações chagados. Êle contou de outras paragens, de regiões diferentes, de povos e costumes. Ela o ouvia com uns restos de alegria nos lábios sem sorrisos.

Êle falava de coisas passadas, mas para ela era como se êle falasse de coisas a acontecer. Viagens que deviam ter feito juntos e que só um fizera. Agora ela seguia com êle por aquelas estradas já percorridas, via o pitoresco do mundo. Mas ia serena porque o sofrimento a levara até a paz.

Quando falaram nisso (há muito haviam novamente ancorado no velho cais de Estancia) ela disse:

— Triste paz.

Ainda assim êle a invejava porque muito ainda teria que sofrer para ter a paz que ela trazia nos olhos. E descançou a cabeça cansada nas mãos de Amélia tão cheias de carícias jamais distribuidas. E a paz da noite, a paz dos olhos de Amélia, veio de novo e encheu aqueles corações.

Depois êle retomou suas estradas. Um dia talvez conseguisse que seus olhos tivessem tambem aquela paz da noite de Estancia, dos olhos maguados de Amélia. Então voltaria e, de mãos unidas, percorreriam novamente os caminhos da cidade, veriam o velho cáis, escutariam as canções dos pescadores, na velha ponte recordariam uma noite de paz e talvez se amassem novamente. Com certeza se amariam novamente.

O Poeta

PHOCION SERPA

Antes de dar início ao apólogo de Emerson, cuja tradução livre, executei para íntima satisfação do meu prazer espiritual, desejaria proporcionar aos leitores que, porventura, o desconheçam, uma breve notícia desse varão verdadeiramente notável e singular.

Aos 25 dias do mês de maio, em 1803, isto é, há 135 anos, nascia em Boston, uma criança predestinada, que receberia o nome de Ralph Waldo, em obediência á tradição americana, que fazia incorporar ao nome de batismo, dos recem-nascidos, um dos nomes de familia, dos seus ancestrais.

Chamou-se, pois, desde esse dia, Ralph Waldo Emerson, o novo rebento dessa já ilustre familia, cujas raizes de sangue remontavam a outras éras, em terras da Escossia.

A vida desse menino seria longa e bela, e, não somente do ponto de vista intelectual, mas, ainda, e particularmente, do ponto de vista moral, de sua ação pública ou particular, chegou a ser fértil, proveitosa e abundante, tais os predicados espirituais que transformariam o seu privilegiado portador, em uma das expressões mais nobres e eminentes, da sua pátria.

Os pais dessa afortunada criança, — escreve M. Dugard, seu ilustre biógrafo e entusiasmado panegirista, — os progenitores de Ralph Waldo Emerson, eram, em tudo, dignos dos seus ancestrais, por serem continuadores daquele puritanismo escossês que os seus maiores haviam transportado para as terras do exílio, na Nova América, mais de dois seculos antes, em 1635.

O ambiente familiar, austéro e puro, de onde êle provinha, contava, já, em suas várias ramificações, representantes afamados e ilustres, constituindo-se em autêntica e esplendorosa constelação de prosélitos das boas causas, e, entre os quais, poderiam ser enumerados: vinte pastores religiosos, cincoenta graduados, uma legião de teólogos e letrados, pioneiros da civilização que, através de séculos, impulsionavam as tradições da cultura, o amor á independência, o zêlo da vida interior, nobremente vivida, e o gôsto da filosofia.

O próprio pai de Emerson, seguindo e prosseguindo na mesma linhagem dos seus maiores, fizera-se pastor religioso, de uma das mais importantes igrejas protestantes, de Boston, nos arredores de cujo presbitério, todos podiam vê-lo cuidando do seu pomar, da sua horta e das suas terras, nos intervalos dos ofícios religiosos.

Dizia-se, mesmo, naquelas redondezas, que o velho Emerson repartia com as suas ovelhas cristãs, não só o pão espiritual, mas tambem, o pão de trigo que êle e sua mulher cozinhavam, tôdas as manhãs, para a sua próle.

O jóven Emerson experimentava, assim, matinalmente, a influência dignificadora do meio familiar em que nascêra e, desse modo, se fêz homem, crescendo na virtude dos bons exemplos, tornando-se, mais tarde, um dos mais belos espiritos de sua época e um dos homens mais notáveis do seu tempo.

A escassês de espaço não permitiria minudenciar a vida desse varão extraordinário, filósofo e poeta, artista, professor de belezas e harmonias, memorialista paciente e exáto, de si mesmo, cujo espirito cujos talentos, pela sua profundês, pela sua claridade e equilibrio, fariam o deslumbramento de seu grande amigo Thomas Carlyle.

Emerson, como êle ensinaria aos outros, prendeu o seu destino a uma estrêla!

Essa estrêla, que é a sua perpetuidade e a sua glória, palpita ainda e, sempre, palpitará, anunciando os esplendores da sua incomparável riqueza moral e da sua existência fecunda, harmoniosa e deslumbradora, que todos poderão contemplar através de sua obra imortal, de artista.

E' desse magnifico espirito criador de simbolos e belezas, a pequenina obra prima que ides ler na interpretação que lhe procurei dar, passando-a do seu para o nosso idioma.

O POETA

Certa vez — conta Emerson, numa das páginas da sua autobiografia — certa vez, sete homens, um após o outro, atravessaram, no mesmo dia, um mesmo campo.

O primeiro, lavrador, habituado ao trato da terra, não teve olhos sinão para as plantações que esmaltavam a terra.

O segundo, que era atrônomo, atravessou o campo, quasi indiferente com os olhos e os sentidos voltados para o céu, fitando os horizontes fugidios e longínquos, á procura dos astros mais distantes, ainda.

Era um médico, o terceiro, e, atravessando essas terras, só se preocupou com as águas remoradas em pôças, suspeitando os miasmas insidiosos e maléficos que, dentro delas, deviam morar.

O quarto homem, atribulado com as coisas da guerra, porque fôsse um militar, imaginou logo, de relance, medindo a terra com os olhos, a defesa dos caminhos, e, na sua preocupação interior, foi dispondo, aqui e mais além, as tropas para o combate e as armas para o assalto ao inimigo.

Veio, depois, um geólogo e, enfeitiçado pela ciência, não viu sinão os rochedos e não teve olhos senão para o humus do campo.

Empós desse, surgiu um agente territorial, que examinou, detida e meticulosamente, a terra, medindo-a, calculando-lhe a riqueza pela subdivisão, em lotes e planeou a estrada para os veículos, e distribuiu, mentalmente, os sítios a serem ocupados pelas cavalariças.

Finalmente, um último homem apareceu.

Tranquilo, feliz e despreocupado, extasiou-se na contemplação das sombras com que os arvoredos atopetavam o chão, lançou um olhar vago, aos horizontes infinitos, e, voltando o ouvido na direção dos bosques rumorejantes de águas, de azas e cicíos, ouviu, sorrindo, a algazarra musical dos melros, assobiando por entre os ramos, e acompanhou com os olhos e com o coração, a suave melodia de uma cotovia que voava e cantava, dançando na relva húmida e polvilhada de sol, do prado tranquilo...

Êsse, era o Poeta!

Olhai os lirios do campo

ERICO VERISSIMO

1 O médico sai do quarto n.° 122. A enfermeira vem ao seu encontro.

— avise o dr. Eugênio. E' um caso perdido, questão de horas, talvês de minutos. E ela *sabe* que vai morrer...

Silêncio. Uma golfada súbita de vento atravessa o corredor. Ouve-se o ruido sêco duma porta que bate. A irmã de caridade estremece, lembrando-se da madrugada em que morreu o paralítico do 103. (A enfermeira que estava de plantão lhe contára horrorisada que sentira o sôpro gelado da morte entrar no quarto do doente).

— Êle está na casa da família, doutor?

— Não. Peça ligação com a chácara do sogro em Santa Marta. Diga ao dr. Eugênio que a Olivia quer vê-lo. Talvês êle ainda possa chegar a tempo...

Encolhe os ombros, pessimista, acende um cigarro e suas mãos tremem um pouco.

Irmã Isolda caminha para o fundo do corredor, entra na cabine do telefone, disca para o centro.

— Alô! Alô! Fala o Hospital Metropolitano. E' um caso urgente. Quero longa distancia...

As lágrimas lhe escorrem pelo rosto.

⁂

2 ... *uma pancreatite hemorrágica* — diz a voz velada e distante.

Como se tivesse pressentido a desgraça primeiro que o cérebro, o coração de Eugênio, desfalece, suas batidas se tornam mais espaçadas e cavas.

... o *dr. Teixeira acha que é um caso perdido. Ela sabe que vai morrer... pediu para vê-lo...*

Eugênio sente estas palavras com todo o corpo, sofre-as principalmente no peito, como um golpe surdo de clava. Uma súbita tontura lhe tolda os olhos e o entendimento. A voz remota agora lhe chega aos ouvidos em palavras que para êle não têm mais sentido. Eugênio deixa cair a mão que segura o fone. Só tem conciência de duas coisas: duma impressão de desgraça irremediável e da pressão desesperada de seu coração que a cada batida parece crescer, inchar sufocadoramente. Êle sente o surdo pulsar do sangue nas têmporas e na carótida. Sua respiração é penosa e desigual, a bôca lhe arde, o peito lhe doi — é como se de repente tombasse sôbre seu corpo toda a canseira duma longa corrida desabalada.

Pendura o fone e corre para a janela em busca de ar, na esperança de alguém ou alguma coisa lhe grite que tudo aquilo é sonho mau, alucinação.

O sol da tarde doira os campos. O açude reluz ao pé do bosquete de eucalíptus. Mas o que Eugênio vê são os seus pensamentos. E Olivia, está em seus pensamentos, pálida, estendida na mesa de operações, coberta de panos ensanguentados.

Ela sabe que vai morrer... pediu para vê-lo.

Sim. Êle precisa ir. Imediatamente. Olivia vai morrer. Os olhos de Eugênio se inundam de lágrimas. Os segundos passam. E agora que sua respiração aos poucos se vai fazendo normal, o que êle sente é uma trêmula fraqueza de convalescente.

Uma voz de criança flutua no silêncio da tarde, num grito prolongado. Um rapazito vai dar de beber a uma vaca malhada, tange-a com uma taquara para a beira do açude. As imagens do animal e da criança se refletem na água parada. Eugênio pensa na paz de Deus. Olivia sempre lhe falava nessa grande paz que nada consegue quebrar. E de repente êle tem a impressão de que vai começar a pagar os seus pecados, a expiar suas culpas.

Fica alí á janela por algum tempo, relembrando os seus erros, como um homem diante de Deus á espera do Juizo Final.

Mas da própria paz dos campos ou da idéia de Deus lhe vem agora uma doida e alvoroçada esperança que lhe toma conta de todo o ser. E' possível que Olivia se salve... Seria cruel demais morrer assim... Há milagres... Êle se lembra de casos...

Eugênio dá algumas voltas no quarto, sem destino, atarantadamente. Depois apanha o chapéu e precipita-se para a escada.

Por quê se detém de repente no patamar, como se tivesse encontrado um obstáculo inesperado? Eugênio tem conciência dum sentimento aniquilador: da sua covardia, da sua imensa e dolorosa covardia num momento em que devia esquecer tudo — preconceitos, conveniencias, aparências

— e correr para Olivia. E alí parado, amassando o chapeu nas mãos nervosas, êle se analisa e sofre. Lá em baixo no jardim está sua mulher. Há o perigo de êla descobrir toda a verdade. Êle terá que inventar uma desculpa para aquela viagem precipitada. Mas Olivia vai morrer, seria monstruoso deixá-la ir-se sem lhe dizer uma palavra de carinho, sem ao menos lhe pedir perdão. E no instante mesmo em que formula êste pensamento, Eugênio sente que seu inexplicável orgulho e sua invencível covardia não lhe permitiriam pedir perdão a ninguém.

Meu Deus, mas eu preciso ir, custe o que custar, aconteça o que acontecer.

Começa a descer a escada devagar.

Que desculpa daria a Eunice para aquela inesperada corrida para a cidade? Antevia a situação embaraçosa, no hospital. Olivia... Os outros... O dr. Teixeira dando explicações friamente técnicas. Tu sabes, uma pancreatite hemorrágica... Os olhares... Compreenderiam tudo... Cochichos... Quem ? Amantes... Ah ! Êle é o dr. Eugênio Fontes casado com a filha daquele ricaço, o Cintra, conhece?

Os dedos de Eugênio crispam-se sôbre o corrimão. Seu coração agora bate com fúria desesperada.

Olivia, muito pálida, querendo dizer alguma coisa... O vulto perto da cama no quarto escuro (não acenderam a luz) é o Padre. As mãos brancas de Olivia seguram a vela... Santo Deus, é um castigo !

Lágrimas quentes escorrem pelas faces de Eugênio. Êle as enxuga e caminha para o jardim.

Grita na direção da garage :

— Honorio !

O chauffeur aparece :

— Tire o carro depressa. Precisamos ir á cidade a toda velocidade. E' um caso urgente.

⁂

Eunice lê no jardim á sombra dum enorme parasol de gomos vermelhos e azues.

— Preciso ir á cidade com urgência.

Ela ergue os olhos do livro, fita-os no marido.

— Que é que tens? Estás tão pálido...

Êle responde sêco:

— Nada. — Arrepende-se, procura corrigir o tom brusco. — Foi uma notícia que recebí... O Ernesto, tornou a aparecer.

Os olhos dela têm uma luz fria. Parecem enxergar através daquelas palavras mentirosas.

— Não precisas explicar. — Pausa. Miram-se por um instante como dois estranhos. — Naturalmente só voltarás de madrugada... ou amanhã.

Êle olha o relógio:

— São quasi seis. Só chegarei á cidade ás nove, nove e pouco... Acho que só posso voltar amanhã de manhã...

Eunice se recosta na cadeira.

— Tu sabes que eu faço questão de não me meter na tua vida. Faze o que entenderes. Em todo o caso, obrigada pela comunicação...

Eugênio julga ver um brilho de ironia nos olhos dela.

— Tu não ficarás sózinha. ..antes do anoitecer teu pai estará aquí...

— Oh! não te preocupes comigo. Eu sei tomar conta de mim mesma. Além disso, tu sabes, eu gosto da solidão. Ela nos convida a exames de conciência. Por falar nisso, deves estar precisando de um...

Eugênio cora. Eunice torna a baixar os olhos para o livro. Por um instante êle fica a contemplá-la, sentindo uma raiva fria e perversa. Alí está Eunice nas suas eternas atitudes de capa de revista. Literata! Imaginando-se sempre focada pela luz dum refletor, num palco. Procurando fundos artísticos para a sua figura. O que a salva de ser absolutamente ridícula é a sua beleza. Sim, ela é bela. Mas não tem alma. Ou tem muitas almas, almas de empréstimo, almas dos personagens dos romances que lê. Nem chegam a ser almas. São atitudes. Mas nada disto agora importa. Paira uma grande desgraça sôbre o mundo. Olivia vai morrer.

— Bem, até amanhã.

Sem erguer os olhos Eunice responde:

— Até amanhã.

Eugênio volta-lhe as costas e caminha na direção da garage.

Algumas reflexões despropositadas a propósito de certos despropósitos

Afonso de Castro Senda

Porto, Março, 1938.

Principiemos por uma conclusão: "O esteio de uma sociedade reside na ausência das suas razões fundamentais".

Esta maneira de ver parece, de certo, absurda. Analizêmo-la, todavia, serenamente, e vejamos se o é de facto.

Compreende-se: refiro-me a uma sociedade depois de constituida solidamente, depois de bem adaptada ao seu ambiente próprio. Que é ainda: uma sociedade suficientemente evoluida de forma a ter já adquirido nos seus membros — o homem-ambiente — a mentalidade característica da sua célular contextura. Porque, de certo não escapa a ninguém que a uma sociedade corresponde uma determinada mentalidade (mentalidade, alias que, como veremos adiante, quando atingida, é a negação da própria mentalidade) que se exteriorisa pelo homem nela integrado comodamente. O homem, portanto, legal; — o homem-ambiente.

Definido este traço, prossigamos: Esse homem pode, muito bem, não satisfazer, mesmo pelo grau em que cristalisou, os proprios ideáis teóricos que imprimiram rumo a essa sociedade. Porque esses ideáis, dentro do seu ambiente de abstração concebem certo perfeito-absoluto. Melhor: o perfeito absoluto, atingido na prática, segundo as suas (da sociedade) interpretações moráis, seria o ideal teórico realizado. Ora, do desenvolvimento da prática segundo a aplicação dessa teoria é que resulta o homem-ambiente, que é, não a inteira expressão prática da teoria que lhe deu causa, mas sim a expressão, condicionada pelo natural andamento do sistema, da sua cristalisação mental. Não figura, pois, como a realisação prática do idealmente preconcebido, mas antes como a resultante prática desse mesmo idealmente pre-concebido. Não é o ideal último da sociedade atingido na prática mas sim a ulterior expressão prática: —o que surgiu, aceitou o imutavel das suas teorias, e cristalisou.

Destes, impõe-se ainda que distingamos: o que conserva e vive a pureza das instituições, e o que nelas é o depravado: — um e outro efeito duma mesma causa, um e outro expressão do regimen social em que nasceram.

Devemos ter igualmente em conta que esse homem-ambiente só atinge a sua afirmação verdadeira quando começa a ser ultrapassado o período áureo. Isto é: depois da sociedade ter atingido o maximo da sua força criadora, impossibilitada, portanto, de continuar a construir-se sobre a sua propria construcão definitiva, é que o homem-meio culmina na sua expressão definitiva — expressão que segue inalterável por todo o período de declinio, ingressado no sistema consequente, vai então a pouco e pouco perdendo os seu traços de relação com o anterior, que só desaparecem completamente no novo periodo áureo ao mesmo tempo que volve inteiramente homem-ambiente desse outro período; — na cristalisação mental correspondente a esse outro sistema.

E' lugar comum: o homem é a retratação do seu meio e da sua época. Não confundamos, todavia, com o homem-ambiente acima exposto. Porque aquele a que faço referência nas anteriores considerações é o homem expressão dum sistema evoluido. Este, o que cito agora, é o homem expressão de vida, independente dos sistemas transitórios. E', por outras palavras, o homem eterno, vivente do todos os sucessivos momentos, o transitorio-continuado, ao contrario do outro que era o homem geral expressão dum sistema mais ou menos efêmero. O primeiro, pois, homem-expressão de sistema. O segundo: homem-expressão de vida.

Retomemos a nossa conversa: o homem é a retratação do seu momento — que é a vida eterna nos sucessivos particulares. E resultante do seu passado, os efeitos que lhe deram causa, afirmação do seu presente e determinação do seu futuro.

Derivemos agora um pouco: só teóricamente se pode admittir a vida fóra do espaço e do tempo. A vida, como conceito absoluto, é irreal como todos os absolutos. Não significa, porém, que a não tenhamos de conceber, porque só concebida ela em absoluto, poderemos deduzir o relativo. Importa, pois, a aceitação de dois extremos absolutos, dois estaticos, primeiro e ultimo, para que possamos figurar-nos a trajetória seguida pelo homem — homem expressão de vida — a maneira dinamica, os momentos sucessivos do mesmo se afirmar num sentido de interminavel progredir.

Aqui, então, o homem dinamico, o homem expressão de vida, a procurar, segundo o seu proprio superar-se continuo, um sistema social em que possa ir-se sempre movimentando, um sistema no qual tenha garantido esse contínuo sobrepor-se.

Mas nós sabemos bem: os sistemas sociáis representam as diversas etapas cujo somático indica o estado progressivo da humanidade. E vimos já, tambem, que uma sociedade tem um periodo de duração que, longe de acompanhar a superação do homem, melhor: longe de viver a passo e passo segundo o continuo ultrapassar-se do homem — para servir ao qual foi criada — entra em determinada altura numa decomposição lenta, mercê da conservação das normas (normas, alias, que quando lhe deram existência, representavam o dinamico. Aquelas que a sociedade tende a conservar, sendo ainda as mesmas, representam já, porém, o estático. Isto, sabe-se, em virtude de terem já cristalisado) que lhe deram existencia: certa lei social para velar por certa estrutura moral.

Ora, no período do seu maximo esplendor é que verdadeiramente se encontra o homem a colaborar com o sistema (no período de ascenção dá-se o fato de sociedade ser maior que o homem. No de declínio o da sociedade não bastar para o homem), sucede que só em breves instantes há um encontro da vida com o sistema.

Resulta daqui que, mais acentuadamente nos periodos de declinio, e dentro destes, na medida em que o declinio vai sendo maior, se verifica o instinto da massa entrando em sublevação contra o proprio sistema impelida pela necessidade de conquistar-se na vida eterna, ao mesmo tempo que a nobresa do pensar intelectual, debruçado sobre o seu próprio destino e sôbre o momento que lhe corresponde, entra em choque com o meio, rebela-se contra o sistema que falece. E, pois, a vida impossibilitada de se submergir com o sistema (no instinto da massa ou na mentalidade esclarecida do intelectual) a prepararem o advento dum outro sistema que de novo, até ao momento auréo ha-de construir-se, isto é: ha-de garantir ao homem a sua continua sobreposição.

Agora, esta natural dedução: mentalidade e cultura para serem mentalidade e cultura (ou ainda: pensar intelectual) são sempre uma afirmação de vida. Porque a sua propria existência significa um volver de todos os minutos, num engrandecimento da vida; — da vida e do homem. Ora, vimos já: o pensar intelectual (que é mentalidade e cultura) é que estabelece e determina os diversos sistemas sociais, tratando de os harmonisar, já se vê, com o homem criação; com o homem dinamico, com o homem-vida. Daqui, que ultrapassado o já várias vezes citado período áureo, logo se vai afastando desse sistema á medida que o declínio aumenta e mais se vai acentuando a sublevação da massa, aprofundando o instaurar do sucessor.

A mentalidade, pois, (cultura, pensar intelectual) a trabalhar em desfavor do sistema — do sistema, frize-se, em que tem de viver.

Eis então a cultura, a mentalidade, em oposição ao ambiente. O homem afirmação de vida, que deu ser e imprimiu grandeza, noutro tempo, a êsse sistema, volvido seu adversário; volvido homem ilegal.

Chegados agora a este ponto, temos:

VIDA — volver contínuo numa indefinivel sucessão — construida permanentemente de harmonia com o superar-se do homem.

SISTEMAS SOCIAIS — etapas sucessivas, cujo fim é permitir que o homem vá vivendo dentro de determinadas normas, segundo a ascenção que vai adquirindo por engrandecimento próprio, dentro da mais alta concepção de vida.

SUBLEVAÇÃO DA MASSA — o instinto condicionado á vitalidade dos sistemas sociais, lançando-se á conquista, do seu futuro nas épocas em que o sistema começa a revelar a sua incapacidade criadora. Instinto de prolongamento vital.

MENTALIDADE — a maneira do homem se afirmar intelectualmente sempre na vanguarda do seu tempo, paralelo á vida que se edifica na sucessão interminavel dos instantes.

Estes, numa breve observação, os factores que no período de declínio entram em choque com o homem-ambiente, — o homem tal qual ficou definido no começo deste artigo.

E agora, que o contrasenso começa a tomar relevo, encarêmo-lo seriamente: Os sistemas, idealisados e criados pelo homem-mentalidade-vida, — criados para uma sempre mais perfeita integração do homem nos instantes que correm, volvidos, em determinada altura contra o homem, contra a mentalidade que os determinou e a vida — razão da sua existencia verdadeira. Volvidos "contra" pela standardisação de determinada mentalidade caracteristica — aquela justamente que foi a dificuldade do seu advento — aquela, justamente, negação de mentalidade.

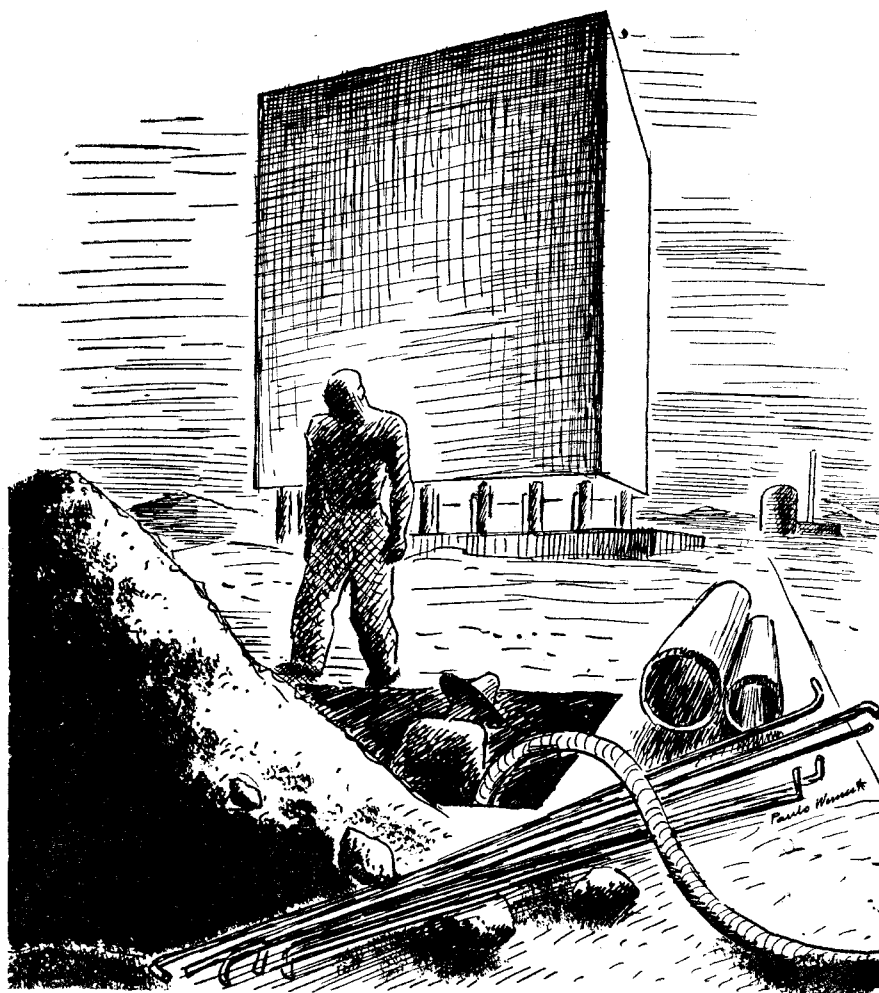
A sociedade, portanto, ausente das suas realidades mais altas: — MENTALIDADE-HOMEM-VIDA.

A sociedade, afinal, na negação de si mesma.

E tudo isto, sabe-se, é uma mecanica inviolavel: porque o ideal, no fim de contas, seria encontrar um sistema rebelde á cristalisação, um sistema continuamente no seu período áureo, que garantisse a permanente construção sobre si mesmo — num paralelismo perfeito com o ultrapassar-se contínuo do homem. Uma sociedade, emfim, encontrada em todos os instantes com o dinamico interminável da vida.

Como acabamos de ver, é, justamente o que se não verifica; é isso que estamos privados de conseguir.

A conclusão sai por si e só no seu paradoxo se explica: "o esteio de uma sociedade reside na ausência das suas razões fundamentais".

PAULO WERNECK ilustrou

Formas

A beleza atual de poucas côres
E três dimensões fala bem alto:
Rolos compressores
Tanques de asfalto.

As manilhas dos boeiros, os pilares,
os edificios das centrais elétricas:
Desenhos lineares
Figuras geométricas.

O balão do gazometro, esses tubos
Das chaminés, um sonho retilineo
Os luzentos cubos
Feitos de alumíneo.

Aqueles três canudos de cimento
Sujando o céu azul de poeira fina
No bairro cinzento
Nas cinzentas usinas...

Sonhos brancos, higiênicos, tranquilos
Me proporcionam quasi diáriamente
Os escuros silos
Erectos no poente.

A nossa preferência acha-se em jôgo.
Formas atuais... Detestem-nas, proclamem-nas...
Móveis como fogo,
Finas como as láminas...

O vasio imponente das planícies,
As sombras agressivas de altos cumes,
A sugestão azul das superfícies
E a grandeza parada dos volumes!

AFONSO SCHMIDT

De Charles-Louis Philippe

◆ La Mere et L'enfant

On ne sait pas bien comment cela commence, mais voici qu'un jour, alors qu'il contemple le soleil, ou la lampe, ou le feu, l'enfant se met á parler. On appelle cela gazouiller. Ce n'est pas encore des syllabes, c'est á peine des sons, c'est lumineux et tremblant. C'est indécis comme un rayon de soleil au matin. On sent une petite conscience qui perce son enveloppe et qui fait du bruit, naivement, pour montrer qu'elle est lá. C'est comme un ruisseau qui passe sur des cailloux. C'est aussi comme un oiseau qui chante, sans cause, tout simplement parce qu'il est en vie. Maintenant, chaque fois que l'enfant regardera quelque chose, ses yeux brilleront, et il gazouillera. Je vous dis qu'il y a le feu, la lampe et le soleil qui entrent dans son cerveau comme de la lumiére, et qui en sortent comme des paroles.

◆ La Bonne Madeleine

Ah! nos morts, pourquoi ne les avons-nous baisés davantage! Ils avaient un corps infini pour les étreintes bien-aimées, ils avaient des mains grêles et grises parce que nous n'y posions pas assez souvent nos lèvres, ils avaient au visage des plis souffrants qui sont restés en nos coeurs, et eut fait bon baiser ces visages!

Ah! Madeleine si j'avais su, je me serais agenouillé sur tes genoux, j'aurais posé mes mains dans les tiennes et tu les aurais gardées tout le soir!

◆ Charles Branchard

L'hiver balayait tout sur son passage, et ramassant les sentiments dont chacun s'efforçait d'entourer son coeur, l'hiver les enlevait comme un duvet et vous laissait une ame toute nue sur laquelle il régnait avec rage. Une seule chose existait: elle s'appelait la souffrance. Il était indiscutable qu'elle fut lá, l'enfant grelottait, et dans la position qu'il avait adoptée, á cheval sur le feu, commo disait sa mêre, il la sentait passer en lui comme un courant d'eau froide et glacer cette confiance que jusq'ici il avait mise a vivre.

(Transcrito de "Caractéres")

Jorge Amado, Romântico

BENJAMIM LIMA

Vejam bem que digo "romantico", e não "poético".

Abórdo, por consequência, um assunto novo, ao envés de focalisar outro que, de tão batido e gasto, já perdeu quasi todo o interesse.

Com efeito, não tem havido crítico de Jorge Amado que de preferência não se aplique ao exame da força poética dos romances publicados por ele.

Raramente verseja, e quando o faz, revela-se de uma negação absoluta para a poesia. Coisa bizarra, desconcertante! O extraordinário, fascinador poeta que existe em Jorge Amado, só aparece nas suas narrações, isto é, na prosa que ele escreve com o intuito de surpreender aspetos bem prosaicos da naturesa e da vida. E' que enternecimento do novelista diante das coisas mais tristes, dolorosas e feias do mundo, constitue a sua maneira singular de sêr poeta. E d'ai a estranha belesa espiritual de que se envolve tudo quanto ele contempla.

"Jubiabá" e "Mar Morto" — mas especialmente o segundo — são verdadeiros poêmas dramáticos, a despeito de todas as brutalidades e sujeiras que neles reúne Jorge Amado sob o domínio de duas obsessões — a literaria, do naturalismo e a doutrinaria do humanitarismo.

Assim, é em vão que esse poeta faz tudo por se insurgir contra o seu destino magnífico de criar belesa. Os horrores que descreve, unicamente espalham emoções antagônicas das que deviam semeiar. Interfére a sensibilidade do artista. E resulta obra de pintor, e pintor dos mais imaginosos e delirantes, aquilo que obra de fotógrafo somente queria sêr.

Não se diga, de resto, que jamais aconteceu coisa idêntica. Pois não foi assim, precisamente, o caso de Zola? Nos livros que este pretendeu fazer imundos, analistas dos mais argutos apenas vislumbravam "realismo épico", enquanto investigadores mais sensiveis descobriam toda uma floração de "naturalismo alado". E tão grande se mostrava, nesse homem, a gula do grandioso, que, depois de produzir tantos dramas empolgantes, viveu um superior a todos os outros — aquele cuja reprodução cinematografica está, neste momento, arrebatando as turbas, em todo o universo.

E quem sabe si não o vai imitar mesmo aí o nosso compatriota, mais tarde ou mais cedo, por influencia das idéias sociais que o apaixonam?

Mas, não foi — repito — para estudar a poesia de Jorge Amado nas suas modalidades múltiplas, que peguei da pena.

Outro assunto, inteiramente diverso e infinitamente mais sugestivo, porque novo em folha, me preocupa.

E' o romantismo desse escritor, que anda pela primeira vez a exibir-se em páginas intercaladas subrepticiamente, ou, melhor, com impudor e fraude, na reportagem feita por ele sobre varias Repúblicas hispano-americanas, para o brilhante semanario "Dom Casmurro" — essa criação esplendida do talento irrequieto de Bricio de Abreu.

Não se imagine que seja uma feição inédita e imprevista da mesma poesia de Jorge Amado, já de sobejo conhecida e enaltecida.

E', justamente, o que póssa imaginar-se de menos poético.

Pois não é que o homem se prevaleceu abusivamente da oportunidade para dirigir galanteios do peior gosto a uma namorada?

Não sei de armadilha mais revoltante.

Os leitores são convidados a percorrer em espírito, na companhia de alguem que realizou de fato essa excursão, boa parte do nosso continente; e o pérfido guia, de vez em quando, leva-os... Para onde, santo Deus?! Para uma cidadezinha de Sergipe, onde ficou uma criatura por quem ele evidentemente se interessa muito, mas a quem nada póde prender esses leitores!

Muito!

A dona ou donzela referida bem que seria capaz de fazer irromper em todos vós, sob fórma naturalmente platônica, e por isso mesmo tanto mais deliciosa, qualquer coisa de assemelhavel ao estado d'alma do seu extasiado evocador.

Acontece, porém, que esse êxtase não foi propicio ás faculdades literarias e aos dons imaginativos de Jorge.

Dir-se-ia que toda a inteligência lhe escapa, quando ele fica tomado de amores.

Não conheço amorudo a quem tal condição aproveite menos, do ponto de vista artistico.

Essas páginas de Jorge Amado chegam a constituir um modelo de péssima literatura passional.

E, assim, o fenômeno Jorge Amado se torna de mais em mais aberrante e estranho.

Si fala de sêres hediondos e cênas torpes, realisa ótima poesia. E', porém, romantismo da peior qualidade, lamécha, ridiculo, piégas, que perpetra e impinge capciosamente, quando se esfórça, por difundir o seu íntimo deslumbramento de todos os instantes, á simples reminiscência de uma encantadora mulher!

Esse caso merece estudo de quantos cultivam a psicologia dos homens de letras.

O folk-negro no Brasil

Maria Violeta Coutinho

O estudo dos elementos com que o negro africano contribuiu para a formação do folklore brasileiro é dos mais interessantes, porque neles vamos encontrar a expressão de seus sentimentos, anceios de liberdade e saudade da terra longinqua e dos seus.

Foi nas danças e festejos, nos contos e nas cantigas dolentes que eles procuraram recordar a terra distante, e, na dedicação ao branco, buscaram satisfazer o seu desejo de amar e devotar-se. E todo esse mixto de nostalgia, dolência, ódio e fervor abnegado, nós o encontramos nas atitudes do africano escravo.

Quanto ás contribuições por êles trazidas á formação do nosso folk-lore, podemos distribui-las em quatro grupos:

1.º) Alguns contos e lendas.
2.º) Cantigas de ninar.
3.º) Cantigas de acompanhar trabalho.
4.º) Festas populares.

1.º) Versam os contos e lendas, geralmente, sobre figuras tornadas populares, e atravez das quais facil é interpretar a mentalidade do negro africano. Assim, entre os contos e as lendas, destaca-se, como o ciclo mais celebre por sua importancia, o ciclo do pai João. Pai João, tipo caracteristico e célebre, ora astuto, ora indolente, sintetisa a individualidade complexa do negro dos tempos da escravatura.

Outro tipo africano, igualmente centralizador de muitos contos populares e de anedotas, é a "Mãe Maria". E' geralmente a velha ama de menino, dedicada e infatigavel contadora de histórias.

São tambem africanas as histórias do bicho **Pondê**, que pode ser identificado com o lobo do chapeuzinho vermelho.

Outro bicho, o **Kibungo**, deu logar a numerosas lendas. Meio homem, meio animal, de cabeça muito grande tem nas costas um buraco, de que se utiliza para devorar as crianças.

Ainda entre animais, figura, como elemento central de muitos contos, a tartaruga.

Além destes tipos originàriamente africanos, encontramos identificação de elementos indigenas e negros. Assim, o **sacy**, que, muito semelhante ao mito africano do **Gunucô**, foi assimilado a este.

Os negros da Africa dedicavam tal culto ás historias que tinham um narrador de tradições — **o arokim**, e um **akpalô**, isto é, um fazedor de contos.

No Brasil é a velha africana contadôra de historias, quem perpetua este culto.

2.º) Quanto ás cantigas de adormecer, cantigas de berço, popularmente chamadas de ninar, constituem uma das expressões mais significativas do amor materno.

Entre todos os povos, em todos os cantos da terra, é sempre comum a figura da mulher reclinada sôbre um berço, ou acalentando ao colo uma criança.

Entre nós, brasileiros, ao lado da mãe, a ama africana, por vezes ainda mais dedicada e amorosa, concentra na criança toda a sua capacidade de abnegação, aliás imensa. Separada dos seus, gasta com o "sinhôsinho" todo o seu instinto maternal, transmite-lhe, com o leite, todo o primitivismo de sua natureza supersticiosa.

E' de primordial importancia, do ponto de vista social, esta influência da velha africana, na infancia, idade por excelencia plástica.

A ama embala, e é nas deturpações das cantigas de ninar, eivadas de onomatopéas africanas, que ela realiza a sua missão de perpetuadora do folk-lore.

3.º) Outro tipo de cantigas, denominadas c a n t i g a s de acompanhar trabalho, nas fazendas e engenhos, são tambem contribuição africana. Tais são as cantigas de cortar páu, de socar milho e de peneirar fubá, geralmente cantadas em côro pelos negros, e por eles denominadas, ás vezes, sambas.

4.º) Mas a infiltração africana no folk-lore não se limita ao trabalho, ela é tambem intensa em quasi todas as festas populares profanas, e, mórmente, nas de cunho religioso. Nestas festas, a música é acompanhada pela dança, que selvagem, cadenciada ao som de instrumentos por vezes africanos também, vai constituir um dos elementos principais nas cerimônias de culto.

Nestas, o sagrado e o profano se confundem, o litúrgico e o pagão se misturam, mas é nos festejos carnavalescos que sua expansão atinge o máximo.

Além da infiltração do elemento africano em festividades originariamente portuguesas, trouxe-nos o negro cerimônias e ritos proprios, que expressam o seu sentimento religioso.

Assim, a festa dos mortos consiste na oferenda de animais sacrificados, aos mortos, no seu dia comemorativo.

Outra festa, celebrada no Brasil colonia, era a **coroação de um rei negro**, o santo rei Balthazar, um dos três reis magos, escolhido por causa de sua côr. Durante a festa era côroado um escravo escolhido para tal, com permissão do "senhor". Deve ser assinalado, entretanto, que todo o cerimonial da festa era religioso católico.

Como vemos, pois, ora no recesso dos lares, contando histórias ou ninando crianças, ora nas senzalas das Casas Grandes, acompanhando com cantigas o seu trabalho, ora dançando na multidão, o negro sentiu, trabalhou e concorreu para a formação do brasileiro.

. de Abel Salazar

"Mulher do Povo"
Portugal

Mais poderoso que a morte

(Lenda Indú — Adaptação do inglês). — JEANETTE BUDIM —

Eu quero contar a história de Savitri. De Savitri — a princesa sem par.

Mais de mil anos são passados depois de sua morte. Mas, o amor que a exaltou inda hoje é lembrado. Porque é um amor imortal!...

Dentre tôdas as mulheres da Índia, dentre tôdas aquelas que souberam viver e que souberam amar, era Savitri a mais bela.

"Não é uma princesa; é uma deusa!" — exclamavam, deslumbrados, os que a viam e, tão perfeita era que nenhum príncipe, por mais rico e por mais poderoso, ousava olhar tão alto.

E, então, Savitri resolveu, ela própria, escolher o senhor do seu destino e da sua vida.

Um dia, subiu ao seu carro de ouro e partiu. Correu tôdos os lugares. Desde as florestas quase impenetráveis. Até os palácios mais suntuosos.

Poderia, se quizesse, fazer do maior dos reis um humilde escravo. Poderia ter a mais esplêndida habitação e o mais maravilhoso dos reinos.

Savitri, porém, buscava algo que valesse mais que a riqueza. Que durasse mais que o poder dos homens.

... E, no coração da selva, encontrou um velho, rei, cégo e exilado. Um velho rei que, com a espôsa e o filho, buscára, na mata, refúgio e esquecimento. Lá o filho se tornára homem. Um homem livre e selvagem como os animais. Sincero e bom como aqueles que ignoram a mentira e os interêsses vis da humanidade.

... Savitri achou-se diante de Satiavan — a Alma da Verdade.

E retornou ao palácio. E só a Satiavan quís para espôso.

O velho sábio da côrte encheu-se de terror e de desespêro.

"A vida de Savitri só conhecerá dôr e aflição — se fôr espôsa de Satiavan. Doze mêses de vida e nem mais um dia tem êle. Assim o decretaram os deuses. Assim será".

De tôdas as partes se levantaram protestos.

"Nunca! Nunca tal sofrimento deverá ensombrar a vida de Savitri!"

Lenta e suavemente — mas com palavras irrevogáveis — a princesa falou: "Só uma vez uma mulher dá o seu coração. Que o viver de Satiavan seja longo ou breve e sejam grandes ou nulas as suas virtudes, pertencem-lhe, para todo o sempre, a minha alma, e a minha existência".

Na densa floresta, o casamento foi celebrado.

As mãos brancas e delicadas de Savitri aprenderam o labor rude.

E ela foi um canto de alegria que fazia olvidar as horas amargas... E ela foi o grande amor de Satiavan.

Os seus lábios sorriam sempre e os seus olhos eram serenos. Ninguem sabia que, bem no fundo do coração, ela guardava um segrêdo amargo e um pavor imenso.

Nenhuma palavra denunciava êsse horror. Esse horror que aumentava, dia após dia. Esse horror que crescia... Crescia...

Faltavam três dias. Apenas três dias e aquele homem jovem e vigoroso, aquele homem forte e belo, estaria morto a seus pés. Morto!

E, durante os três dias, ela permaneceu em pé. Sem dormir. Sem se alimentar. Em prece silenciosa e contínua. Em uma prece ardente que vinha da alma. E não aflorava á boca.

No terceiro dia, Savitri pediu ao espôso que a acompanhasse á floresta.

O sol brincava nas aguas. Riachos de prata rumorejavam suavemente. Havia um brando farfalhar de folhas. Era mavioso o gorgeio dos pássaros. E mais doce que tudo eram as palavras de amor de Satiavan.

Subito, êle sentiu uma angústia enorme. Mil agulhas pareceram traspassar-lhe o corpo. A cabeça pendeu, dolorida e pesada. Fecharam-se-lhe os olhos.

E Savitri, dominada por angústia atrós, compreendeu que Satiavan dormia o sono derradeiro.

Um vulto gigantesco e aterrorizante aproximou-se. Trazia negra roupagem. Negra era a corôa. Tinha nas mãos um cordel de seda. Era **Yama** — o Monarca da Morte.

Frio e implacável, Yama retirou do corpo imóvel a faísca da vida e prendeu-a com o cordel. Depois, em silêncio, seguiu para o Reino das Sombras.

Andou rapidamente. Mas, não sozinho. A seu lado, em direção ao Frio e ás Trevas, caminhava Savitri. Savitri que lhe implorava piedade. Que lhe suplicava uma única dádiva.

E obteve, primeiro, a mercê da vista e da fôrça física para o velho rei cego e desterrado.

Em tôrno, a noite era medonha. Criaturas negras esvoaçavam por entre as sombras. Asas batiam. Gemidos se ouviam, mais e mais.

Foi nesse local que Savitri iniciou um canto. Cantou as horas risonhas da manhã. Cantou a fragrancia das flores. Cantou o azul do céu.

Yama ouvia e o seu coração enchia-se de ternura e de piedade. E êle concedeu outro dom: riqueza e poderio para o velho rei destronado.

A escuridão tornava-se cada vez maior. O Terror envolvia tôdas as coisas. O Terror mudo. Sem remorsos. Medonho.

E Savitri... Savitri cantou novamente. Cantou o amor. O amor maior que a Eternidade. Mais forte do que a Vida. Mais poderoso que a Morte.

O Rei Negro parou. E disse: "Sublime Savitri, pede o que mais desejas. Porque tu fizeste vêr á própria morte a grandeza do amor de uma mulher"

Ligeira e leve como a brisa, Savitri correu de volta. Inclinou-se sôbre o corpo inanimado de Satiavan. E aos seus beijos nêle renasceu a vida.

Satiavan viu nos olhos que o fitavam uma luz radiosa. Uma luz como nunca tinha visto.

E, sem palavra, quase reverente, tomou a espôsa nos braços e procurou o caminho de regresso.

E tôda a floresta pareceu palpitar no mesmo **amor imortal.**

Nota:— "Enquanto na India cantavam a história de Savitri, em tôda a Grécia ecoava a lenda de Orfeu que com a sua musica divina, abrandava o coração do Rei Negro.

Mas, não é só na India ou na Grécia que o amor é mais poderoso que a Morte..."

Do livro a aparecer: "O amor no Folk-lore".

"VIDAS SECAS" DE GRACILIANO RAMOS

por

ENEIDA

Hoje, mais intensamente que nunca, vai-se á toda obra de arte, na ansia de nela encontrar uma expressão real de vida. As do passado, como as presentes, só se fixaram ou ficam pelo que representam real e positivamente, servindo á esta ou áquela finalidade, refletindo determinadas épocas, hábitos, costumes, tipos. No presente, a exigência é tanto maior porque os deveres do artista cresceram dentro da sociedade, para com ela. Não é mais possivel ao homem e principalmente ao artista, viver isolado, dentro de si, só para si. As necessidades ambientes exigiram que o artista rompesse com o isolamento e o jogaram dentro das multidões ativas. O espectador distante se tornou componente diréto dos espetáculos. A realidade impôs-se. Não mais a quasi- realidade, mas a integral, núa, sem claros escuros: aquela que analisa e disseca, descreve e explica.

Há os que julgam que pensar assim é liquidar a emoção, o humano, mesmo o poético das obras de arte. E' não querer ver que a emoção, o humano, o grandioso em arte, serão tanto mais profundos quanto maior for a expressão vida real. E está claro que só a existencia de determinadas qualidades, independente do material que se tome para o trabalho, fazem do escritor um artista, quer dizer, um criador de obras de arte.

Um grande escritor francês, pintou em traços soberbos, a literatura vasia dos romances russos, depois de declarar que a literatura é a arte das artes. Que não se póde comparar a literatura a nenhuma outra arte. As outras se especialisam, ela é um conjunto de tôdas. Ela contem e reune tôdas. O progresso do conhecimento e do espirito estão nela contidos. Todo o saber se reune dentro dela". E apresenta o quadro:

"A literatura (fóra da realidade) tem todas as táras mórbidas da decadência. Subánalise de salão, sub-impressionismo de kodak, e de estenografia, atmosfera de vitrine, debóche e ironia, casos excepcionais, peças únicas, quintessência, abstração, pessimismo. Residuos de Stendhal, caricaturas de Dostoievsky, psicologia de jesuitas, filosofia de papel, cirurgia de pontas de alfinete, ignorancia erudita, cerimônias fúnebres".

Obras que tem um só valor: o de não despertar nenhum interêsse.

Objetiva ou subjetivamente servir para alguma cousa, ser util, é o primeiro dever que distinguirá, no cáos dos artistas, os homens.

Essas considerações ocorrem-nos da leitura de "Vidas Sêcas", o ultimo romance de Graciliano Ramos. Ali nada se perde. Tudo é vida, profundamente vida real, vivida. Natureza e homem dentro do mesmo enorme sofrimento. Os personagens são determinados pelo ambiente hostil, árido, fechado. Vivem, não a vida que precisavam e desejavam, mas aquela que lhes é imposta pela natureza. As cóleras surgem para desaparecer momentos depois. Vão assim, sucedendo-se, sem soluções. Os menores sentimentos humanos são brutalmente esmagados ou adiados, tal é o pêso dos sofrimentos.

Fabiano é o homem que não recebendo nenhum socorro, nem um auxilio do meio em que vive, sentindo em torno de si ódios invisiveis mas dirétos, nada mais póde dar em retribuição do que aquele mesmo ódio. Não há lágrimas a não ser quando a "claridade do sol" enche os olhos de agua. As emocionais talvez houvessem existido mas não para a geração de Fabiano, neto e filho de vaqueiros. "Outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos" e sofrendo da mesma maneira a mesma sorte.

Não há amor sentimento. Quando o coração de Fabiano se une ao de Siá Vitoria é unicamente num "abraço cansado", aproximando farrapos. Quando Fabiano pensa na familia, sente fome. Amor, carinho, doçura, são lá possiveis naquele ambiente, naquela gente que tem contra si todas as iras espalhadas pelo mundo? Quando a propria voz é esmagada para "não estragar forças?"

Mas Fabiano não é um fracassado. Se os sentimentos humanos não se exteriorizam, êle os mantém, como um avaro espandindo-os em seus monólogos interiores. Nada o abate. Discute consigo mesmo e reconhece sua nulidade para qualquer ação mais violenta. A força física da qual se sente possuidor, amolenta-se diante de forças maiores. Fabiano tem o sentido de que, individualmente, nada vale. E sua única expressão: "você é um

bicho" é um desabafo de quem quer "vencer dificuldades". A's vezes chega a pronunciar em voz alta: "Fabiano, você é um homem" como a estimular-se... Porque Fabiano luta desesperadamente para ficar homem quando tudo leva-o ao irracional, quando vivendo longe dos homens só se dá bem com os animais. Só com êles fala livremente. Só por êles é entendido. Fala pouco com os homens, achando as palavras "inúteis e talvez perigosas". A ignorancia que lhe é imposta não o impéde de se interrogar: "tinha o direito de saber? Tinha? não tinha?" Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, "botar as coisas nos seus lugares". E deseja conhecer tudo o que sabe o seu Tomaz da bolandeira, seu Tomaz que "estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia".

Fabiano não é um fracassado. Se atende aos berros do patrão, berros sem precisão, se ouve as "decomposturas com o chapeu de couro debaixo do braço", isso não significa que ele se tenha adaptado á servidão. E' ainda seu isolamento que o obriga a obedecer sem discutir. E' servo e não servil. Diante de cada sofrimento, êle sente a "sorte ruím" mas "deseja brigar com ela e vencê-la". E esta sua vontade é tão grande, tão grande que de tôdas suas lutas êle sempre sai vencedor, mesmo quando, após perder para o soldado amarelo, considera-o um infeliz "que nem merecia um tabefe pelas costas da mão". Seus instintos de vingança levam-no a desejar entrar para um bando de cangaceiros e fazer "um estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo". Porque aí também, Fabiano sente que o soldado amarelo, isolado, nada representa, nada vale.

Nunca se conforma. Sabe que está sendo sempre roubado: nas contas com o patrão, nos impostos da prefeitura, nas lutas mesquinhas com a autoridade. "O pai vivera assim, o avô tambem". E para traz não existia família. "Cortar mandacarú, ensebar látegos, aquilo estava no sangue".

Em "Vidas secas" não há personagens centrais. Há cinco criaturas vivendo a mesma vida, sentindo os mesmos sentimentos, todos frutos do mesmo ambiente. Para os dois meninos o futuro previsto é o presente do pai e o mais proximo é esperar que "êles se espojem na terra fôfa do chiqueiro das cabras". Os meninos, andarão para o sul, metidos num sonho: uma cidade grande, cheia de pessôas fortes. Aprenderiam em escolas coisas dificeis e necessárias. Os meninos serão os homens fortes e brutos que o sertão mandará para a cidade e que esta — quem sabe — tornará homens brutos e fracos. Para a mulher as dúvidas são as mesmas do marido. Apenas ela deseja talvez mais intensamente que êle. Ela ainda tem sonhos: uma cama de lastro de couro "como outras, pessoas" possuem, uns sapatos de verniz que usa nas festas, "caros e inúteis", um córte de chita vermelha. Para a mulher a preocupação é esquecer, mesmo quando tudo se combina para fazê-la lembrar. Foi forçada a secar suas fontes de carinho. Se beija alguem é á cachorra Baleia porque esta lhe traz um preá que acalmará, por segundos, a grande fome existente.

E nada maior do que Baleia. Só ela merece e distribue carinhos. Só ela tem os olhos mansos e sabe ainda pôr, dentro de tanta aspereza existente, umas notas de ternura. Graciliano Ramos conseguiu magistralmente a interpretação dos sentimentos desse animal que, parte integrante da família, serve a esta com ilimitada dedicação. A parte mais emocional de "Vidas Secas" é sem duvida, a morte de Baleia. Alí não é um cão que morre. O que se liquida, justa ou injustamente, é mais um dos elos sentimentais da família.

Varios críticos chamaram á "Vidas Sêcas", um romance sobre a sêca. Ou da sêca. Não nos agrada a classificação. O livro de Graciliano — êle que em todos seus romances demonstra sua profunda acuidade psicológica — é um romance análise, romance vida real e, por isso mesmo, enormemente humano, emocional. Tão análise que não nos dá, em absoluto, um sentido regional. Em qualquer idioma que seja traduzido o que dirá é a vida real, vida-vida de uma enorme parte do Brasil: o nordeste, sua espantosa miséria, a angústia tremenda de seus habitantes.

Eu morri para o mundo...

De

Joel Silveira

Naquela época Marta só podia mesmo me aparecer dentro de uma forma lírica: pálida e esguia, seus olhos enormes boiando numa face macilenta e triste. Cabelos lisos e negros, mãos finas e compridas, unhas claras e bem cortadas. O meu espírito, então, ia perfeitamente com o lirismo de Marta e foi isto precisamente o que me levou a fazer um poêma celebrisando aquele feliz encontro.

Depois de um mês de hospital, eu entrava na vida achando tudo novo e diferente. Estava magro, profundamente abatido. Tinha ainda nos olhos a mancha opaca do fôrro da casa de saúde — unico panorama de todos os dias, além do pedaço de céu que se via da janela e da mansuetude de Irmã Lucia. Quando Marta me apareceu eu pensei que ela fôsse como a continuação daquele sonho de vinte e tantos dias. Era parada e sozinha. Parada como uma morta e sozinha como uma desiludida. Passava por mim — eu me sentava na porta todas as tardes, um livro aberto esquecido nas pernas — com vestidos ralos, tão ralos que davam a impressão de não fazer sombra no sol quasi morto. Cumprimentava-me — "Bôa tarde..." — e a voz saía já perdida, desmanchando-se na abertura dos lábios descorados. A pálida Marta não se pintava, a pálida Marta andava só, a pálida Marta era noite pura. Eu tinha então dezesseis anos. O corpo abarrotado de doença e a cabeça entupida de planos. Alguns poêmas metidos na gaveta e uma miscelania de leitura — eis-me diante da vida e diante de Marta. Os poêmas, como já devem ter previsto, eram consequência dos livros — vidas de poetas e de santos, aventuras de heróis e sofrimentos de mártires. Tive as primeiras emoçoes. Amei diversos entes distantes, quasi lendários, inclusive aquela frigida Beatriz Portinari, que me apareceu fugida das paginas de uma antiga brochura portuguesa, e o meu único sonho era retornar á Idade Média e me fazer um trovador nômade.

Morava numa rua socegada, uma casa enorme com um quintal nos fundos, onde cresciam oitizeiros gigantes. O italiano Gabrieli era o meu visinho, da mesma forma que D. Rosa. Pela manhã, antes de ir para o trabalho, Gabrieli ensaiava canções de sua terra e trechos de óperas, numa voz rouquenha de bairro sem estudos. E D. Rosa, logo cedo, andava aos berros com o Malaquias, um pretinho que era o diabo. Entre a musicalidade da direita e a realidade da esquerda, eu amanhecia positivamente indiferente á vida, voltado para os panoramas criados por mim mesmo com a ajuda das encadernações antigas. Minha mãi era calada e meu pai sisudo. Tinha, ainda, uma irmã que era noiva e passava os dias a suspirar. O silêncio, portanto, ao meu redor era completo. E foi precisamente este isolamento que me tornou um imaginativo e um lunático. Para mim Gabrieli não passava de um cancioneiro medieval abandonado por sua amada e que vivia a encher as horas com o canto da sua triste história. E D. Rosa, do outro lado, era nada menos que uma bruxa cruel, talvez a rainha das bruxas, a perseguir o pobre Malaquias — um principe encantado qualquer. A voz do italiano me penetrava como um éco amigo. E a raiva de D. Rosa corria paralela á minha propria raiva.

Durante as febres — tinha febre constantemente, os intestinos, corroídos pelos vermes, em estado deplorável — via o velho Gabrieli aparecer na porta do quarto, de espada reluzente na cintura e chapéu emplumado. Ao seu lado, montado num ginete maravilhoso, lança comprida na mão, todo envolvido numa armadura prateada, o principe Malaquias — estava loiro e tinha os olhos azues — sorria para mim com um sorriso que êste século desconhece. Eu tinha impetos de pular da cama — alí estavam os meus companheiros de luta!

A febre ia embora. Mas o delírio continuava vivendo dentro de mim, como um sexto sentido. Lia versos tristes, odiava as revistas modernas que traziam retratos coloridos de automoveis e cãis bem tratados. Um dia a pálida Marta entrou no meu mundo sem eu dar pela coisa, entrou sem pedir licença. Não sei mesmo como foi. O que sei é que quinze dias depois do primeiro pesadelo, os espapachins que apareciam na porta do meu quarto já não vinham só. Uma beldade nívea e franzina era um limite de gaze entre os dois cavalheiros lantejoulantes e resplandecentes: a pálida Marta, a pálida Marta que nunca sorria e que tinha os cabelos indolentemente caídos sobre os ombros, negros, bem negros.

Ficava sentado na porta horas e horas, olhando a rua comprida que começava do outro lado da praça. Muitas vezes Marta faltava ao passeio de todas as tardes. Quando isto acontecia era como me houvessem roubado qualquer coisa. Não sei bem se a amava. Meus desejos eram inocentes e talvez se resumissem num único: — o de beber com os olhos a figurinha esguia e ficar acompanhando as diabruras que o vento fresco fazia com o vestido ralo.

Minha mãi deu para me olhar com desconfiança e, pouco tempo depois, eu estava completamente deslocado dentro de casa. O confôrto da velha estante não deixava de ser um lenitivo. Mas um lenitivo parco que não dava para recompensar a tristeza que de vez em quando me enchia com a ausencia de Marta. Os poêmas aumentaram. Cheguei mesmo a reunir a minha abundante produção poética de vinte dias num livro a que chamei convincentemente: "Considerações sobre a pálida Marta. I parte: O mundo diferente. II parte: Poêmas onde aparecem as estrêlas e a lua". Consegui um trecho traduzido — Antologia de Werneck, se não me en-

gano — do "Child Harold", trecho que serviu como um aviso e como prefácio do livro.

Enquanto isto Marta pouco sabia de mim. Dela ouvia somente aquele "Bôa tarde..." muito reservado e muito tímido, saído num fiapinho de voz que dificilmente chegava aos meus ouvidos. Ela talvez soubesse de mim o que muita gente na cidade sabia: que eu era um rapazinho muito doente, que estivera quasi dois meses no hospital, que talvez sofresse do pulmão e que minha mãi não me deixava ver a rua quando o sol ia alto no céu.

Ainda guardo comigo os antigos poêmas e já estou com quasi trinta anos de lida. Leio-os sempre e amo-os como se os tivesse criado hoje. Para mim Marta não cresceu nem mudou, nem Marta, nem o mundo que vivia em redor de Marta. Móra na mesma rua e na mesma casa, veste os mesmos vestidos finos e as amostras de seios que apareceram com a puberdade continuam indecisas por debaixo da blusa, como a última vez que a vi.

Os "Poêmas onde aparecem as estrêlas e a lua" ainda estão comigo. Se algum de vocês vier até cá em minha casa — estou morando atualmente em Madureira — pode remexer na velha estante de jacarandá que lá os encontrarão. E' um rôlo de papel almaço, metido num intervalo existente entre o segundo e o terceiro volumes da "Revolução Francesa" de Carlyle. Se teem valor? Sei lá. Depende da qualidade do valor que se procura. Para mim êles valem tesouros e tesouros. São êles que me trazem a lembrança da pálida Marta, unica coisa que alegra a minha vida aos trinta anos. Já não tenho ninguem. Todos se foram. O único que continúou a peregrinação — parece uma "blague" — foi o lunático comido pelos vermes. Muitas vezes eu tenho a impressão que sou o mesmo, apesar das cans precoces que começam a aparecer e das rugas apressadas que me envelhecem o rosto. Os vermes continuam comigo e os meus devaneios são os mesmos de quinze anos atraz. A pálida Marta, para mim, ainda é a pálida Marta.

Um dia recebí uma carta de um amigo, contando-me coisas espantosas: Marta havia se casado com um estrangeiro, tido filhos e estava gorda e corada como uma saxônica. Perguntava ás vezes por mim — "o menino quasi morto que ela via sentado na porta, imovel como uma estátua". Mas fechei os ouvidos áquelas linhas iconoclastas. Não posso conceber de forma alguma uma Marta crescida e com filhos. A Marta que eu conheço será sempre a Marta do passado: pálida e esquiva, repleta de silêncio e mistério. E' o que sempre penso quando manuseio as mesmas páginas de antigamente ou aliso com os olhos os poêmas da juventude. Meu mundo petrificou-se e eu morrí para o outro mundo. O mundo que eu conheço, o mundo onde eu vivo é o mundo do passado, com os seus panoramas e as suas figuras. Vivo rodeado de uma quietude que se tornaria insuportavel sem a presença constante desses fantasmas dos dias que já se foram. Marta, Gabriel, minha mãi, Malaquias, D. Rosa — todos estão comigo, todos vivem comigo.

O abalo que os meus sonhos sofreram com a carta intrusa, logo desapareceu. Agora sei que é impossivel qualquer coisa transformar a minha vida. Estou longe de todos, morrí para o mundo. A casa onde moro é velha e acachapada, perdida no meio de uma exuberancia de verdura. Tem uma varanda de lado e o sol entra pela janela do oitão e brinca com as lombadas antigas dos livros, meus velhos companheiros. E tudo isto é muito belo. Daqui não sairei mais nunca a não ser para a última morada que, aliás, não deve tardar. A pálida Marta, a misteriosa Marta irá comigo. E é bem provável que neste dia Gabrieli já nos esteja esperando no céo com a sua mais bela canção napolitana.

Poema para a meninasinha de ouro

•

Meninazinha vae no trém
bem comportada que faz gôsto.
Terá sete anos? Não tem.
Viaja com duas irmãzinhas
e mais a mãe também.

Pela tela
quadrangular de cristal
da minuscula janela,
a paizagem de aquarela
multiforme tricolor
é uma fita natural
verde — azul — vermelho em flor.

O trém que no mesmo instante
aqui estava e está distante
é um Pequeno Polegar
que usa botas de gigante.
Quem é que o pode alcançar?...

Bota-fogo pega-fogo
bota-fogo pega-fogo

Subindo escarpas pedrentas
que tem escamas de prata
rompendo as tramas da mata
que tem dragões de unha em ponta,
torcendo-se em curvas tontas,
rasgando da terra o ventre,
embrenhando-se por entre
as furnas mais que soturnas,
lá vae a negra serpente
de atitudes assassinas:
põe braza pelas narinas,
resfolega, atrôa os ares
com seus silvos ponteagudos
que são ameaças aos céus,
e vae deixando fumaça
como um lenço de veludo,
como um sinal de desgraça
num longo gesto de adeus.

Lá ficaram muito atrás
os potros de crina ao vento.
Já podem dormir em paz
os bois de olhar sonolento
que estão a dizer amen
pela solidão inhóspita.
Desaparecem aquém
como caixinhas de fósforos,
os casebres de ninguém.

Caminha mais devagar
ó trem, porque tenho pressa
de algum dia lá chegar.

Mas o trem não ouve nada:
sobe morro desce morro
em fuga desabalada.

Bota-fogo pega-fogo
Bota-fogo pega-fogo

Nisto, em meio á caminhada,
como num dia de juizo,
um choque tremendo — Zás!
Vomita os carros no abísmo.
Lá embaixo rolando rente,
o rio turvo e voraz.
Como chuva de graniso
nos remoinhos da corrente,
tomba gente, afunda gente.

E aquela meninazinha
que tem seis anos apenas
cae leve como andorinha,
e mais do que um peixe, rápida,
luta com as aguas, intrépida,
e salva as irmãs pequenas
trazendo-as no mesmo abraço
para a margem ,para o mundo.

O' meninazinha de ouro
que me perturbas a fundo,
quero apertar ao regaço
este corpozinho débil
que deu exemplo tão belo.
Beijar-te os cabelos louros
molhados pela agua fria
deste segundo batismo.
Quero contar-te um segrêdo,
só a ti, meninazinha,
que vales por um tesouro:

... que orgulho eu não sentiria
se tu fôsses filha minha!

HENRIQUETA LISBOA

Sabiá

Silvia

Sabiá é meu amigo. Nunca me pediu um niquel e já me deu uma jaca. Tem alma de preto pernambucano. Frequenta as macumbas e julga a sua inteligência intuitiva como vozes de outro mundo a lhe falarem verdades. Num português errado é que se exprime. Anda mal vestido, mas no chapéu de palha tira as mais sonoras toadas que lhe vêm de uma tristeza emocional. Mora no morro. E' rude e simples. Vende os seus sambas aos falsos sambistas da cidade — são cantos com cheiro de mucambo e têm algo de misticismo languido.

Um dia, contando as suas últimas façanhas no chapéu sonoro, sinronisou sua cubiça pela madama rica de Copacabana. A toada imprimia desejos desconcertantes, verdadeira avidez por delícias proibidas!

Que olhar penetrante tem Sabiá! Sereno, com sua côr de abismo, está sempre afirmando sinceridade. Dolente, transmite aos que lhe cercam todas as vibrações de seus nervos!

Tem olhos de cão fiel.

Cantando, tange a voz que soluça e declama dando a impressão do contacto generoso dos veludos. Dá sentido ás palavras que compõe.

Tem uma arma inofensiva — a ironia. Parece dirigi-la para os homens que ficam além de sua condição e não se preocupam com as suas lutas sentimentais. Nem sabem que ele êxiste e que é poesia a sua vida!

E' bonita a êxistencia de Sabiá — poucos se apercebem disso!

A tudo o alcool ajuda: a lembrar e a esquecer!

Para mim, muitas vezes, Sabiá foi um abacaxi.

Hoje as cousas melhoraram e me querendo como sua madrinha, contou uma história que não vale a pena repetir. Igual a muitas...

— Um dia uma mulher foi sua preocupação. Passou a viver com ela. No trabalho, certa vez, sentiu o coração em alvorôco. Deixou o serviço. Foi para casa. La estava o outro no posto do pecado. Voltou de vez e nunca mais esqueceu uma desgraça tão banal!

A tudo o alcool ajuda: a lembrar e a esquecer!

Agora encontrou outro caminho. Continua puro como nasceu e legítimo como viveu no passado...

A formação do Mundo Moderno

FABIO CRISSIUMA

Neste momento de angústias e incertesas, em que a força prima o direito e o homem parece volver ao estado pre-logico no seu psiquismo, o estudo da humanidade na sua evolução se torna indispensavel.

Na minha opinião, uma revista de cultura não poderia deixar de incluir em seu programa o estudo das condições que permitiram a formação da humanidade atual, do seu modo de pensar e de agir e eis a finalidade de minha tarefa.

"Nosce te ipsum" — é a primeira palavra da sabedoria. Conheçamos a humanidade a que pertencemos e o mundo que a suporta, acompanhemos a sua formação para que possamos compreender o sentido de sua marcha pelo conhecimento objetivo do seu evolver.

Sob o título de "A formação do mundo moderno" pretendo apresentar aos meus leitores, em rápido e despretensioso bosquejo, a sucessão de fatos políticos, jurídicos, econômicos e de pensamento que integram quinze séculos de lutas e de sofrimento.

Iniciarei minha tarefa por uma das fases da evolução da humanidade, exátamente aquela em que, do eclipse da latinidade surge e se afirma um tipo novo de civilisação.

Cumprida a sua missão de unificação da civilisação dos povos mediterraneos, parece ao Império Romano haver alcancado um gráu de estabilisação definitivo, quando surgem os "homens diferentes", os Barbaros, que, tomando o fruto sazonado da civilisação romana, esparzem-lhe as sementes fecundas sobre a Europa virgem: frutificam na civilisação ocidental, que acolhe sob a mesma fronde o velho como o novo mundo, a caminho da unificação da humanidade.

Um novo ciclo se desdobra para o aperfeiçoamento de uma nova sociedade. Novas necessidades, novas formas de pensar, de sentir se esboçam nos tres ou quatro séculos que se seguem ao desaparecimento do Império Romano. A principio timidas, desorientadas, abolidas mesmo, as relações entre os homens se definem, se esclarecem e em dez séculos êle se julga livre, igual e irmão de outro homem.

E' o estudo sintético destas relações, de sua evolução, mercê de um evidente determinismo que desejo empreender, animado pela fé em uma humanidade futura, realmente fraterna, realmente unida.

I — A SOCIEDADE FEUDAL

Do VI ao XIII séculos sucedem-se na Europa Ocidental uma série de tentativas de estabilisação, intercaladas de períodos de agitação, oriundos uns da invasão exterior, outros da insegurança, instabilidade ou incompetência dos dirigentes.

Pouco a pouco, porém, restos de instituicões romanas, amalgamadas a tradições germanicas, firmam-se e, frutos das contingências, em especial econômicas, unem-se á ação conservadora da Igreja, apoiando-se, outrossim, no intetêsse primordial da conservação da vida. Contingências econômicas, éticas, religiosas, políticas, fundem as pequenas soluções concretas dos inúmeros problemas do imediatismo prático, em um estado de cousa difícil de fixar em um quadro nítido, de linhas precisas e que, dadas certas características mais aparentes, recebeu o nome de feudalismo.

A associação do vínculo pessoal de vassalagem ao laço real do benefício, vestigio do "possessio precaria" romana, cria o fêudo e as instituicões feudais transportam-se das relacões fundiárias ás relações funcionais.

A concepcão de plena propriedade do poder supremo dos reis francos — consequência da patrimonialidade do "regnum" que a conquista de Clovis justifica—opõe-se em parte á nacão do imperador romano-personificacão do Estado — e a alienacão do poder ao conde franco torna-o essencialmente diverso do legado imperial.

A conversão de Clovis e a sua sagração religiosa (?) concedem ao rei franco um como que caráter sacerdotal; a sagração imperial de Carlos Magno em Roma amplia-lhes a situação de detentor do poder e eleito de Deus a sucessor de pleno direito dos imperadores romanos, isto é, atribui-lhe a tradição do poder tribunicio e o "imperium" pro-consular.

A transmissão aos seus herdeiros destes últimos direitos tornou possivel, na fase de reivindicação e efetivação do poder real, a utilisação do Direito Romano na absorção dos poderes senhoriais.

O rei carolíngio, que assim se substitui aos reis merovingios e aos imperadores romanos na posse do poder supremo, nas lutas fratricidas entre os sucessores proximos do grande Carlos deixa nas mãos dos seus delegados, frangalhos de um patrimônio fundiário e soberano.

O fisco real era, como sempre o fôra, vexatório e arbitrário; e os senhores leigos, bastante poderosos para se substituirem com o assentimento real, aos seus delegados, conseguiram do soberano o privilégio da imunidade, concedido, de início e de hábito, ás instituicões religiosas, como um "wergeld" a Deus.

A situação precária do erário real, dada a insuficiência de numerário, faz com que o soberano conceda ao conde, a titulo de honorários, um beneficio, em breve ligado ao cargo e que êste transmite, com ou sem o assentimento real, ao seu herdeiro, que, mais cedo ou mais tarde, incorpora-o, juntamente com a função, ao património hereditário.

Vassalagem, benefício, imunidade, apropriacão do poder público, eis os quatro elementos causais mais notaveis do que se denominou o sistema feudal.

A necessidade de se amparar ao mais forte leva o pequeno proprietário de uma terra livre (alódio) a enfeudá-la a um senhor que o assista e proteja, e o audaz, o forte, constróe a golpes de espada um dominio e se torna, pela violência quiçá "senhor pela graça de Deus".

Por usurpação, previdência, receio, ambição, os homens se unem uns aos outros pelos vínculos de suzerania e vassalagem e o homem teóricamente livre, o homem sem senhor ou é soberanamente poderoso ou vegeta na opressão do mais forte, sem protecão ou assistência. Nobre ou vilão o ho-

mem depende do **homem**: deve-lhe serviços pessoais ou pecuniários, assiste á sua côrte feudal ou executa corvéas, dá-lhe o auxilio "dos quatro casos" ou paga-lhe impostos, mas recebe dele o amparo e a justiça.

Justiça feudal, justiça senhorial, justiça patrimonial — justiça para o nobre, para o vilão, para o servo.

Dos processos de adaptação social na sociedade feudal, as relações jurídicas e políticas têm sido aos mais bem estudados e um conjunto de requisitos jurídicos e políticos, variável para cada autor ou grupo de autores, servem-lhe de elementos característicos.

Nas relações entre suzerano e vassalo, nobres ambos, estabelecem-se obrigações mútuas resumidas na expressão: Fidelidade e auxilio. Suzerano e vassalo respeitam-se mútuamente nos bens, nas familias e, teoricamente, há como que uma comunhão de interesses.

Qualquer ato de um, lesivo ao patrimôno material ou moral do outro é felonia e a felonia é a deshonra, importa na sanção moral mais poderosa que se possa conceber na sociedade feudal, e na sanção penal da caducidade da suzerania ou do comisso do fêudo.

E' verdade que suzeranos e vassalos, quando interesses assás fortes os impelem, cobrem de pretestos e aparências éticas por excelência, os atos uteis que importem em felonia. — E são piamente criados se bastante poderosos.

Auxílio na guerra, presença e assistência na côrte feudal, eis as obrigações pessoais do vassalo ao suzerano; auxilio pecuniário para o resgate, para o casamento da filha mais velha, para armar cavaleiro o primogênito, para partir para a cruzada, eis os "quatro casos" de obrigação real.

Manter o vassalo é dever do suzerano e com esse intúito lhe são concedidos o uso e gozo de uma terra, uma pensão ou o exercício de uma função rendosa — é o benefício, que Fustel de Coulanges faz derivar da "possessio precaria" romana, como liga a vassalagem ao patronato romano e ao "mundium", ao "comitatus- germanicos".

Benefício e vassalagem constróem o fêudo: são condições necessárias e, para alguns, suficientes á identificação do feudalismo; outros, porém, acrescentam a detenção de uma parcela do poder público com prejuizo do soberano.

O fêudo é terra nobre; a terra não nobre é arrendada a longo prazo (tenure) e a locaçaó censiva, de plantio (complant) e modalidades outras do contrato enfitêutico estabelecem entre o locatario (tenancier), vilão, e a terra, um vínculo real. As prestações pecuniarias (talha, banalidades, direitos vários de mutação) associam-se as corvéas, os serviços de guerra e outras formas de trabalho gratuito em beneficio do senhor.

O vilão, ligado apenas á terra, não é um vassalo, mas um súdito.

A usurpação do poder real pelo conde ou pelo imunista, que passa a exerce-lo em proveito próprio decorre evidentemente da fraqueza real; si o rei é bastante forte para impedi-lo póde haver coexistência de organismo feudal e orgão central forte, tendo nas mãos o poder político de que os feudatários recebem delegação e não posse. E', por exemplo, o que Glasson denomina o feudalismo civil, na Inglaterra.

Mas a regra geral é a fragmentação do poder público nas mãos de particulares, que o exercem em proveito próprio, nas esferas administrativas, judiciárias e fiscal. E' o poder senhorial, distinto na essência do poder feudal pois que decorre primitivamente de uma usurpação e não de um contrato. A apropriação do poder senhorial é de inicio e de regra, unilateral; só tardiamente é que o senhor o recebe do soberano ou, contratualmente, dos súditos. O poder senhorial acumula-se ou não com o poder feudal nas mãos do mesmo detentor: a posse do feudo póde ser de um e o direito senhorial de outro, embora habitualmente se apresentem unidos.

A justiça senhorial dissocia-se não sómente na competência (alta, média e baixa justiça) como na jurisdição. Quasi se póde affirmar que não ha uma regra geral de distribuição de atribuições, mas sim casos particulares.

O próprio processo criminal permite o processo privado, o duelo judiciário, a ordália pelo fogo ou pela agua, etc., que os progressos da técnica judiciária vão aos poucos eliminando.

O mesmo se poderá dizer na esfera administrativa e na fiscal. Competência e jurisdição administrativas e fiscais se fragmentam, se dissociam de um modo incrivel; quanto á última só há uma onidade: é a da incidência do imposto. Em especial, o vilão é quem paga: talha, capitação, "formariage", selos, custas, pedagio, direitos de transito, industriais, comerciais, hospedagem gratuita, requisições gratuitas (exactio), sem contar com as prestações pessoais, corvéas (manoperare, carroperare), serviços de guerra (ost) e policia (guet), de reparação de estradas, do castelo senhorial, que de interêsse público a principio, convertem-se em interêsse particular do senhor.

E aos direitos senhoriais se acrescentam, ao suzerano, os direitos realmente feudais: laudêmio, quinto, direito de reivindicação e resgate, de amortisação dos bens de mão morta, direitos gerais de mutação feudal.

Só não pagam os imunistas eclesiásticos que, em compensação, cobram o dízimo.

Desta floresta fiscal restam ainda alguns bosques nas modernas legislações.

De que vivem os soberanos, senhores, imunistas leigos ou eclesiásticos, homens de guerra e de lei, si a natureza das suas ocupações não é das que produzem utilidades?

Do trabalho servil e vilão, do trabalho dos que não têm direitos ou quasi:

E que lhe dão em troca? Proteção, ao menos teórica, e paga bem caro.

O conceito de trabalho na Idade Média, é para uns o conceito cristão primitivo, derivado do hebraico: o trabalho é uma expiação, talvês o caminho da redenção. Expiação do pecado original, incapás por si mesmo, sem o auxilio divino, de levar á redenção, o trabalho é um meio e não um fim.

Para a maioria, porém, o trabalho em especial o trabalho manual, é vil. Não apenas o NOINOS (poinos) grego, uma pena, uma fadiga, mas uma instituição naturalmente indigna, capáz de envilecer o nobre que produza pelas proprias mãos. O trabalho manual faz decair o nobre, o que nem a traição, o perjúrio, a felonia, o roubo a mão armada conseguem.

O crime póde ser nobre, o trabalho não.

Só o trabalho inteletual, nos mosteiros, encontra condescendência, condescendência e não louvor. O trabalho manual aí cabe aos irmãos leigos, habitualmente vilões; e quando passa a ser exercido pelos proprios monges é a titulo de mortificação, de humildade.

A produção é em especial agrícola (a sociedade feudal é uma sociedade rural) e os produtos da pequena indústria elaboram-se nos burgos ou nas oficinas senhoriais, dentro dos castelos. Produção apenas local, desde que a escassês e a insegurança dos caminhos tornam inexequivel um sistema normal de transportes. Há ainda o acúmulo de funções, inclusive do artezanato rural e do cultivo dos campos.

O **ferrador**, o toneleiro cultivam o seu canto de terra. E' a fase **intermediaria** entre o Arbeitsvereinigung (união simples do trabalho) e o Arbeitsgemeinschaft (trabalho em comunidade).

Cultura da terra, criação de gado, extração de madeiras para construção e aquecimento, pequenas indústrias de ceramica, tecelagem, metalurgia, etc., eis o quadro econômico da sociedade feudal, completado pela anarquia monetária e fiscal.

Tutelada da religião é a moral: os conceitos éticos são méras imposições religiosas. Tão forte é o dominio da religião neste particular que o ideal moral da cavalaria recebe a chancela eclesiástica.

A ignorancia e a insegurança, portanto o temor, reforçam a fé e lançam os homens aos pés de Deus, como que á procura do "muneburdium" divino, senão nesta pelo menos na vida futura.

Ha uma atitude pragmática na fé mais sincera: ao lado do horror ao aniquilamento, um como que seguro contra as penas eternas que a Igreja aceita na contrição imperfeita. Perpetuar-se, sobreviver, lutar contra o nada pela descendência e pela sobrevivência da alma é o anseio geral, parece ser a lei da vida. E a promessa de satisfação, na vida futura, aos que "têm fome e sêde de justiça" consola os desamparados, embora perpetue o desamparo. Elemento pacificador da inquietação social, a religião desempenha uma função disciplinadora dos espíritos, mas a sua própria índole conservadora retarda em determinados casos a liberdade de agir pelo pensamento e, se não renovados, os conceitos religiosos tendem ao anacronismo.

A aproximação do ano mil assusta a ignorancia humana que multiplica as doações á Igreja e entôa, na 1.ª cruzada, um hino de ação de graças. A vida privada e a vida pública acham-se dominadas pela religião e os mosteiros e catedrais multiplicam-se. Na construção destas somam-se á fé as vaidades regionais.

Das artes plásticas, a arquitetura e a escultura decorativa recebem um impulso e criam obras ineguálaveis nestes canticos de pedra que são as catedrais góticas.

Das basícas romanas as invasões normandas fazem surgir as egrejas romanicas. Soluções técnicas de segurança e estabilidade em função dos novos materiais criam a arte romanica, em que a abobada de pedra substitui o madeiramento da cobertura das basílicas. Aperfeiçoamentos técnicos associados á tendência ao mais alto (estado psíquico que passa da arquitetura religiosa das catedrais medievais á arquitetura civil dos arranha-céos contemporaneos) substituem o arco pleno de um único centro de curvatura pelo arco ogivo de dous centros. Diminui-se o impulso lateral na transmissão da carga da abobada, eliminando-se a fratura do arco nos pontos de menor resistência com a vantagem de aproximar o mais possivel da vertical as resultantes finais do peso da cobertura. E o problema da iluminação da nave central sem prejuizo da solidêz da abobada dá origem aos arcos butantos e permite á decoração o deslumbramento dos vitrais policromos das janelas esguias e múltiplas.

A escultura decorativa rendilha os portais e os capiteis, povôa os nichos de santos astênicos, longilíneos e as cornijas de uma fáuna demoníaca e uma demonologia faunesca.

Só a pintura falha, e falha pela falta de perspetiva, abstração que os artistas medievais não conseguem assimilar, êles que, no concreto da escultura e da arquitetura, tinham realisado obras primas, apesar da incerteza técnica daquela.

E os concretos em arte foram os abstratos em ciência, voltando as costas á objetividade da natureza para discutir as afirmativas de Aristoteles e Plinio, substituindo pela repetição e interpretação especulativa dos classicos, a observação dos fatos naturais.

Reconheçamos porém á sociedade feudal a contingência de uma organisação em inicio e á humanidade medieval o primeiro passo na senda atual da civilisação.

Reconheçamos ainda o seu desejo e capacidade de aperfeiçoamento.

Cartas aos meus filhos

de Roberto Alvim Corrêa

Meus filhos,

Se vocês, um dia, lerem estas linhas — o que é pouco provável — não pensem no seu pai, mas nos seus filhos, nos filhos de seus amigos, de desconhecidos, e nas crianças que não têm nem pai nem mãe. Pensem na vida e, sobretudo, vivam. Os deuses lhes permitam conservar a intensidade de sentir que possuem hoje porque vocês são poetas. Defendam suas azas. Não voltem a ser lagartas. Conservem suas imunidades. Continuem leves. Para vocês nada tem pêso: nem a vida, nem o corpo, nem a alma, nem mesmo a moral. Pelo menos nossa moral de pecadores, de adultos comprometidos. O nosso mal, o nosso bem não têm sentido aos seus olhos. Ainda não conseguimos feri-los, contaminá-los, arrancar-lhes as azas. Não tendo passado, vocês ainda não têm pêso. E' vosso maior privilégio. Sua consequência imediata é de lhes conferir a faculdade de se transformarem no que querem, no que sonham.

Ainda ontem, passando perto de vocês, pude verificar o fato. Pareciam brincar na chácara de vosso Avô, debaixo dos imensos jambeiros cujas flôres púrpuras desenham tapetes redondos no jardim. Gosto daquelas flôres. Todas as abelhas da Tijuca tambem apreciam, zumbindo nas árvores sem descanso como se estivessem prêsas numa esfera infernal mas irresistível, emquanto os colibrís escapam-se das folhas feitos flôres que repentinamente recobrassem a liberdade. O frenesí de seus vôos corresponde provavelmente á ansia em que viviam quando só eram flôres.

Vocês não viam nada disto. Eu imaginava que brincavam. Enganava-me. As crianças nunca brincam: identificam-se. Por êste motivo excedem os limites lícitos nos seus jogos. Os pais as castigam. Cometem uma injustiça. E' como se castigassem sonambulos.

Cecilia, pois, tornara-se uma joven fúria grega. Passei junto dela. Olhou-me sem reconhecer-me. Não podia: era outra criatura entregue ao seu demônio, descabelada, os olhos fóra da cabeça, trêmula de raiva, perseguindo um criminoso que era o seu irmãozinho. Assim tinham resolvido "de brincadeira", mas o "de brincadeira" pesava-lhes e êles o tinham tirado como uma roupa que incomoda. Só ficava a Fatalidade ameaçando um pobre humano.

Luiz-Henrique, ainda no berço, participava da cena, ao seu modo que eu não entendo. Êle não fala. Nem o precisa. Ainda está todo enlambusado do céu. Expanta-o a nossa linguagem laboriosa. Pressente que é uma invenção do diabo. Tem razão. Um grande escritor de meu tempo, André Gide — e que entende bem do assunto — escreveu que a maior habilidade do diabo é conseguir que ponham em dúvida, sua existência. Ainda não chegou para vocês a hora das dúvidas, nem do diabo. Vocês são inocentes, crentes, poetas. Ainda levantam as montanhas. A poesia é uma forma da fé. Ambas nos são necessárias como o ar que respiramos. Varias pessoas ignoram isso, e, todavia, são crentes e poetas sem o saber, ao contrario de outras que julgam o ser mas que não o são, e por isso não vivem.

Vivam, meus filhos. A vida é misteriósa. Não deixem, portanto, de beber cada minuto que passa como um leite rico, qual o leite da lóba antiga do minúsculo Lácio. Imagino-a quasi sem fôlego por ter corrido todo o dia, boca ainda cheirando a sangue. Deitou-se. Está protegendo, amamentando uma criancinha. Não se ouve barulho algum. Em silêncio, desconhecidos, não tendo outras testemunhas que o céu, a floresta, os animais, estão cumprindo com a fera e o futuro Romulus seu destino secular.

A Terceira Dimensão no Romance Brasileiro

MARIA JACINTHA

[illegible] primeiro plano de espíritos moços que estão marcando, [illegible] não própriamente uma [illegible]ção, mas uma bela e grande maneira de fazer romance, a personalidade de Erico Veríssimo [illegible] inconfundível.

[illegible]mente nenhum escritor brasileiro realiza mais bem a obra de arte, onde se encontrem, em tão perfeito equilíbrio, a elegância da forma, a originalidade das idéias, o traço fundo da emoção, a ironia cortante e sempre presente e a perpétua novidade dos motivos. Tudo isso dentro de absoluta disciplina estética e [illegible]do dessa característica indispensável ao encanto integral de uma obra literária humana e [illegible]utora: a mais absoluta e a mais encantadora irreverência. Já em "Clarissa" o escritor nos revel[illegible] de maneira definitiva, muitas dessas altas qualidades — anunciando "Música ao longe". Mas se, diante deste, se hesita entre a irreverência de suas análises e o penetrante lirismo que o envolve inteiro, em "Caminhos Cruzados" se encontra a culminância de seu talento — cristalizados, ambos, em "Um lugar ao sol" onde o escritor vai completando o sentido humano de seus personagens e a expressão social de suas histórias. Depois de Eça de Queirós, nenhum escritor ainda, em lingua portuguesa ou brasileira, conseguira ferir o ridículo das coisas de maneira tão convincente — porque a todos os cultores do gênero faltaram essa leveza e esse brilho de que o grande mestre dispunha larga e prodigiosamente. Erico Veríssimo preenche, brilhantemente, a lacuna: o seu "Caminhos Cruzados" é, positivamente, adorável. Com êle o romancista criou a sua maneira personalíssima de desrespeitar as coisas desrespeitáveis e que um injustificado culto vinha mantendo como sagradas. Fica-se feliz diante da maneira porque Veríssimo as trata. A caridade! Que "blague" estupenda ela é, realizada por estes que a ignoram na sua verdadeira feição: a solidariedade humana; e que a desvirtuam no exibicionismo das festas de caridade, no delírio da esmola, na inexpressividade das visitas ás casas dos pobres e na grosseria do benefício que se não oculta!... E, em todos os seus livros, Erico Veríssimo é assim. Só pára diante das coisas realmente respeitáveis. Fernanda, por exemplo, cheia de coragem para enfrentar a verdadeira vida, cheia de reais possibilidades de altruísmo, nós é apresentada pelo escritor como uma *amostra* de gente.

E' a nota de beleza e de energia, capaz, ela só, de sustentar tôda uma tese, tôda uma luta pelos direitos humanos, tôda uma revolução. E' a criatura conciente, generosa, afetiva sem morbideza — personagem — tipo para uma nova geração de gente sadía e compreensiva, em busca das realidades belas da vida. Seu episódio com Noel é tão humano e tão vivido, que a gente se surpreende a se interessar por êle, como pelos casos dos amigos e da família.

Aliás os livros de Erico Veríssimo, com suas passagens ridículas e comoventes, são sempre albuns de família, onde se encontram os mais nítidos retratos de amigos e parentes — nas suas melhores pôses. Destas em que "só falta falar". E como falam...

Mas D. Dodó, o Teotônio e seus respectivos Anjos da Guarda!... Que casal completo a D. Dodó e o Teotônio! São êles, para falar uma linguagem teatral, os maiores centros cômicos do livro. Neles Veríssimo concentrou todos os ridículos, todas a hipocrisías da moral estabelecida e da falsa piedade cristã. E a destruição foi total.

Teotônio no "tennis", sentindo-se inglês; Teotônio traíndo D. Dodó; Teotônio feroz, ante a concurrência do coronel "nouveau-riche"; Teotônio católico; e seus solilóquios, e suas conversas com o Anjo da Guarda, e tudo... Seria preciso mais? Não seria preciso, mas há mais D. Dodó, senhora do alto mundo, recebendo amigos, dando entrevistas aos jornais; D. Dodó, dama de caridade; D. Dodó com suas manhãs e seus chocolates tomados na cama... O que fazem aqueles dois, meu Deus! Disputando-lhes as glórias humorísticas, quasi "roubando" o livro, estão D. Maria Luiza e D. Eudóxia. Esta é tipo mais palpável: o fantasma familiar é universal. Maria Luiza é mais complexa — e o escritor nô-la dá inteirinha, como uma outra Maria Luiza que nós sempre conhecemos, sem defini-la bem, revelada, enfim, por "Caminhos Cruzados".

A parte humorística de "Caminhos Cruzados" é notável. A entrevista de D. Dodó, sob inspiração e vigilancia do Anjo da Guarda, ora camarada, ora **inflexível**, é definitiva — culminando naquela deliberação de deixar a Teotônio a escolha da principal característica de sua individualidade.

Quanto ao amanhecer, após a festa de caridade, nada existe de melhor do que aquêle momento em que D. Dodó procura não procurar a notícia que a elogia.

Os serões na casa de Leitão Leiria são sensacionais. O episódio de Bismarck; o trecho que fere a sensibilidade de Teotônio e o comentário de D. Dodó; o roupão azul do magnata americano... E aqueles outros serões em que *atuam* D. Eudóxia e D. Maria Luiza...

Aliás todo "Caminhos Cruzados" é uma mostruário magnífico de tipos. Todos se destacam bem, são nítidos, reais. Erico Veríssimo descobriu a terceira dimensão para o romance e com ella nos vem mostrando as suas criaturas, dentro de uma técnica perfeitamente cinematográfica, em que os quadros se sucedem com os aspectos dos filmes.

Criando o seu povo o escritor é sempre perfeito no acabamento. Não há um único personagem incompleto. Salú está esplêndidamente marcado em todas as suas linhas morais; Armênio, o "gentleman" que pensa em francês é uma "trouvaille": creio que ninguém ainda o tinha descoberto. Pelo menos ainda não tinha sido posto a serviço da literatura.

Erico Veríssimo inventa gente e, por um fatalismo feliz, acontece que as gente que êle inventa existem mesmo. Pode-se lançar um desafio a quem quer que conteste a realidade dos seus tipos, na certeza de que se vencerá. Pois se bem perto de nós, muitas vezes, pode-se fazer o recrutamento...

Mas sob esta aparência de displicência e dentro das ironias que Erico Veríssimo vai fazendo com as pessoas "criteriosas", ressalta, de sua obra, um grande senso de humanidade, uma perfeita compreensão das dores e das almas — e êste lirismo profundo e envolvente que faz de seus livros, além de grandes obras humanas, magníficas sínteses de musicalidade e emoção, graças a seu alto sentido do rítmo na prosa.

Como marca de revolta, há duas personalidades avultando

em "Caminhos Cruzados": a mulher de Maximiliano e a Laurentina, de João Benévolo. Como os maiores pintores da miséria humana, o escritor soube traça-las magistralmente. Sem recorrer a imagens exageradas (a miséria ao natural já é suficientemente horrivel), sem descer a detalhes calcadamente repugnantes, o escritor desenhou-as com admirável precisão de artista e de observador.

Nada mais convincente do que a mulher do enfermo, num fatalismo resignado diante de tudo, e nada mais vivido do que Laurentino encerrada em uma casa, sem dinheiro, sem esperança, entre um marido fantasista, atado, e um filho raquítico — espiada pela perfídia calculada de Ponciano. Tão doloroso, tão convincente, que a gente sente com ela "aquela coisa" dentro do peito e que lhe saltou um dia, sintético e cortante.

Para fixar personalidade e estados de espírito, o romancista tem pequenos periodos definitivos: — "Virginia fica a olhar para êle, com a fixidez absurda que tem origem neste desejo esquisito que ela sente de olhar longamente para o marido, só para poder aborrecê-lo mais, e mais ainda". Aquele marido" que ronca, qu etem confiança nela, que tem confiança na vida"...

No episódio de Chinita, Erico Veríssimo se mantém no seu nivel de psicólogo perfeito. Por vários capítulos o escritor o vem tratando com displicência, algumas vezes com leve cinismo: Chinita, a provinciana envenenada de um cinema que a sua escassa mentalidade só percebe em suas exterioridade, nos fatos palpáveis e concretos, parece-nos, a princípio, uma pequena **sem alma**, cega la ansia de se divertir tonta diante da Vida. Mas após a sua queda (usemos, por exceção, a expressão o detestada) toda sua alma que pede alguma coisa mais que não seja apenas aquela aventurazinha de parque, numa agitação que nem ela mesma precisa bem, toda sua alma se projéta nítida no livro: alma igual á maioria das almas, que têm a curiosidade da Vida e a inquietação da felicidade, e que para elas correm sem escolherem caminho. E o capítulo em que Chinita nos é revelada é, em matéria de acabamento, uma das mais belas do livro: — "Dentro do espêlho, Joan Cranwford também chora"...

Outra passagem em que a sutileza emocional do escritor se revela é na tolerancia de Cacilda com Pedrinho: — "A gente sempre se lembra do irmão"...

Se não fôsse velha e ridícula a imagem e se me sobrasse audácia para atirá-la, eu poderia dizer que Erico Veríssimo é desses que riem com lágrimas nos olhos. Isso, porém, além de parecer título de fox de filme-revista, é um verdadeiro atentado — desses que a gente receia muito não cometer impunemente.

Decerto que Erico Veríssimo não perdoa á dupla Teotônio-Dodó, nem a Maria Luiza, nem á Eudóxia, nem ao Armênio, nem ao Coronel. Neles o escritor descarrega as suas revoltas estéticas e as suas cóleras humanas — porque neles não há partícula desta tragédia da Vida que, se em sua conciência, resulta em energia e serenidade em gente como Fernanda, na maioria das vezes é a tortura dos inadaptados e a desgraça dos inquietos.

Chinita, porém, é a própria tragédia da Vida, a se defrontar com essa outra catástrofe social: Salú. E diante dessas duas mocidades que se aniquilam — sem coragem, sem ideal, sem orientação, sem objetivo — Erico Veríssimo deixa de parte a sua irreverência destruidora e construtora, para ser apenas um pesquizador de almas, que descobre, revela e compreende.

Criando João Benévolo não me parece que o escritor o tenha exagerado. Muita gente boa se reconhecerá alí — e êste é o argumento supremo para impô-lo como tipo de todos os dias.

Concordo, porém, em que Veríssimo *cai*, quando abusa de certas expressões, como, por exemplo, o insofrível "fessô", inadmissível em quem tem tão perfeito senso da medida no humorismo. Tais recursos só devem interessar a quem não tem outras fontes a que recorrer e não cabem dentro do gênero de espírito do escritor.

Também, para efeito de graça, a prosódia de Zé Maria falhou: seria preferível marcar-lhe a ignorancia ou a boçalidade, só com conceitos, pontos de vista e observações. Marcá-las, também com erros tremendos é vulgar. Compreende-se isso em humoristas de última classe. Em Erico Veríssimo chega até a envergonhar...

O romance de Erico Veríssimo é, realmente, o romance plástico. Em lingua portuguesa, repito apenas Eça de Queirós o tinha realizado — real, humano, profundo. Depois do fascinante mestre de "Os Maias" nenhum escritor nos havia ainda dado essa impressão tão perfeita da realidade, essa projeção tão nítida de tipos, que vão surgindo do fundo luminoso de seus livros, e adquirem forma, e espessura, e plasticidade e relêvo, e saem como que animados por um sôpro mágico de Vida — Vida em toda sua verdade e em toda sua beleza.

Erico Veríssimo repete o milagre criador: há em seus livros todas as marcas do escritor completo. Ironia, observação, emoção, lirismo — nada lhe falta. Tão reais são os seus personagens, que a gente já, os usa como aos personagens do Eça — e é êste, exatamente, o principal traço que liga a arte dos dois escritores. E' muito comum ouvir-se: — "O João da Ega dizia"... Ou então: — "Isso me faz lembrar uma frase do Conselheiro..." E quantas vezes encontramos pelas ruas e pela vida a Juliana e a titi, e numa burguezinha envenenada de romance julgamos reconhecer os traços morais da Luiza, e numa desambientada, oprimida em um meio sufocador,vamos encontrar a vrtude periclitante de Gracinha!...

Agora, a esta gente toda com que se vem convivendo, por artes do gênio do Eça, vem se juntar êsse outro grupo a que Veríssimo deu vida. Vasco, Fernanda, Clarissa, Noel, Laurentina, a mulher de Maximiliano, João Benévolo; D. Eudóxia, "acariciando maus pressentimentos"; Maria Luiza sofrendo sempre — por antecipação, por semelhança — e atingindo, finalmente, ao sofrimento ambicionado... Quem não os vê, diáriamente, soltos pelo mundo, perdidos no sonho ou enfrentando a realidade, vencidos de pessimismo ou angustiados de ideal? E o desbocado Doutor, estupendo de realidade — humano, compreensivo, pornográfico e bom?

Há escritores que vêm para cena precedidos, já, de um qualificativo, com que se preparam a própria imortalidade. São os "grandes pintores da Vida"; são "os músicos que sabem fazer vibrar tôdas as cordas da sensibilidade humana" — e de uma sei, mesmo, que numa rudimentaríssima concepção de psicologia, teve o mau gôsto de se dizer portadora de uma Kodac, sempre assestada para as almas.

Erico Viríssimo não se intitulou nada disso: escreveu seus livros e atirou-os, com simplicidade, sem reclames bombásticas, á curiosidade de todos. Mas todos *viram*, sem insinuações nem sugestões de propagandas literárias, de que lado estão, de verdade e a um só tempo, o pintor, o fotógrafo e o musicista da Vida.

Sobre literatura Ibero-Americana

La literatura brasilena es casi desconocida -- Los historiadores de la literatura eu el Brasil

Por
Atilio Garcia Mellid

Uno de los própositos que mueven la iniciativa de celebrar un Congresso de la Ensenanza de la Literatura Ibero-Americana, en Méjico, es el de procurar la inclusión de la Literatura del Brasil en el cuadro general de la Literatura americana. Acaso ninguna finalidade más transcendental podia haberse asignado a este Congresso. Porque la verdad es que el desconocimiento que mantiene destrabada e icomunicada la obra cultural que se realiza en cada uno de los paises del Continente, se agrava hasta proporciones inauditas si de literatura brasilena se trata.

Um caso reciente lo comprueba de manera irrefutable. Uno de los espíritus más vigilantes de nuestra América, escritor que tiene el amor y la curiosidad de tópicos e figuras americanas — el peruano Luis Alberto Sánchez — acaba de editar, con el resonante suceso que cuadra a una obra salida de su pluma erudita, una "Historia de la Literatura Americana". Sánchez ha realizado una tarea impar, de muy antigua y sentida necesidad, pues ninguna obra, ni compendio, ni texto, permitía al estudioso de la materia hallar disciplinado y sistematizado el vasto material que brindam los 400 anos de literatura americana. Sus títulos eram más que sobrados para tan magna empresa: propessor le Literatura Americana y del Perú en la Universidad de San Marcos de Lima, desde 1927 hasta 1932; historiador prolijo de "La Literatura Peruana", em tres vigorosos tomos, subtitulados: "Derrotero para una historia espiritual del Perú"; autor de ensayos y libros de captación estética y de orientación literaria, como "Panorama de la literatura actual" y "Breve tratado de literatura general"; catedrático ocasional, a raíz de viajes deliberados o forzados, en la Universidad de Quito, en el Instituto Nacional de Panamá, en el Lyceum de La Habana, en la Facultad de Pedagogia de Santiago, en la Facultad de Filosofia y Letras de Buenos-Aires y en las Universidades de La Plata y el Litoral (Argentina). Quien osaria, ante tan elocuentes evidencias de su talento, discutirle el bagaje intelectual con que afrontó la realización de tan compleja, como confundidora labor.

Pues la "Historia de la Literatura Americana", de Luís Alberto Sánchez, excluye en absoluto toda referencia a la literatura brasilena. Claro está que la advertencia preliminar nos informa del motivo: "En el plan general de este libro — dice — entraban la literatura estadounidense y la brasilena. Como el destierro me ha separado de mis papeletas y mis obras de consulta ya cernidas, me he tenido que limitar, por ahora, a la llamada America Espanola".

Aun admitido el justificativo, pues viene de hombre de tan cenida lealtad como Luis Alberto Sánchez, no puede dejarse de mencionar la inevitable defraudación, la amputación inadmisible, que siempre habrá de importar una "Historia de la Literatura Americana" en que no aparezca, por parte alguna, la densa exégesis, la voluminosa referencia, de que ha menester una literatura tan numerosa y significativa como es la brasilena.

No he querido, desde luego, disminuir con esta referencia la singular significación que asigno a la pormenización orientadora que Sánchez nos ha dado de la literatura americana, y si solamente constatar un hecho de repetida aparición, que sirve para documentar hasta qué punto, en nuestras tierras de habla espanola, "se carece de información suficiente" o se tiene en subestimación una de las literaturas más ricas, variadas y opulentas del Continente.

Quién quiera orientarse respecto a la multiplicidad y grandeza que asume la obra literaria en el Brasil, tendrá, pues, que recurrir a los propios historiadores brasilenos, cuya labor es, en este sentido, de magnificas proporciones. Para iniciación, nada puede resultar más util que la documentada y bien medida "Pequena História da Literatura Brasileira", de poco más de 300 páginas, debida a Ronald de Carvalho, que es — esta vez sí — una obra que puede llamarse senera, sin que le sobre un adarme de generosidad al calificativo.

Ronald de Carvalho, desaparecido hace tres anos, en la plena madurez de su talento, fué uno de esos espíritus de excepción que, en otra tierra que no fuera Brasil, habria que senalar con piedra blanca de gloria inmarcesible, pues tuvo el sentido de la unidad, de la medida e de la fuerza, en la integración magnifica de su concepción, de su labor de creación artistica y de su acerada valoración critica.

No como poeta nos interessa en este caso, sino como discriminador, a la vez apasionado y objetivo, de la literatura de su patria. Su labor puede ser un camino de iniciación para quién quiera entrar al conocimiento de esa maravilla de luces, de colores y de perfumes, que es la literatura brasilena.

Passando ya a los que podriamos llamar historiadores mayores, es forzoso acudir a la magnifica "Historia da Literatura Brasileira" (1888), obra de Silvio Romero, miembro de la Academia Brasileira de Letras — falecido em 1914 —, quién logra una discriminación prolija de la evolución de la cultura brasilena, estabeleciendo los seguientes periodos: 1°.) Periodo de formación, o clássico (1593-835); 2°.) Periodo romántico (1836-1875) y 3.°) Periodo de las reacciones antirománticas (a partir de 1876).

La obra de Silvio Romero, en el aspecto crítico, es vastísima y erudita, y la mencionada "Historia da Literatura" deben agregarse otras obras menores, pero igualmente utilísimas, como "Novos estudos de Literatura Contemporanea" (1898), "Evolução da Literatura Brasileira" (1905) y" Quadro sintético da Literatura Brasileira" (1911).

Mucho menos podria prescindirse de la obra de José Veríssimo (1857-1916), alto espíritu crítico objetivo, desapasionado, cuyas páginas fundamentales están

Quadros rústicos

(A meus irmãos)

HEITOR LU'CIO

Aquí nesta fazenda onde o verão eu passo
todos os anos, tudo é alegre e à paz convida.
Só de noite se nota um levíssimo traço
de uma quasi tristeza ou mágua indefinida.

De dia é o movimento, a luta até o cansaço,
as enxadas luzindo ao sol, rumores, vida!
Sinto que aquí renovo o coração! Renasço
junto á gleba feraz golpeada e revolvida.

Não tenho dentro da alma um laivo de desgosto
Por vales e grotões meus livres pensamentos
voam... E em plena luz das tardes abrazeadas,

sob uma gameleira, à canícula exposto,
calmamente adormeço, ouvindo os sonolentos
carros chiando e gemendo ao longo das estradas...

Fica ao fundo da fazenda
a mata. Ao lado o pomar.
Há em tudo uns visos de lenda
que maravilham o olhar.

Não longe se vê da moenda
a choça tosca, vulgar
e, dos campos sôbre a renda,
o gado nédio a pastar.

Do meu quarto olho o terreiro
Num canto está o galinheiro,
no canto oposto o monjolo,

ao som de cujas pancadas
as negras soltam as toadas
com os crioulinhos ao colo.

A água cai daquela bica em arco
e abre-se em amplo leque multicor,
vendo-a, quem poderá jamais supor
que vais morrer num pestilento charco?

Nasce pura, na encosta húmida e escampa,
numa calma dulcíssima que invejo,
banha os murtais e desce pela rampa,
buscando a várzea onde borbulha o brejo.

Desce..., e caindo, espadanada pelo
cano curvo, carreando em atropêlo
musgos e folhas de esquisitos tipos,

ao sol do estío resplandece, iriada
como uma flôr selvagem pendurada
no bico longo e exótico de um gripus.

---

destinadas a la valoricián de la cultura brasilena, permitiendo al lector una visión conjunta que no sólo sitúa hombres y tendencias, sino que aún permite apreciar, en sua grandes planos y en sus detalles esenciales, la evolución de las ideas y su influencia sobre el destino histórico del Brasil.

Sus "Estudos de Literatura Brasileira", en seis tomos, su manual "Historia da Literatura Brasileira" y los firmes volúmenes de "Estudos Brasileiros" son — aparte muchas otras páginas críticas que le pertenecen —, un itinerario imprescindible para juzgar la producción literaria del Brasil y formar juicio exacto de sus escritores, sus artistas y sus poetas.

Tambiém son buenos pilotos, según noticias, Artur Mota, autor de una "Historia da Literatura Brasileira", en tres tomos, y Silvio Júlio, crítico joven e inteligente, de quién es "Literaturas Brasilienses", obras éstas que no me ha sido posible conseguir hasta la fecha. De Silvio Júlio conozco, por el contrario, su bello livro "Apostolicamente" (1926), en que coleccionó notables trabajos sobre tópicos hispano-americanos, pues se trata de un escritor que, como Osorio Duque Estrada (que ocupó en la Academia, el sillón dejado vacante por Silvio Romero), ha consagrado horas y desvelos a difundir en su país nombres y obras de literatos que escriben en idioma espanol.

Bella labor que en forma amerosa debemos retribuir y a cuya aportación entrego estas páginas (y otras que la sucederán), pues tengo la certeza que quién tome conocimiento con la literatura brasilena — de hoy e de siempre — alcanzará a comprender porqué la naturaleza ha sido tan pródiga con esa tierra y porqué el aire que de Brasil nos viene, trae una deliciosa emoción de luz, de perfume y de gloria...

(Transcrito de LA CAPITAL)

Um capitulo do romance em preparação:

A velha casa

JOSÉ RÉGIO

Era a hora do estudo da tarde, e Lélita pensava. As *Catilinárias* abertas diante dêle, o dicionário á direita, o caderno de significados á esquerda, o lápis ali á mão, — pareciam indicar que Lélita preparava a sua lição de latim. Mas Lélita pensava; e não pensava nas *Catilinárias*. Pensava...? em quê? Realmente, em nada. Melhor fôra dizer que Lélita vogava ao sabor dum muito vago devaneio melancólico, ao longo do qual a saudade de casa transparecia num persistente vaivém de recordações íntimas, ternas, aliada a uma como viscosa, angustiosa, obscura sensação de pavor. Tal pavor, Lélita, fugia ainda de confessar a si próprio; mas há três dias que o perseguia; e há seis dias que Lélita chegara. Há seis dias que neste mesmo salão fingia, a esta mesma hora, preparar as lições do dia seguinte.

Era um bom salão comprido, largo, com janelas dum lado e outro subindo quási até ao tecto. Pelas da direita, viam-se as araucárias e tílias do recreio dos *maiores;* (claro que Lélita pertencia aos *maiores*). Pelas da esquerda, o alto muro da cêrca e uns longes da cidade. Ao fundo, a meio, sôbre um estrado, estava a mesa do prefeito encarregado de fiscalizar o estudo. E na parede, frente ás várias filas de carteiras, havia um mapa de Portugal, uma cabeça de lôbo, um retrato do Dr. Santos Paiva, fundador do colégio, e dois pequenos caixilhos com dizeres. Um dizia: *"Se pudesse imaginar quanto o mandar é difícil, preferirias obedecer tôda a vida"*. O outro: *"Se não trabalhares com alegria, não acuses ninguém de o trabalho te ser penoso."*

O *Colégio Exemplar* aceitava internos, semi-internos e externos. Os internos recebiam lições no colégio em que viviamos. Os semi-internos frequentavam as aulas do liceu, indo e vindo, acompanhados dum prefeito. Os externos só iam ao colégio ouvir as lições.

Com muito custo conseguira Lélita ficar semi-interno. Nem por isso a sua vida era muito divertida! A's seis e meia, tocava a sineta e acordava todos os rapazes nos dois corpos do edifício: um ocupado pelos *grandes*, que eram os alumnos do 5°. ano ao 7°; outro, mais largo pelos *pequenos* e *médios*. O refeitório era comum ás três divisões, e ocupava com a cozinha e as despensas o rez-do-chão do segundo corpo. Das seis e meia ás sete, os rapazes lavavam-se e vestiam-se. Havia ainda uns dez minutos de tolerancia. As sete e dez, badalava outra vez a sineta. Cada um devia já estar postado diante da sua cama, emparelhando ao toque da sineta com o seu vis-á-vis; e a longa fila de dois a dois atravessava o corredor, subia pela escada em caracol até ao salão de estudo. Estudavam até ás oito e um quarto. A essa hora, novas badaladas. Os rapazes saíam outra vez em fila, desciam, passavam no corredor, atravessavam a curta passagem telhada que unia um ao outro os dois corpos do colégio, lavavam as mãos, á vez, nas pias dispostas ao longo das paredes do vestíbulo, e entravam no refeitório. *Menores* e *médios* já lá estavam. Era o pequeno almôço. Depois, dêste, Lélita partia para o liceu com meia dúzia de colegas e o *Leva-Surras*. Assim fôra cognominado o prefeito que os acompanhava. Ao meio-dia, voltavam todos. Almoçavam, tornavam para o liceu; e vinham de vez ás quatro da tarde.

Dois ou três dias que chovia, Lélita alcançara licença, á volta, de ir mudar de calçado ao dormitório. Por lá se demorara até ao estudo da tarde, que era das cinco ás sete; e logo planeara recorrer tanto quanto possivel a êsses momentos de evasão. Lélita preferia o estudo ao recreio; não por amor do trabalho, decerto: Desde que chegara, ainda não conseguira trabalhar. Mas porque só durante o estudo (ou noite morta, na cama) podia entregar-se livremente ao melancólico devaneio em que vinha agora caindo. Quando não chovia, porém,? que remédio tinha Lélita senão *gozar* quasi uma hora de recreio? Ora Lélita ainda não conseguíra acamaradar com os seus novos companheiros: Além de lhe não interessarem senão mediocremente os seus jogos e brinquedos, ainda nenhuma daquelas caras despertara nêle qualquer movimento de franca simpatia. Os modos da maioria antes o desgostavam. Lélita via-se reduzido a tomar aquêle pobre ar de afastamento, de superioridade, que, por sua vez, lhe alienava as simpatias dos camaradas.

E durante dois dias, Lélita passeou todo o recreio de mãos atrás das costas, olhando o cimo das araucárias ou espiando os colegas que jogavam á bola, á barra. Posto o não seduzissem muito êsses jogos, — gostaria de tomar parte nêles. Mas os colegas não pareciam entender a sua necessidade de convivência. E como entendê-la, se não entendiam a timidez, a sensibilidade, as suscepitbilidades e a delicadeza que impediam Lélita de satifazer com a naturalidade dos outros o seu instinto social? Lélita é que entendia magníficamente como a êles os chocava o ar de distancia com que não podia deixar de encobrir a sua timidez. Demais, não se tinham êles encarregado de lho dar a entender? Logo ao segundo dia, percebera Lélita olhares curiosos, trocistas, espantados, e furtivos sor-

risos que o elucidavam. *"Que tal está o lord?!"* — diziam tais olhares. Lélita afligiu-se com êstes malentendidos que sentia nasceram á sua volta. Mas o seu esfôrço para vencer o magoado acanhamento que o tolhia não conseguiu senão fazê-lo trocar algumas palavras frouxas, titubeantes, com os seus companheiros semi-internos. No quarto ou quinto dia, como estas horas de recreio se lhe tornassem verdadeiramente dolorosas, Lélita trouxe um exemplar das *Viagens na minha terra*. Ao longo do muro, havia pequenos bancos de pedra; em frente dêles as araucárias e tíbias, dum lado e de outro; a meio, um vasto rectangulo nu para os jogos. Um dêsses bancos, mais afastado, roçava pela alta rêde entre o recreio dos *maiores* e o dos *pequenos*. A Lélita, divertiam-no mais as brincadeiras dos *pequenos*. Lélita esquecia-se a olhá-los, com o livro de Garrett nos joelhos, quando sentiu passos no chão areento. O senhor Barroso, ou simplesmente Barroso, por alcunha o *Bife Cru*, era quem fazia o recreio dos *maiores*. Todos os temiam. Corriam sinistras anedotas a seu respeito. Mas Lélita ainda as não ouvira; e simplesmente antipatizara com os seus olhos esverdinhados, o desenho bestial do seu queixo, a sua voz rouca, pastosa, e o seu busto atlético montado sôbre pernas curtas. Havendo-se aproximado, o senhor Barroso disse:

— O senhor não pode estar aí.

— Porquê?... — perguntou Lélita córando.

— E' o recreio dos *pequenos*.

— Mas eu não estou no recreio dos pequenos!

— Está a olhar para lá.

— A olhar?! Faz algum mal?!

— Não pode. São ordens.

Lélita córou ainda mais, resmungou:

— Não sei porque está aqui um banco...

E levantou-se; mas o senhor Barroso estava diante dêle, tomando-lhe o caminho.

— O senhor não deve descutir as ordens que lhe são transmitidas.

Lélita ficou mudo.

— ... Nem pode ler folhetins.

Lélita olhou-o com certa sobrançaria.

— Não leio folhetins.

— Seja o que fôr!

— E' uma obra que o professor me mandou ler. Tenho de a ler.

Lélita mentia. O professor começara pela literatura arcaica. Mas aluno semi-interno de letras, Lélita sabia que podia ler, no colégio, os livros recomendados no liceu. Os internos e semi-internos de ciências eram considerados como não tendo aspirações nem direitos a outra leitura que não a dos livros escolares. Por isso liam, clandestinamente, livros obscenos e narrativas de crimes.

— O seu professor não manda nada cá no colégio! E' proíbido ler nos recreios.

Lélita sentiu-se tremer. Fez um esfôrço e conseguiu balbuciar:

— Já o podia ter dito...

Mas perante o ódio que, súbito, lampejou no olhar limoso do *Bife cru*, Lélita compreendeu a verdade: Aquêle primeiro diálogo não significava senão o primeira choque de dois inimigos natos; pois não era impunemente que Lélita sorria como uma criança, tinha o corpo fino, as feiçoes irregulares mas luminosas, e o senhor Barroso, por apelido o *Bife cru* ,tinha aquelas pernas de toiro baixo, aquêle queixo agressivo, aquêles olhos falsos, e fôra elevado á categoria de prefeito.

— Muito bem! — disse mais rouca a voz do senhor Barroso — direi ao senhor director que o senhor é malcriado com os prefeitos.

— Malcriado?!...

— Malcriado? E que anda sempre o senhor metido pelos cantos? Ora vá para onde estão os outros, que não é mais que os seus colegas!

Tinham-se juntado alguns. Lélita compreendeu que o prefeito os adulava para os acirrar contra êle. De-vagar, com o rosto a arder e as mãos trémulas, dobrou o canto da página que lia e meteu no bolso do casaco o livro do seu Garrett. Depois voltou costas, olhando o cimo das araucárias como para fugir á proximidade dos circunstantes. Recomeçara o seu melancólico passeio entre as árvores, quando ouviu ao lado:

— Então a menina lê romances?

Com um choque no coração, Lélita parou e sentiu que se fazia branco. Era um matulão de desasseis a desoito anos, não mais velho mas muito mais forte do que êle, e que lhe espiava a passagem com uma explêndida dupla fila de dentes brancos cintilando num riso cáustico. O seu nariz e o alto das faces pareciam sujos, — de pintalgados de sardas. Mas tinha uns olhos castanhos risonhos que predispunham em seu favor. Lélita deparava finalmente com um rosto que se lhe não tornava antipático; simplesmente, apresentava-se como o dum novo inimigo. Lélita não sabia que responder ao seu insultuoso apelativo de *menina*. Ficou, pois, diante dêle sem dizer nada, pálido, e a olhá-lo com olhos como enevoados. Então o outro despegou-se da tília a que se encostava, veio de mãos nos bolsos, parou de pernas em angulo, num á-vontade quási tão ofensivo como a sua frase, e pôs-se a examiná-lo como se examina um bicho esquisito. Súbitamente, Lélia odiou as suas calças de cutim desbotado, o seu casaco demasiado curto nas mangas, as suas sardas e os seus belos cabelos claros revoltos.

— Que quer Você? — disse com a voz presa — Não me chame menina! Eu não sou menina.

— Sim?... — resmoneou o outro não sem ar de dúvida. Depois abanou-o ligeiramente pelos ombros, palpou-lhe os braços, retorceu a bôca num momo de desprêzo, deu-lhe um pequeno pontapé, de lado, na perna, com a sapatorra cardada.

Lélia ruborizou-se todo para preguntar:

— Quer tirar a prova real?

E esforçava-se por sorrir. Mas logo se arrependeu da sua ousadia.

— E' uma idéa! — declarou o outro com um rápido olhar meio indignado meio divertido — Vamos proceder á *vistoria!*

E pôs-se a agitar os braços para chamar os companheiros. Lélita viu-se rodeado de quantas caras não pudera ainda encarar sem um interno movimento de desgôsto. Havia entre elas a dum mulato chegado há dias, e a dum negro que viera em pequenino, pagava o dôbro dos outros, e estava afeiçoado ao colégio como uma besta ao seu curral. Contavam os companheiros com escarneo, e os directores com orgulho, que o tinham querido levar embora, e êle fugira para o colégio. Muitos, porém, dos que a respeito desta aventura o troçavam estavam tão adaptados áquilo como *Cabeça de graixa*. *Cabeça de graixa* era o apelido do negro. De seu verdadeiro nome, dizia êle que se chamava não Jesus, mas *Zezus*. Não seria esta adaptação á vida servil do colégio, á monotonia do regulamento, á grossaria innata dos prefeitos, á brutalidade dos directores, aos inconvenientes da reclusão, á comida de rancho, o que dava á maioria dessas caras de adolescentes aquêle seu ar de bruteza que tanto feria Lélita? ou aquêle mixto de hipocrisia e causticidade que ainda era a sua expressão mais inteligente?

— Deixem-me! — berrou Lélita com terror — Deixem-me ou faço queixa...

Um inesperado encontrão o impediu de terminar a frase. Era o das sardas; mas o seu rosto transfigurara-se: Há momentos, Lélita não pudera deixar de o achar simpático. Agora, a face cavara-se-lhe numa repentina expressão de dureza. Os olhos olhavam com

fixidez e ódio. Lélita sentiu-se agarrado pela gola do casaco e sacudido com violência.

— Ouve lá, menina! Aqui ninguém faz queixa dos camaradas, percebeste? Eu chamo-me Pedro. Pedro Sarapintado, por causa destas borras que me vês na *lata*. Ra'is me parta' se seu má *bisca* ou mau amigo! Mas olha que não me custa estragar a figura dum tipo que vá chapar aos directores o que se dá entre nós! Fica pra teu govêrno, percebeste? Aqui as questões resolvem-se a murro, seja como fôr!, contanto que nenhum lá dos *salsas* cá meia o nariz... Rapazes! vamos a essa *vistoria!* O *discurso* é amanhã.

Lélita não estava certo de interpretar á justa a inquietante palavra *vistoria*. Mas no seu terror (pois a simples suspeita do seu signiifcado o aterrava) chegava a desejar a intervenção do senhor Barroso. Com efeito, senhor Barroso aproximava-se de-vagar.

— ... Alguma novidade? — preguntou condescendentemente. Com os mais velhos, *Bife cru* afectava muitas vezes uma espécia de bonomia. Os menos favorecidos por ela — chegavam a murmurar que tal bonomia se afirmava como real cumplicidade em certas emprêsas proibidas pelo regulamento do colégio.

— Nenhuma novidade! — respondeu Pedro ousando piscar o ôlho ao senhor Barroso — Brincadeiras cá dos *mecos*. Estamos ensinando o *novo* a lidar com gente.

Os seus magníficos dentes brilharam num sorriso destinado a conquistar a compreensão do prefeito.

— Tem de se sujeitar como os mais! — declarou com uma especia de fúria, por trás de Lélita, uma voz baixa e um pouco pegajosa. Lélita voltou-se e reconheceu o Adélio. De poucos, ainda, sabia Lélita o nome. Mas o Adélio era um dos chefes dos *maiores;* se não o chefe.

O senhor Barroso olhou Pedro Sarapintado, olhou o Adélio, olhou Lélita... Um vago, dúbio sorriso que a Lélita pareceu monstruoso pairou na sua bôca. Os seus olhos esverdinhados olhavam sem ver, como se fôssem de vidro. E senhor Barroso voltou costas, afastou-se de-vagar, encaminhando-se para o lado do edifício como se aí quisesse ficar de atalaia. O raio de esperança que fuzilara no espírito de Lélita apagou-se. Lélita compreendeu que o seu inimigo muito deliberadamente o abandonava á crueldade dos outros.

— Ja lhes pedi que me deixem! — disse êle com a voz rouca — Eu nao tenho que me sujeitar a nada! Não quero pertencer ao vosso rancho! Sou livre...

Mas como se atirasse ás cegas, pronto a romper o grupo que o cercava, sentiu-se violentamente enleado por uns braços que se cruzavam sôbre os seus, por umas coxas que, de cada lado, comprimiam as suas. Estorceu-se, roçando as costas por um peito largo que o abarcava, e encontrou os olhos oblíquos do Adélio que o olhava de cima, com um sorriso sensualão e desdenhoso no lábio dependurado. O Adélio era temido pela sua fôrça. Um movimento de violenta repugnancia correu todo o corpo de Lélita, ao contacto do corpo do outro.

— Largue-me! — berrou êle sufocado — mas largue-me! largue-me! Eu sujeito-me...

Os seus olhos procuraram os de Pedro como quem pede socorro. Pedro Sarapintado assistia serêno. Mas se Lélita o conhecera melhor, leria no cerrar dos seus lábios bem recortados um principio de descontentamento.

Sem se apressar, o Adélio afrouxou a pressão dos braços e das pernas. E sempre encostando-se um nada, com um modo chibante, a cara larga, duma palidez verde, sôbre o seu ombro, preguntou-lhe com uma especie de brandura obscena e sarcástica.

— ... **Mais mansinho?**

Lélita olhou-o com asco; e lutava por abafar os soluços nervosos que o acometiam. Então o outro agarrou-o por baixo do braço, empurrou-o, Lélita sentiu-se levado no meio duma cantilena geral em que certas sílabas a cada instante se repetiam, enthusiásticamente lançadas, ininteligíveis e por isso mesmo inquietantes.

Havia á esquerda do recreio, por uma reintrancia, do alto muro que o separava da cangosta, uma especie de recanto igualmente a coberto do recreio dos *menores* e dos edifícios do colégio. Os rapazes chamavam-lhe o *gabinete;* e sempre que podiam iludir a viligancia dos prefeitos (pois durante os recreios a atenção dos prefeitos permanecia muito voltada para êsse esconderijo) iam lá esganar a ponta dum cigarro. Meio metido na reintrancia do muro, havia um banco; diante do banco, a mais bela araucária do colégio.

Foi para aí que arrastaram Lélita. Lélita decidira, finalmente, não resistir. Deitaram-no de costas no banco. Pedro Sarapintado estava á sua direita o Adélio á sua esquerda. Todos os outros formavam círculo em volta. Pedro Sarapintado ergueu a voz:

— Prepare-se e alegre-se o aspirante, que vai ser sujeito á primeira das duas provas sem as quais nenhum *novo* pode ser recebido no recreio dos *maiores!* Consiste essa primeira prova, dita da *vistoria* ou *revista,* na constatação pública dos atributos másculos do aspirante, e seu requerido grau de desenvolvimento. Consiste a segunda prova, dita do *discurso,* numa saudação pública, dirigida pelo aspirante ao honorabilíssimo grémio em que pretende ingressar, seguida do desenvolvimento filosófico, científico e literário dum tema dado. Fica esta segunda prova marcada para amanhã, antes do jantar. O tema é o seguinte: *"Classificação zoológica do pessoal menor (vulgo prefeitos) do Colégio Exemplar, com aplicação dos quadros parietais da sala B e da tábua de logaritmos."*

Um silêncio caiu sôbre esta breve alocução, lentamente recitada num tom extraordiáriamente enfático. Lélita não pudera deixar de reparar na sua correcção de forma, como no tom em que fôra dita. Julgara êle que Pedro não saberia reunir seis palavras sem três em calão... Mas Lélita nada conhecia, ainda, das paródias, fantasias e habilidades de Pedro Sarapintado.

Novamente a voz de Pedro Sarapintado se elevou, solene:

— Avance o mais novo!

Lélita pensava: "Se eu pudesse ter espírito, sangue frio, á-vontade, se eu pudesse ser como êles, seria uma boa ocasião para os conquistar..." Mas quê? Lélita fremia intimamente. E com todo o sangue na cara, fechou os olhos para não ver o que se ia dar. Houve um pequeno reboliço no grupo; depois novo silêncio.

— Proceda!

Alguém o desapertava. Pela carícia do ar livre nas partes secretas da sua carne, Lélita sentiu-se exposto á curiosidade geral; depois á hilaridade. Ardia-lhe o rosto como se lhe desse de chapa o calor duma fornalha. Os soluços nervosos voltavam-lhe. Sentindo-lhe o corpo tremer convulso, Pedro Sarapintado agarrou-lhe a mão, dobrou-lhe o braço, e apoiou-se-lhe um pouco sôbre a espádua. Do outro lado, Adélio fez o mesmo. Inútil precaução! Lélita não pensava em resistir: O próprio espanto da cerimónia humilhante a que o sujeitavam, humilhante e grotesca, o inibia inteiramente. Além de que Lélita notava, não pela primeira vez mas pela primeira vez com tal segurança, dois traços que viriam a ser característicos da sua personalidade: O gôsto pelo martírio, mesmo sem finalidade aparente; o pendor a desdobrar-se para se observar como a um estranho.

— Adube! — tornou sibilinamente a voz autoritária.

Lélita sentiu um primeiro, um segundo, um terceiro punhados de terra caírem sôbre a sua carne exposta; e depois... depois, o mesmo que, sob as ordens de Pedro, *procedia*, cuspiu duas vezes nessas partes que salpicara de terra.

— Oh...! — fez Lélita com uma espécie de gemido e uma reacção de todo o ser. Mas cada um dos seus pulsos estava preso por uns dedos poderosos que simultaneamente lhe pesavam no ombro.

— O teu nome inteiro...? — preguntou-lhe Pedro quási com doçura.

Mas Lélita não podia falar.

— Convida-se o aspirante a declarar o seu nome inteiro! — volveu Pedro Sarapintado retomando o tom imperativo e pomposo.

Lélita fez um grande esfôrço; murmurou:

— Manuel...; Manuel Maria Reis Frigueiros.

— Manuel Maria Reis Frigueiros! a tua primeira prova está concluída; com resultado satisfatório. Por ela ficas tendo real ingresso, com regozijo dos teus camaradas, na sociedade do recreio dos *maiores* do Colégio Exemplar.

Voltou-se para os outros, sem perder a sua irrepreensível seriedade:

— O hino.

A cantilena de há pouco recomeçara, arrastando as suas sílabas selvagens, sempre as mesmas, quando uma voz gritou:

— Está a tocar a sineta!

De salto, Lélita sentou-se no banco. Alguns que estavam diante dêle, mais afáveis, deixaram-se ficar um instante a escondê-lo, até que se compusesse. Mas já todos se dirigiam para o salão de estudo, Lélita continuava sentado no banco de pedra, as mãos a tremer nos joelhos, quando viu que Pedro Sarapintado o esperava.

— Não vens?... — disse-lhe Pedro.

Lélita olhou-o com os olhos abertos vagos.

— Vou já...

Tirou o lenço do bolso do casaco, ia levá-lo aos olhos; mas lembrou-se que era o mesmo com que se limpara da terra e do cuspo, e tornou a metê-lo no bolso. Houve um rápido silêncio. Pedro pousou-lhe a mão no ombro, sacudindo-o agora amigavelmente.

— E's parvo! Não vês que tudo isto é paródia? Não deves ligar importancia. Bem eu logo vi que não passas duma menina...

— Não sabia que o colégio era assim... — murmurou Lélita com a voz a tremer de lágrimas represas. A afabilidade de Pedro fizera-lhe vir, enfim, vontade de chorar; mas desejaria estar só.

Pedro Sarapintado tomou-o pelo braço, obrigou-o a levantar-se.

— Vamos ser castigados! O *Cáveira* já veio á porta. Olha, o colégio é assim e muito pior, percebeste? Mas o melhor é a gente habituar-se a não se ralar, não ligar *peva* a êsses tipos, e ir-se divertindo o que puder... Que entre os próprios rapazes também há'i *gajos*, raios os partira'!, que ao mesmo tempo fazemos foguinho com os colégas e os prefeitos... Tú chega-te a mim, percebeste?, que só tenho esta *lata*, c'um raio! E sou capaz de ser amigo dum amigo, inda que goste duma troça... Raios me parta!, percebeste?, macacos me mordam...

Parara, de mão levantada, ia fazer qualquer jura e multiplicava o calão no fervor do seu entusiasmo; Lélita já quasi sorria, esquecido, quando a voz do *Cáveira* se ergueu vibrante de raiva á porta do salão:

— Conversem, que têm tempo! O senhor director espera.

O *Cáveira* era o mais respeitado dos prefeitos.

— Céus! — bradou Pedro Sarapintado.

Com efeito, o director Santos Paiva Filho estava na sala; e não se ouvia senão o zunido duma grossa mosca azul, que doidejava no tecto, e de vez em quando trambulhava contra os vidros.

O colégio tinha dois directores. Mas Santos Paiva Filho, sendo o mais novo, era o mais ríspido, o mais estúpido, o mais brutal e o mais venal. Chamavam-lhe o *Pousa aqui*, por coxear levemente. Vestia no rigor da moda. Casado, tinha amantes públicas. Tratava todos os rapazes por tu. O outro director era quem, na casa, fazia tudo.

— Donde veem? — preguntou com furor.

— Do recreio.

Fôra Pedro quem respondera. Rápida, a mão do director apanhou-lhe a cabeça de lado, tocu surdamente e fugiu-lhe por cima dos cabelos. Um pouco para evitar a pancada, um pouco em virtude de a não ter evitado, a cabeça de Pedro oscilou nos ombros. Mas retomou logo a sua verticalidade. Pedro Sarapintado tinha o pescoço alto, a cabeça airosa. E a cara de Pedro não acusou mêdo, nem ira, nem indignação, nem vergonha. Os seus olhos castanhos francamente abertos para os do seu agressor pareciam preguntar-lhe: "Pensas que me fazes *perder a lata*?" O olhar do director baixou então sôbre Lélita, depois envolveu-os ambos numa desconfiança que Lélita não entendia. Era evidente que o senhor director Santos Paiva Filho gostaria de também fazer sentir áquele recem-chegado o pêso da sua mão. Não se atreveu. Exactamente!" Lélita chegara há pouco, e era filho de gente que pagava bem.

— Porque não vieram com os outros?

Lélita apressou-se a responder:

— Fui eu que me demorei. Tinha-me sujado a brincar, estive a limpar-me. Ele ficou a minha espera.

— Não é verdade! — declarou preremptoriamente a voz de Pedro Sarapintado — Gosto das cousas no seu lugar: Fiquei á espera porque foi por culpa minha que êle se atrasou.

— Calem-se! — vociferou o director — Vão sentar-se nos seus lugares! Ambos castigados! ambos! sem o intervalo e sem o chá. E tenham cuidado em não cair noutra!: Detesto os alunos trapaceiros...

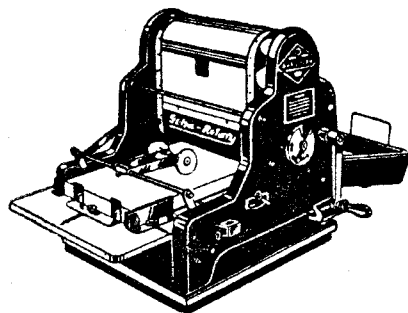
W. KREBS

RUA DA ALFANDEGA, 189
Tel. 43-3471, 43-4392 - C. Postal 57
Telegramas: KREBS, Rio de Janeiro

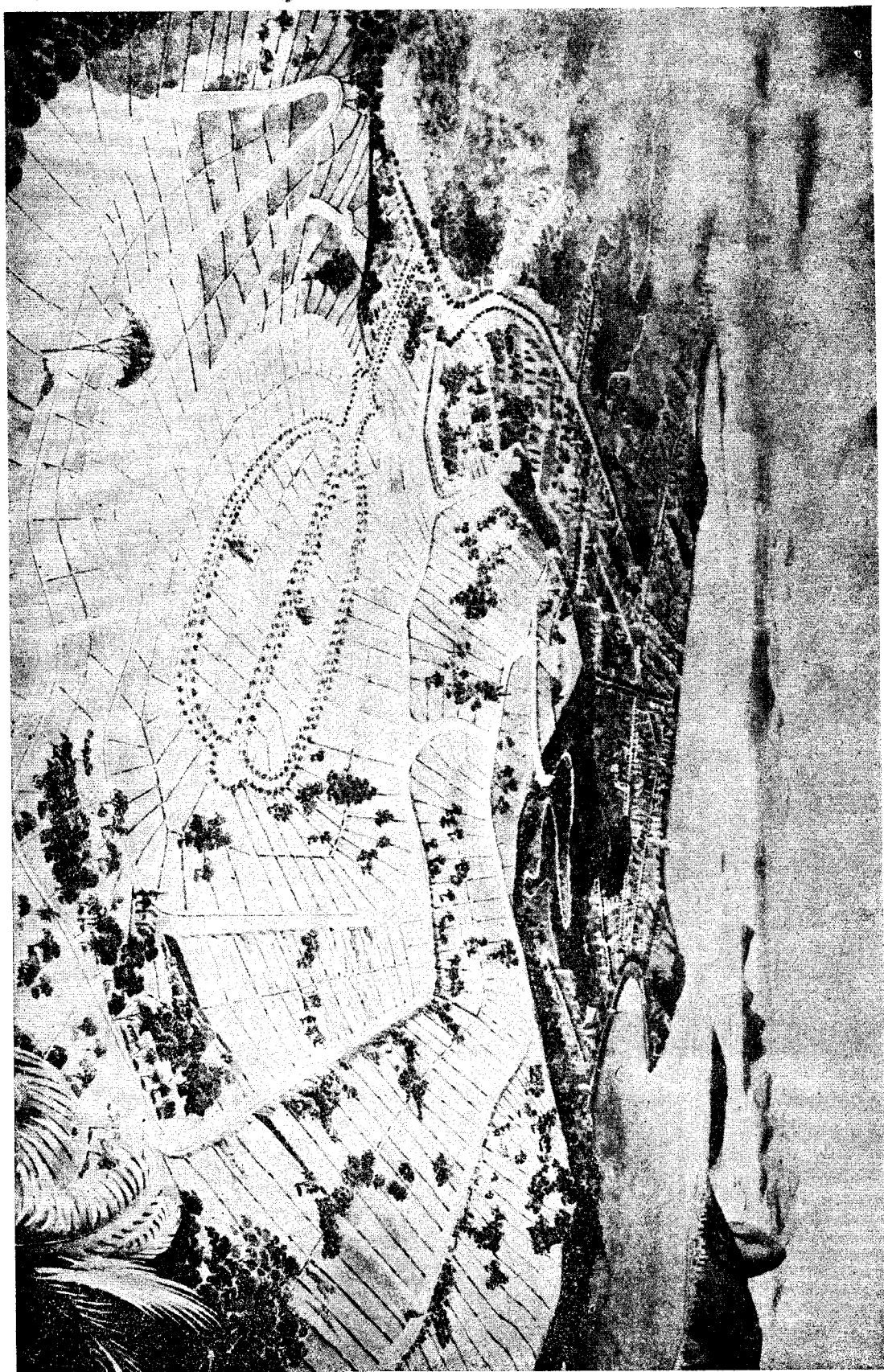
REPRESENTANTE DE:

Maquinas de escrever

Duplicadores

Geha-Rotary

Maquinas de calcular

BRUNSVIGA

VENDAS A DINHEIRO E A PRAZO

(Projéto de Washington Azevedo & Cia. Ltda. — engenheiros-construtores)

Cidade Jardim Laranjeiras

Os bairros cariocas apresentam suas características próprias. Dentro do maravilhoso conjunto da cidade, cada um dêles é uma nota de belêsa natural, diferente, de magnificência, de luz e deslumbramento.

Dia a dia o Rio toma novo aspécto. Constróe-se febrilmente. Lindas casas de moradía aparecem. E a cidade cresce, dentro de sua paisagem.

Laranjeiras é um bairro acentuadamente aristocrático. E' um bairro que vem do passado, metamorfoseando-se, como uma mulher que nunca envelhecesse. Êle foi, no passado, o ponto prediléto de moradía. Hoje continúa ser o bairro procurado e querido. Suas ruas amplas, o seu ar puro, sua proximidade com o centro e os transportes rápidos, suas árvores, a natureza perto — ela que tanto auxilia o homem a viver, dando-lhe o contáto com as árvores, as matas, os morros, a paisagem necessária ao bem estar dos olhos e do espírito.

Cidade Jardim Laranjeiras é a nova cidade nascendo dentro dêsse formoso bairro. Alí se levantará, dentro em bréve, numa moldura rica, um dos mais encantadores recantos do Rio de Janeiro.

A Companhia Aliança Indústrial, do Brasil Ltda. está realizando a venda de terrenos onde surgirá a Cidade Jardim Laranjeiras. O grande realizador e animador da emprêsa — Severino Pereira da Silva, — presidente da Cia., amando sua cidade, tudo fará para que Jardim Laranjeiras seja, dentro de muito pouco tempo, um real encantamento, contando mesmo com o auxilio dos poderes públicos que certamente ampararão êsse salutar e moderno plano de urbanização que tornará Laranjeiras mais béla ainda.

Propriedade da

Companhia Aliança Industrial do Brasil Ltda.

O meu amor vai para o teu devagarinho...

Cleómenes Campos

O meu amor vai para o teu, devagarinho,
cheio de pensamentos de ternura,
como o rio que vem de uma remota viagem,
trazendo sobre o dorso, ainda suado de espuma,
as flores que colheu nas curvas do caminho
ou que roubou das mãos da aragem...

O meu amor vai para o teu, aéreamente,
como uma nuvem baixa, hesitante e sombria,
que visse, muito no alto, uma outra, luminosa,
grande ilha de coral solta no firmamento,
e lhe saisse atrás, ao léo da ventania
errante e caprichosa...

O meu amor vai para o teu sem dizer nada,
como um segredo sem palavras, uma sombra
que, ao ver a tua luz, se quedasse atraída...
O meu amor vai para o teu, que é uma rajada,
como uma simples folha
caída...

Balada do mês de Dezembro

SEMPRE EM DEZEMBRO A MORTE NOS PROCURA...

E como fêz, há tempos, com meu pai,
Planta um cipreste, abre uma sepultura.
Tira do nosso lar uma criatura
E lá se vai com ela, lá se vai.

SEMPRE EM DEZEMBRO A MORTE NOS PROCURA...

E vem de noite, às pressas, silenciosa,
Nem se ouve o passo dela pelo chão
Mas a sua visita dolorosa
Custa sempre uma vida, a mais preciosa.
Que se entesoura em vosso coração.

SEMPRE EM DEZEMBRO A MORTE NOS PROCURA...

Desta última vez (Nossa Senhora)
Nove anos de esperança nos levou
Pois tantos eram os daquela aurora
De vida em flôr que anda no céu agora,
E que tantas saudades nos deixou!

SEMPRE EM DEZEMBRO A MORTE NOS PROCURA...

OFERENDA

Quando ela vier de novo, quando vier
A vossa humilde casa visitar,
Que ao menos leve a mim, se Deus quizer,
Em vez de outro qualquer
Que pouca cousa a morte levará.

Theoderick de Almeida

Poema do silencio

NATALINA BASTOS

(PORTUGAL)

Êste silêncio que me invade a alma
e me tortura!:
Nem eu mesmo consigo atingi-lo.

Atingir o silêncio?
E o que é o silêncio?:
É não ouvir o carro chiar,
o lume estalar,
a água cantar?
Sim, já não falo na busina dos automóveis
nem na Rádio-telefonia:
Nas mil coisas que nos enchem os ouvidos na cidade.

Fechada dentro de mim,
às escuras,
sem atinar com a porta de saída
(presumo que deve haver uma porta de saída).

...E êste silêncio matando-me.
A ansia da interrogação:
E nunca, nunca, sairei dentro de mim?

As várias facetas da verdade

De ABEL SALAZAR

(Portugal)

E' vulgar encontrarmos escrita a seguinte frase, ou análogas: que a ciência apenas abrange uma faceta da Verdade, etc. E' isto logar comum, repetido á saciedade ao qual em regra se acrescenta, ou se deixa sugerido, que as outras facetas pertencem á poesia, á metafísica, á mística, etc.

Com êste acrescimo, porém, a frase fica já inteiramente falha. E' isto porque a poesia, a metafísica, a mística, etc., não são *conhecimento* mas *expansões emocionais.* E' isto um fato que, por um preconceito tenás do espirito e da cultura, se teima em desconhecer. E assim, se por ventura a Verdade tem muitas facetas, e só uma é visivel á ciencia, as outras ficam por inteiro nas trevas. Não é a poesia, nem a metafísica, nem a mística, que delas nos podem trazer conhecimentos. Os esforços realizados por certos autores, no sentido de basear uma pretensa forma do conhecimento na intuição poética, metafísica ou mística, ou na revolução, em *simpatias*, e coisas análogas, é absolutamente estéril. A percepção psico-afetiva do absoluto, em profundidade, ou em altura; a penetração em saca-rolhas, do misterio, ou a visão, a comunidade lírica do poeta com as coisas, consigo próprio, ou com o sobre natural, e fatos análogos, nada teem que ver com o *conhecimento.* Para isso de resto, é necessário fazer desviar o termo conhecimento do seu verdadeiro sentido, correspondente á proposição sintética; uma vez que as afirmações se referem a um termo cujo sentido foi desviado do que é habitual, entramos imediatamente no terreno da confusão e do arbitrário, onde tudo póde ser afirmado.

Neste campo, e desta forma, cada qual póde *conhecer* o que muito bem lhe aprouver. Um *conhece* os bruxedos, outro *conhece* os Espíritos, outro ainda *conhece* Deus: alguns mesmo pensam *conhecer* o Diabo. Estão no seu pleníssimo direito, jamais contestado: simplesmente *conhecer* significa, nestes casos, coisa muito diversa daquilo que é expresso numa proposição sintética.

Se quizermos chamar ainda *conhecer* ao *expliciter* de um conceito analítico, por intermédio de proposições analíticas, podemos alargar o campo do termo conhecer; o que não podemos é torná-lo extensivel ao jôgo puramente arbitrário do pensamento psicológico, e suas construções.

Que o homem aspire a um conhecimento absoluto, é isso condição de uma estrutura mental, como a perspectiva o é da sua estrutura visual; mas que tal conhecimento seja uma miragem, como a perspectiva, é coisa que êle jamais deve esquecer.

E se quizermos dar á *Verdade* do Poeta, do Metafísico e do Místico, um sentido diferente da *Verdade* da ciência; ou mesmo se, no campo científico, se quizer eliminar este conceito, podemos igualmente fazê-lo. Fique então a Poesia, a Metafísica, ou a Mística na plena posse de sua Miragem, que isso não importa grandemente ao caso: o que importa é definir o sentido dos termos e conceitos, juizos e proposições.

Porque é da confusão constante, tenás, automática, do sentido psicológico, lógico e empírico, que resulta o cáos. E com este o conflito de opiniões, o choque de doutrinas e pontos de vista que são pura esgrima no vazio, pois tal batalha se faz com jogos de palavras, ou com termos polivalentes de sentido.

E' extraordinário que isto seja a realidade; e ela no entanto assim é. A grande batalha intelectual gira quasi toda em volta de palavras sem sentido, ou com duplo sentido. Por isso o pensamento atual insiste, tenazmente, em que se dê o sentido do termo usado, e o critério de sentido da proposição empregada: — pois, sem tais chaves, estaremos falando, em cada canto uma linguagem que os outros não entendem. Daí a Babel de pséudo-doutrinas, de psêudo-pensamentos, de psêudo-proposições, de psêudo-sistemas, a Babel dos contrários sem sentido, o cáos do Termo polivalente...

Tal cáos é o *Noun* da cultura, a Terra de Ninguem desta Guerra de palavras, onde os termos polivalentes caem como denso granizo. Ofensivas e contra-ofensivas são puramente estéreis, porque tais bombas jamais rebentam: elas não teem conteúdo.

Se alguem afirmar que *todo* o mundo

ontem aumentou mil vezes de dimensões, e outrem afirmar, pelo contrário, que diminuiu, podem batalhar a tal respeito a vida inteira. Porque a questão não tem saída se os contendores não nos indicarem um sistema de referência, e este é impossivel por hipótese, visto que estaria dentro desse mundo inteiro. A questão seria, pois, insoluvel, porque não tem sentido: dizer que o mundo inteiro aumentou mil vezes de dimensões, e dizer que está na mesma, ou dizer coisa nenhuma, é tudo egual a pura verborréa, e a discussão que nisso se baseasse, pura batalha no vasio.

Ora, onde está o Estalão e o Sistema de referência com que medir valores, ou correlacionar, em Moral, em Estética, em Direito, em Poesia, em Política, em Sociologia, em Mística? Como portanto dizer, e em que se fundam os que dizem, isto é melhor, mais belo, mais legítimo, do que aquilo, e coisas análogas? O padrão é o critério pessoal, o sentir, a opinião, o dogma, isto é, a ausência completa de estalão ou sistema de referência, e portanto o cáos. O positivo e o negativo, o mais e o menos, neste particular, é pura função do aféto, do sentir, da Emoção; e nós dizemos Bem e dizemos Mal, como dizemos *mão esquerda* e *mão direita*, isto é, somente porque há um *sentido* na Emoção e intensidades variadas, como uma maior ou menor generalização coletiva das formas de sentir. Daí a inconsistencia lógica de tudo o que é moral, estética, política, mística, etc.; daí o entrechocar caótico de todas as opiniões possíveis, todas sem bases.

Ora o mesmo sucede a propósito da Verdade. Há tantas Verdades e tão diferentes umas das outras, quantos os critérios. Verdade para o tautólogo, é a tautologia, isto é, que *A* é *A*, o que se póde reduzir a *A!* Verdade tão verdadeira que asfixia sob o seu excesso. Para a ciência, verdade é o que exprime a proposição sintética, em que o sentido implica verificação, o que exclue a Verdade do Metafísico e do Místico. Para êstes é aquilo que êles desejam que o seja. como para o Crente, superior a qualquer verificação possivel exclue a Verdade da Ciência. Tudo são verdades... em relação ao critério proposto; e todas se excluem, em face da diferença dos critérios. A discussão é pois impossivel, e dizer que a Verdade tem facêtas, uma para o Poeta, outra para o Metafísico, outra para o Místico, outra para a Ciência é ainda e portanto uma cousa sem sentido. Porque supõe uma Verdade em si, absoluta, o que precisamente, como se viu, ninguém pode entender o que seja, visto que lhe falta o Critério que lhe confere um sentido. Que pois cada qual se agarre á Verdade a que aspira, mas que não venha massar o visinho pregando as perfeições de sua Deidade; e que pois o Poeta, o Metafísico e o Místico, deixem em paz a Ciência, como esta deixa em paz o Poeta, o Místico e o Metafísico. Porque eliminar a Metafísica, a Mística ou a Poesia da Ciência e da Filosofia cientifica, não é proíbir ao Metafísico, ao Poeta e ao Místico, que cultivem a verdade que lhes é cara e que veem em seus devaneios; mas apenas e somente esta coisa simples, a saber: que não nô-la procurem impingir como Verdade científica ou filosófica.

Se o leitor é caturra, dirá ainda que, porventura, que não há Verdade sem existência, que a Verdade é conexa com uma existência e outras coisas análogas. Mas outro leitor mais caturra ainda dir-lhe-há que é verdade o triangulo ter três lados, mesmo que não exista triangulo algum e que zero dividido por zero é igual a qualquer numero, apezar de não existir zero em parte alguma...

E assim, por mais que o leitor caturre, terá de voltar, fatalmente, á prisão acima indicada, segundo a qual cada tipo de Verdade tem o seu critério, e que nada é fora deste critério, porque, se o não fizer, cairemos de novo no cáos do sem sentido.

Assim sucede, precisamente, com os termos de Liberdade, de Justo e outros que são fundamentais na vida do Homem. O criterio que lhes confere um sentido é aquilo que nos diz que tais coisas são sentimentos e não conceitos. Sentimentos elaborados em conceitos aparentes, e feitos símbolos, certamente; mas apenas e somente sentimentos como conteúdo e origem. Ha o sentimento positivo e negativo do justo e do injusto, como há a intuição imediata do esquerdo e do direito; e como esta, tal sentimento é inexplicável. Não há Justo em si, como não há Liberdade em si, isto é, como entes metafísicos; mas apenas modalidades do sentir, positivo ou negativo, a que chamamos justo, injusto, livre, opressivo. E como tais o Justo e o Livre são fátos, passiveis de um tratamento empírico, mas não podemos com êles desenvolver uma dialética tautológica.

O mesmo sucede com os sentimentos políticos, sociais e místicos, com todos os sentimentos religiosos. Tudo, a este respeito, é construido sob ações e reações entre a Emoção e os fatos, entre os fatos e a

Canção de solveig

Do "Peer Gynt", de Grieg

Como o sol que nasce na montanha escar-
[pada
num diluvio de luz,
assim esta canção duma alma enamorada
nos atrai e seduz!
E a alma juvenesce
em sentimento
e poesia,
— Como o serrano alvor! —
ao escutar a prece
que canta "lento"
a melodía
desta canção de amor!

Cantai, cantai esta feliz canção
cantai, cantai esta doce oração
que ao Amor há-de implorar
um sonho cor-de-rosa
evocação,
duma vida assás ditosa
á luz dum meigo olhar
a cantar!!
a sonhar!!
a cantar

Esta canção eterna, esta canção sublime,
de suave harmonia,
transforma a dôr em paz e o coração redime
em bendita alegria!
Um êxtase feliz
de adoração
o peito invade!
E' como um beijo em flor,
a ária que nos diz
que o coração
sente a saudade
duma canção de amor!

Luiz de Sanjusto

Emoção. As próprias Ideias atuam pela sua tonalidade afetiva, e é, em parte, com estes elementos que se constituem as forças da Historia.

Os próprios Ideáis são construidos a partir da Emoção, são construções imaginárias opostas, como reação, aos fatos que exercem no homem uma pressão negativa, sob o ponto de vista afetivo: e assim a luta do Ideal com o Real, que é uma das grandes fôrças da história, fôrça social e moral, tem ainda uma base emotiva.

Interpretando Jubiabá

Gerardo Reys

Balduino ama Lindinalva, a branca menina da travessa Zumbi dos Palmares. Dela fez um fetiche muito mais consistente que os adorados pelo pai de santo Jubiabá. Ela é a sua bôa estrela, cujo brilho supera de longe o de Venus — alma errante do Zumbi. E' um amor simples, puro, porque impossivel, e Jorge Amado o retratou com carinho, acentuando liricamente as passagens mais belas desse sentimento.

O amor desse moleque rude, criado entre outros moleques no ambiente escalavrado do morro do Capa Negro, tem muito de sublime. Talvez seja mesmo incomum; mas o autor de *Jubiabá* quiz desnudar ao olhar do branco, o que de puro e raro existe na psiquê do negro. E' um detalhe psicologico, enquadrado no romance para liberar a raça negra de certos preconceitos que a esmagam. Em ultima análise: uma tentativa de reparação.

E essa tentativa transformou-se na redenção dum povo melancólico, mórbido, talvez, mas bom; e a prova real de sua bondade está tôda ela no discípulo de *Jubiabá*.

A submissão do negro ao branco nunca preoccupou Balduino — senhor da Baia de Todos os Santos e do pae de santo Jubiabá. Quando criança, chefiou uma mátula de molecotes como êle; sua autoridade reconhecida, abertamente, lhe estimulou a tendência ao mando e isso êle acolheu como coisa natural. Depois, passou a observar a vida do morro, compreendendo, afinal, que nem todos agiam por conta própria. Via-os descer o Capa Negro antes do sol surgir, para só regressar quando a cidade acendia seus fogos de bengala. E êle, Balduino, o negrinho aventureiro, punha-se a matutar, os olhos cravados na cidade, que lá em baixo, aos pés do morro, parecia chamá-lo. Mas logo voltava ás suas idéias. E essas, não eram comuns: o amadurecimento precoce de sua inteligência tornava-as complexas. — Que criança perderia seu tempo em procurar o *porque* da miséria que cercava a gente do morro?

Além do mais, a ogeriza que nele crescera pelos patrões, dera á sua personalidade uma feição nova, isolando-a da dos outros infelizes que habitavam o Capa Negro. No morro, a única pessoa interessante era Jubiabá, o velho pai de santo, e Baldo nunca pôde esquecer o ritual da sua mística impressionante.

As invocações em nagô aos fetiches da religião negra, produziram em seu espírito uma impressão brutal. Alí, no terreiro de Jubiabá, ao som selvático dos atabaques, entre rústicos idolos, Exú, Oxalá, Xangô, despontou o temor do Balduino adolescente pelo sobrenatural. A musica, ora tristonha, queixosa, ora ardente, incisiva, desvendou á sua curiosidade o sofrimento daquela gente que, para esquecer a propria dor, sapateava, desenfreada, na terra escura do quintal de Jubiabá. E Balduino olhava, fascinado, as mãos dos tocadores, que alucinados, faziam rugir os instrumentos. Era o continente negro a se queixar do branco.

Em breve, outras preocupações o desviariam da mística primitiva. A culpa coube a Jubiabá ao lhe revelar a historia do Zumbi. A' medida que o velho progredia na lenda, quasi, dos Palmares, a personalidade de Baldo firmava-se vigorosa, marcadamente africana. Essa história teve a virtude de reforçar o seu desprêzo pelo homem branco; e desde então, êle fez do Zumbi um az, uma espécie de super homem, ou talvez mais, ainda.

Agora a cidade o angustiava. Deixaria nela a liberdade que alí, gozava no morro, junto aos seus? E êle quiz fugir á fascinação que desde a infancia o perseguia; mas o Zumbi não o permitiu, e Balduino aceitou o desafio. Arremeteu contra os fógos de bengala, disposto a não se queimar. Logo de inicio percebeu sua derrota. Comtudo, dentro de si, algo de novo vibrou: a conciência da própria superioridade. Tal aquisição não o interessou, antes o amargurou; abriu-lhe os olhos para o mundo. Quando o acusaram de se sentar na escada para vêr as coxas de Lindinalva, suas últimas esperanças sobre a existência duma possivel bondade no homem branco cairam por terra. Ficaram, apenas, o ódio, o desprêzo e os propósitos de independencia. E de noite, quando se erotisou, pensando ter entre os braços o corpo branco da menina, não teve a culpa. Esse sonho sensual, que lhe objetivou o que vêzes inúmeras o emocionára na meninice, não partira do seu eu. Mau grado os palavrões aprendidos no Capa Negro, e as histórias escabrosas contadas por Zé Camarão, o negro Antonio Balduino desconhecia, ainda, as imperfeições da civilização dos brancos.

A vida de mendigo a poria a nú. Cortaria rente, de vez, as suas ilusões. Aumentar-lhe-ia a aversão pelo branco, apontando-lhe as multidões oprimidas, os locais onde a prostituição se aboletára, o cais do porto, onde o dorso cansado dos homens sem A. B. C. subia e decia.

Lindinalva se impunha ao negro sempre que êle ia amar no

areal do cais do porto. Transformava as negras, as mulátas, as caboclas, em mulheres brancas, pálidas e sardentas que eram ela própria. Dormisse com que dormisse, em verdade, o negro Antonio Balduino estaria dormindo com a branca Lindinalva. Tal desejo do seu *inconciente* esclareceu muita coisa. Fez-lhe vêr que a menina branca da travessa Zumbi dos Palmares era o "principio e o fim de sua vida." E então, se lembrou de como surgira nêle, o homem. Não pôde ligar, entretanto, esse fato ao seu amor por Lindinalva. Néle via a mão de Amelia. Adivinhou ter sido tudo obra da portuguesa. Dela partiram as sensações que passariam a ser partes da vida do negro Antonio Balduino.

Lindinalva o acompanhou, sempre. Entre as prostitutas da ladeira do Taboão entre o batuque cadenciado da macumba de Jubiabá; no saveiro de mestre Manoel, e entre as ruas fedorentas de fumo da cidade de São Felix.

A vida de Balduino, vida encharcada de aventuras, era uma fuga á sua obcessão — a Lindinalva. Fuga inutil: ela continuou a perseguí-lo, fazendo de sua independencia um mito.

Baldo, o *boxeur*, apanhou uma sova mestra do peruano Miguez E porque isso? Porque lera no jornal o noivado de Lindinalva. E êle, que se considerava senhor do seu nariz, embriagou-se, sordidamente, procurando esquecer, assim, a branca que o encantára.

Baldo, o negro aventureiro, o negro que anavalhou Osorio, soldado do 19, o negro independente, deixou a Baía de Todos os Santos e do pai de santo Jubiabá. Ia procurar, em outras terras, a sua gargalhada forte de homem jovial. Talvez conseguisse se livrar do feitiço que aquela branca lhe puzéra. E de noite, no Viajante sem porto, partiu para São Felix.

— "Uma toada triste vem do mar" —

Da *Lanterna* dos *Afogados* todos a ouvem. Todos. Mas, o negro Antonio Balduino vai mais além: interpreta-lhe a tristeza, enquadrando nela o próprio drama. Humanisa-a; e pensa que o negro que a canta sofre, tambem, o sortilégio de uma branca que o despreza. Balduino conjetura sobre a impossibilidade do seu amor por Lindinalva; sente que se não fôsse o *preconceito* de que o negro nasceu para enriquecer o branco, as suas atenções seriam bem recebidas. E a noção dessa realidade aumenta-lhe a melancolia, a melancolia dos homens de sua raça. Percebe, então, que a vida não toléra os idealistas, os que colocam acima de tudo um objetivo puro. E o que era êle, senão um idealista? Onde estavam, agora, os seus projetos de indepêndencia, de *liberdade*? Um acontecimento inerente á vida, o amor, os destruira. Ei-lo, sentado na Lanterna dos Afogados, a fama de campeão baiano de todos os pesos por terra, a imaginação presa ao rosto palido da branca Lindinalva. Balduino não é mais aquele molecote safado que cercava na rua mulheres elegantes, que topava *súrúru'* com qualquer um, e que estendia raparigas na areia branca do cáis. A vida acabou com êle; deu um sumiço nas suas aventuras; apagou os amores que tivéra. Joana, dos Reis, são nomes, nomes, apenas. O Balduino que ouve, na espelunca do cáis, a "toada triste que vem do mar" é um Balduino humano, de carne e osso, que vive. Seu *drama* tem a grandiosidade dos dramas *humanos;* e o seu tipo, raro entre os homens, a altitude moral dos tipos padrões. Isso explica a sua admiração pelo Zumbi. Os dois negros se equivaliam. Um deles, o Zumbi, morreu porque viu a sua liberdade ameaçada pelo homem branco; o outro, sugeitou-se á opressão dos *senhores* do dinheiro, por causa de uma mulher branca. A renuncia de Balduino, tirou de sôbre o negro um peso que o vinha vergando desde o Brasil colonial: a subserviência. Aliás, essas duas renuncias são duas demonstrações de *independência*. E Balduino só cedeu para garantir o futuro do filho de Lindinalva.

O Balduino que não se aproveitou de uma Lindinalva decadente, prostituida, torna mais complexo, ainda, o estudo da alma humana, mas, por outro lado, é um passo de gigante para a compreensão da psicologia do homem africano. Nós o vemos surgir sem a sensualidade que o branco lhe empresta, limpo das reivindicaçoes tão do agrado da Raça Superior, em suma, com uma personalidade assás diversa da que o dólico louro de Lapouge já havia padronisado.

E Balduino fôr o criado nas ruas; dormira com vagabundos, privara com marafonas e homens sem lei! Porque exigiu então que a Sardenta, uma rameira esgotada pelo sofrimento e pela volúpia dos homens, fosse enterrada vestida de branco, como uma virgem?

Para êle a Sardenta não existia. Aquela mulher doente ainda era a sua pequena companheira de folguedos infantís. Balduino tinha um coração, e que grande coração! Perdoou a Linda o seu desprezo por êle, amparou-lhe o filho. Pôs de lado, para isso, projetos que o interessavam muito de perto, abandonando de vez a sua antipatia pelos patroes e curvando a cabeça aos horários e ás remunerações mínimas. Ei-lo repentinamente transformado: de aventureiro que era passa a pageador de uma criança, de uma criança vinda de um ventre que não fôra fecundado por êle, e que o próprio pai esquecera.

E' êste o ponto culminante da bela história do negro Antonio Balduino. Êle rompe com o seu passado tortuoso, cheio de reentrancias, desvia os olhos do futuro que previra e fita um outro mais trágico, talvez. Entretanto, não se sente intimidado: marcha ao lado dêle uma criança. Uma criança cuja pigmentação revela o Branco, mas que há de ser criada sem refinamentos prejudiciais, longe de uma sociedade má e preconceituosa, e que lerá, naturalmente, o A. B. C. dos predestinados.

Ela alcançará o que o negro Balduino tanto desejou: — dias mais límpidos!

Trabalhará pelos negros, mulatos e brancos que o sofrimento descoloriu. Terá pelo Zumbi a admiração de um negro. Ouvirá de Jubiabá a história de uma gente triste e incompreendida. E, quando a Africa, a inquietação transferida aos *ogans* e *feitas*, irromper morro a dentro, a mística primitiva o fará estremecer.

Por causa do filho de Lindinalva, Balduino acompanhará Hans o marinheiro. Êle sabe que o adeus daquele homem louro é o sinál da reconciliação e que há muito branco lutando pela redenção do negro.

PLANOS DE CIDADE

•

Por Washington Azevedo

SURTO DAS CIDADES

No mundo antigo muitas cidades eram criadas por principios religiosos ou como processo de defesa contra o inimigo comum. Prevalecendo o espirito de "clan" — de sociedade estável — tribus nômades buscavam fixar-se sendo que a maior preocupação na escolha do local era a necessidade de defesa e abrigo. Os traçados das cidades refletiam tal preocupação. As cidades religiosas, como as egipcias, eram construidas em torno do templo de acôrdo com preceitos de crença.

Dificil é precisar, mas do que se depreende da documentação existente observa-se que já no tempo dos fenicios as razões comerciais começaram a prevalecer na escolha dos locais.

Os portos — pontos fixos onde a mercadoria era recambiada para as naus — começaram a formar em torno de si uma série de habitações de homens do mar. Vieram os depósitos de mercadorias, os mercadores nômades fixaram-se e a cidade começou a surgir.

Essas mercadorias vinham por estradas. No encontro de duas ou mais vias as caravanas paravam numa estalagem a que mais tarde se anexou um mercado, residências, e logo mais uma cidade se criava.

Os lavradores de uma certa região escolhiam um ponto da estrada onde se reuniam esporádicamente para venderem o produto de suas terras aos comerciantes que por alí passavam. Era a feira. As tendas fixaram-se, as residências cercaram-nas e eis a cidade em formação.

Neste século a industria e outras necessidades forçaram os locais destinados a cidades. Constituem um exemplo frisante os lugares de extração de minérios, os centros produtores de matéria prima. A própria agricultura exigia usinas. A cana necessitava transformar-se em açucar e atraiu para perto das plantações as usinas. Os centros petroliferos criaram uma população em volta de si.

Nem sempre, porém, a matéria prima exigia usina na proximidade do ponto de extração. As industrias modernas tendem a se moverem para perto dos centros de produção de energia eletrica afim de evitar o desperdicio com a transformação e condução de força. Ainda que nem sempre isto constituia regra porquanto há a considerar o preço do transporte de matéria prima do ponto de origem á usina, e da beneficiada da fábrica ao ponto de destino.

O que se pode notar, entretanto, é que desde muito cêdo houve a preocupação de plano. Nas cidades religiosas havia a preocupação de grandeza do templo e da residência real, da casa do Senhor. Os processos de defeza impunham traçados.

PLANOS PARCIAIS E DE EMBELEZAMENTO

Havia cidades antigas (egipcias e gregas) que tinham a visão de preparar planos de cidade tendo em consideração não só o traçado geral das ruas como o zoneamento. Mas era exceção. De uma forma geral os planos sempre foram parciais. As cidades cresciam a esmo e mais tarde os poderes municipais concertavam planos parciais para determinados locais. Acresce que os planos eram mais baseados no embelezamento do que na utilidade.

PLANOS NOS ESTADOS UNIDOS

O problema do urbanismo — a tendencia das populações rurais se aglomerarem nas grandes cidades — obrigou os Estados Unidos a estudarem com mais critério a formação de suas cidades. Êles chegaram a crear uma nova ciência que denominaram "Planning". E passaram do "City Planning" para o "Regional Planning"; deste para o "State Planning" e daí para o "National Planning". Os americanos acham, e os Presidentes Hoover e Roosevelt os apoiaram e os apoiam com grande fervor, que assim como uma casa deve ser cuidadosamente projetada as cidades tambem merecem tal estudo. E não só as cidades como certas regiões economicas do País (o "Regional Plan of New York" compreende parte de tres estados), seus Estados e o proprio País merece ser préviamente projetado.

PLANOS NACIONAIS

Começando pelo País, fácil é compreender que se torna necessário ligar os centros de matéria prima com os centros de manufatura e êstes com os de distribuição. E não é só a questão comercial que prevalece. Existem as cidades de repouso nas montanhas ou nas praias, em logares accessíveis para os que trabalham intensamente nas grandes cidades de indústria ou de grande movimento comercial. Existem as pequenas cidades agrícolas com a sua vida própria e peculiar; os grandes espaços que cercam as cidades e que devem ser destinados á lavoura que fornecerá aos seus habitantes os produ-

tos alimenticios com grande economia de transporte, refrigeração, etc.; os logares destinados ás lavouras especializadas; as imensas planíces para a área de pastoreio. Há ainda os parques nacionais, as reservas florestais — locais onde a Natureza deve ser preservada para gôso da Nação; onde certos animais devem ser conservados e protegidos afim de que as espécies não se extingam. Os Estados Unidos têm dado toda a atenção aos seus "National Parke" e ás suas reservas florestais.

PLANOS DE CIDADES

Consideremos agora a cidade própriamente dita que fica isolada entre áreas destinadas á agricultura, ao pastoreio ou á simples reserva. Neste ponto os Estados Unidos tiveram um surto de grande monta. Eles iniciaram os planos de cidades científicos. Para isso criaram uma série de principios, estabeleceram regras e formaram o que se chama hoje o "Planning". E' um conjunto de disciplinas que na mais reputada Universidade do mundo, Harvard, encontrou franco acolhimento. Aí se dá um curso de quatro anos onde se formam os especialistas, os profissionais, os técnicos que deverão estudar esse problema tão complexo: o traçado de uma cidade.

Uma cidade é composta de três elementos: área construida, área destinada á circulação (ruas) e parques. A primeira é de propriedade particular e as duas últimas de dominio público.

A propriedade particular, constituida pela área construida, é devidamente regulamentada. Não se póde fazer um prédio sem que esteja de acôrdo com as posturas municipais quanto á sua aeração, insolação, estabilidade, etc. Mas deve-se tambem regulamentar quanto á altura e ao uso. A altura influencía não sómente a insolação da rua como o trafego que a mesma deve comportar. A regulamentação quanto ao uso (os americanos foram os primeiros a impôr os "zonings") é uma das mais importantes.

O zoneamento divide a cidade em tres grandes zonas: a comercial, a industrial e a residencial tão distinta e convenientemente como o arquiteto numa casa separa os quartos da cosinha e essa da sala de jantar. Isto é apenas um exemplo para tornar mais claro a todos a conveniência do zoneamento. Si observarmos bem esta classificação é evidente que cada uma dessas zonas tem de se subdividir em outras mais. Tomemos como exemplo a zona comercial que deve ser parcelada em zonas destinadas aos atacadistas, aos varejistas, aos escritórios, bancos, teatros e distrações, etc. A zona industrial que comporta a industria pesada e a leve, os espaços destinados ás estradas de ferro, as estações, mercados, etc.

Pelo zoneamento, portanto, nós vemos diversas atividades humanas que se ligam entre si. O processo de condução de uma á outra zona deve ser feito por grandes avenidas. A circulação entre as sub-zonas por avenidas de menor secção e aí serão traçadas ruas de menor importancia que se devem tambem dividir em varias categorias. Eis portanto, todo um sistema de ruas a ser estudado de conjunto. Tendo sempre em mira é evidente, os transportes coletivos e individuais, as canalizações e as conduções, as condições naturais, as conveniencias econômicas.

Mas além das questões de méra utilidade — o sistema de circulação, o zoneamento, o abastecimento de água, o esgotamento pluvial e de águas servidas, os centros cívicos, etc. — são de importancia máxima os espaços verdes: os parques. Êsses tambem se subdividem nas pequenas reservas florestais, jardins botanicos e jardins zoologicos; em grandes parques construidos nos distritos residenciais; em avenidas plantadas ou alamedas ("parkways"); em jardins e praças para recreação contemplativa e, finalmente, em campos de recreio ("play-grounds") para crianças.

PLANOS DE CONJUNTO

Mas isso tudo deve obedecer a uma concepção única, a um plano geral — de conjunto — finalmente, a um "comprehensive plan" como dizem os americanos. As soluções parciais são sempre de resultados inteiramente insatisfatorios. Os embelezamentos são de resultados secundarios.

Cumpre á Municipalidade encarregar-se de organizar tal plano. E, evidentemente, proceder sua realização parcelada. Transformarmos as cidades em cidades perfeitas por planos majestosos é utopia. Impõe-se o plano financeiro que deve acompanhar o programa das reformas progressivas. Assim, nos Estados Unidos, predomina a idéia que se não póde fazer um plano que preveja melhoramentos além dos proximos vinte anos. E grande parte dos eméritos urbanistas — v. g. Nolen, Adams, Bartholomew — acham que não se deve fazer um plano de cidade para mais de dez anos e nele se deve estudar a capacidade econômica municipal para que durante esses dez anos as transformações e melhoramentos urbanisticos se façam "pari-passu" com os saldos oriundos dos balanços e mais a receita das taxas de melhoramentos. Pode-se ainda lançar mão de emprestimos á condição de solvivel.

Medicina, fator de civilização

FABIO LEITE LOBO

"A Civilização corre perigo". "Uma nova guerra iminente ameaça fazer retrogadar a Humanidade." Eis o que diariamente nos é repetido nos jornais e no rádio, por filósofos e por políticos, por escritores e por artistas, por sábios e por técnicos, em todos os tons e modos, em todos os estilos e idiomas. Pode-se dizer que é êste o pesadelo da hora: o temor do retôrno á barbaria. E, como que querendo justificar desígnios e atos anti-humanos e anti-sociais que pretendam vir a executar para tentarem sair do círculo vicioso em que se meteram — desígnios e atos que possam implicar em tal retôrno da Humanidade a formas pregressas da Civilização — "condutores de povos" e chefes de partidos políticos vivem a proclamar, a trombetear aos quatro cantos, o que já fizeram pela manutenção e pela extensão da Civilização. Acontece que, via de regra, êstes pretensos feitos realizados ou são inexistentes ou não lhes são inteiramente devidos. E êstes "soi-disant" campeões da Civilização bem que o sabem. Mas, sabem tambem que êste nosso segundo quartel de século vive sob o signo da Publicidade, Jano dos tempos modernos, que se incumbe de criar nos povos, o clima espiritual propício aos mais cínicos e imorais empreendimentos. Trabalhando a sugestão coletiva com slogans capciosos incessantemente repetidos, essa publicidade malígna consegue transformar a mais meridiana das mentiras na verdade mais cristalina, unanimemente aceita. E, então, nada mais fácil do que apresentar a ação "civilizadora": o aplauso da hora presente será geral, infalivelmente.

Por isso nada mais justo que a Medicina reivindique o que lhe cabe na obra de extensão e de defesa da Civilização. Com a diferença de que, deixando de lado êstes processos de valorização artificial usados **ad-libitum** pelos "donos do mundo", só reclame aquilo que na realidade é obra sua, fruto de seu labor silencioso, pertinaz, produtivo. E é tão grande esta obra — feita tão sem alardes e que prossegue — que um simples golpe de vista sôbre ela transcende as pretensões de um artigo de revista.

Mas, si lançarmos um rápido olhar sôbre a história da Civilização vemos que ainda nos albores da sociedade humana, os modestos antepassados do médico de hoje — feiticeiros, magos, exorcistas, etc. — já exerciam uma missão civilizadora, muito embora mínima. Posteriormente, na Grécia e na Roma, o **iátros** e o **medicus**, conquanto ainda mergulhados no empirismo, já desempenham ação social mais ponderável. As conquistas territoriais, trazendo grande copia de benefícios para as Metrópoles também acarretavam pesados maleficios, dentre os quais sobressaiam as doenças autóctones importadas e as epidemias devastadoras que quasi sempre se seguiam á volta das legiões triunfantes. São célebres as epidemias da peste em Atenas, antes da nossa era, e as do cólera endêmico em Roma até o século III e em Bysancio nos séculos VI e VII. Nem sempre a medicina de então conseguiu vencê-las, pois bem poucos eram seus conhecimentos no campo da infecção e do contágio, mas sempre lhes opôs alguma resistência que não deixava de dar resultados relativos. Na Idade Média, espalham-se e sucedem-se com pequeno intervalo as mais terríveis epidemias. Aliás, o ambiente todo daqueles tempos de obscurantismo é o melhor caldo de cultura que se possa imaginar para o desenvolvimento ótimo das epidemias. Cólera, peste, tifo exantemático, varíola febres tifóides, por uma ou por várias vezes, todas elas assolavam a Humanidade naqueles tempos "em que o sol se escondia para não ver tantos horrores e tantas depravações". São as epidemias do cólera tantas e tão frequentes são as da "dança de São Guido" na Alemanha, as das febres tifóides em París, que chegaram a dizimar mais de um quarto da população, as das pestes de Milão, de Londres e de Marselha; mas, dentre todas ressalta a da peste no século XIV, que, depois de matar 23 milhões de criaturas na A'sia, veio vitimar 25 milhões na Europa. Num período de quatro anos, em meiados do século

XVII, a Europa perde nada menos que 77 milhões de vidas ceifadas por doenças contagiosas e epidêmicas. Uma nova entidade mórbida, importada da América descoberta entrára em cena: a sífilis. Contra tudo isto, lançando mão dos recursos que pudesse mobilizar, alteava-se a Medicina da época, procurando limitar ou diminuir a extensão destas catástrofes despopuladoras.

Com o século XIX abre-se nova fase no espírito humano. O humanismo e o racionalismo modificam o clima espiritual: o **homo homini lupus** de Plauto, si bem que não desapareça — êle ainda vive em nossa época, cujos senhores procuram erigí-lo em padrão — cede terreno ante a noção de solidariedade que se estende cada vez mais sôbre o mundo. As conquistas técnicas e industriais ampliam o domínio do homem sôbre a Natureza. E a Medicina acompanha todos êstes progressos. O método experimental abre uma das mais gloriosas páginas da história da medicina: a era pastoriana. Subjugam-se aquelas epidemias tão amiúdes ha cém anos apenas. A grande epidemia do cólera que partiu de Jessore, na India, em 1817, passou em 1830 em Moscou, chegando á França e á Inglaterra em 1832 — e ao Pará e Baía em 1855-56, continuando a flagelar o Brasil até 1867, vitimando 200.000 vidas — investiu novamente contra a Europa Ocidental em 1849 e em 1866, encontrando então maiores oposições á sua obra devastadora, até que em 1892 foi debelada para sempre. E' que a descoberta dos micróbios e do caracter infeccioso e contagiante das epidemias levára a Medicina ao estudo de meios curativos e profiláticos verdadeiramente científicos. Com a derrocada da teoria da geração espontanea e do conceito fatalista da doença, o homem vira que estava em suas mãos o debelamento dêstes flagelos, e entregára-se de corpo e alma a esta relevante tarefa. Jeuner, com a descoberta da vacina, inaugura esta época luminosa da Medicina que se estende de triunfo em triunfo até nossos dias. Segue-se-lhe Pasteur com a teoria microbiana, com a conquista da prolifaxia e da cura da raiva, com as descobertas de discípulos seus, como Chamberland, Roux (difteria), Yersin (peste) e com a formidavel obra do Instituto Pasteur: a descoberta do plasmódio de Laveran, a do modo de transmissão, e consequente profilaxia do tifo exantemático, a do modo de transmissão da febre recurrente, os estudos prolificos sôbre o Kalazar, o botão do oriente, o tracoma, a febre ondulante, a lepra, a ancilostomiase, etc. Lister, baseando-se nas teorias pastorianas, cria a antissepsia que baixou consideravelmente a taxa de mortalidade das puérperas e dos feridos, e que salvou milhares de vida nas últimas guerras. Icolaiev descobre o agente do tétano, Kock o da tuberculose, Eberth o do tifo, Schaudim o da sífilis, e uma pleiade de cientistas desemaranha a questão da etiologia das disenterias. E isto para só citar as decobertas de maior porte. A medicina coletiva, a Higiene, já se pode basear em metodos e processos verdadeiramente científicos. E os frutos logo aparecem. E' a luta anti-palúdica, com os estudos de Golgi, Ross, Grassi, Bignani: a malária causava 1.100.000 mortes por ano na India (Ross) e em 1923, ainda, infectava 6.000.000 de russos, ou sejam 4,5 % da população total. E' a luta anti-variólica. E' a extinção quasi total da febre amarela em Cuba, na América Central e no Brasil. Ha aquí um fato que basta para dizer da ação civilizadora da Medicina: é a abertura do Canal de Panamá. Lá onde Lesseps e Wyse fracassaram, vendo a malária e a febre amarela ceifarem 25.000 vidas, Gorgas (que ja saneára Cuba), Carter e seus discípulos escreveram o mais belo poema do domínio do Homem sôbre a Natureza. E' o saneamento da cidade do Rio de Janeiro, com Osvaldo Cruz e Carneiro de Mendonça. E' Chagas, e Aragão e Clementino Fraga, é Placido Barbosa. Tão grandes e numerosas são as conquistas ao iniciar-se o século XX que é impossível analisá-las em poucas linhas. Vencidos ou quasi vencidos estão o cólera, a peste, as febres puerperais, a variola, o tétano, a febre amarela, a difteria, as disentéria,s as febres tifóides e as palúdicas, as verminoses, as gastro- enterites da infancia, etc. Esclarecidas estão as doenças por carência, as psiconeurosis, as sindromes por deficiênecias hormonais, etc. Quatro grandes problemas subsistem, em diferentes fases de adiantamento: o da sífilis, o da lepra, o da tuberculose (cujas soluções estão por pouco) e o do cancer.

Não ha negar que si a situação sanitária em certas partes do globo é tão cor-de-rosa, noutras partes é bem negra. Mas, o que hoje ainda não conseguimos no Brasil, por exemplo, amanhã havemos de tê-lo, pois outros já nos terão ensinado o caminho para alcançál-o. Não nos esqueçamos de que o feito de Gorgas em Cuba, extinguindo a febre amarela, serviu de ensinamento e de roteiro para Osvaldo Cruz em sua vitoriosa campanha anti-amarílica.

Sintese maravilhosa de todas estas campa-

Revolução

Abelardo Romero

De manhã Arnaldo viu o pai sair do quarto, passar por debaixo da rede e abrir a porta dos fundos. Foi dizer a seu João que era hora de fazer o café. A maquina ficara pronta de vespera, em cima da mesa de janta, perto das chicaras. A mãe continuava dormindo, a porta do quarto aberta. Seu João foi arear os dentes lá fora, ao pé do porão, ao lado da ruma de lenha. Depois penteou-se e entrou para coar o café. O unico trabalho era aquele: coar o café e leval-o já temperado, ao telegrafista, na sala da frente. O resto do dia era para passear naquele andar penso pelas ruas descalças que iam acabar nas veredas do rio Vermelho.

O cheiro do cigarro de palha ia até a sala de janta. Depois começaram a passear pela sala, e agora era o rumor das calças de João, dos pés-de-anjo esfregando os tijolos. A humidade chegava a infiltrar-se nas linhas azues da vidraça. A casa por fóra era toda pintada de vermelho e por dentro era branca. Um poste, no oitão, segurava com as mãos brancas dos isoladores o feixe das linhas retas. A barra era mais alta ali do que em todo o correr de casas. A' tarde formou-se um grupo atrás do *guichet*. O pai, a mãe, seo João e Barreto, Barreto morava parede-meia, mas vivia socado no telégrafo.

A noticia espalhou-se logo: um capitão depusera o govêrno, e havia cadaveres kakis nas praças do Aracaju'. A mãe de Arnaldo não dizia uma palavra. Olhava para os tijolos na sala, como se a tragedia estivesse naqueles quadros de barro cosido. Barreto engulia em seco, e o gógó ia subindo e descendo no pescoço sanguineo, cheiinho de pregas. Revolução!

O jardim ficava entre a sala e o pavilhão onde guardavam engradados e rolos de arame. Era pequeno e só tinha uma roseira que a mulher do telegrafista chamava nanica, chindengue, só porque dava umas rosinhas murchas.

Atrás do morro, que ficava detrás da matriz, viam-se nuvens...

A feira acabou mais cedo. O cheiro de carne frita tornava o ar mais pesado na sala e no resto da casa. Defronte era a loja dos italianos. Estava ainda aberta, mas não tinha vivalma. As pautas das prateleiras carregadas de cores sumiam, apagando-se nos fundos. A' tardinha choveu. A enxurrada subiu a calçada e as casas ficaram debaixo da chuva, amarelas, os olhos fechados, os sapatos da barra de pixe encharcados. As casas eram como meninos de escola. Do outro lado, na praça, a fármacia do Hermes, a filarmonica Santa Cecilia. No mesmo correr ainda, a escola do professor Ugolino, o cartório do pai de Olivia, a casa do padre Olimpio. Tudo debaixo dagua. Naquela noite a filarmonica não ensaiou. A fármacia do Hermes fechou-se mais cedo, e os lampeõzinhos ficaram dando sentinela de luz na praça deserta. Pelo sim pelo não, a mãe de Arnaldo deixou tudo

---

nha é o aumento da longevidade média. O homem que na Roma Imperial vivia em média 18 anos, passou a viver, na França, 29 anos em 1750, 37 em 1825, 40 em 1850, 46 em 1910 e 53 em 1935. A média de vida na Europa é de 50 anos, sendo que nos países báticos esta média se eleva a 57-59 anos. Si a morte não pode ser evitada, pode, contudo, ser afastada, ser recuada no tempo. E esta é a nobre tarefa da Medicina, é a de nós médicos.

Esquecem-se os donos da hora anunciando seus pretensos feitos. A insánia coletiva pode dar a impressão de que êles falam a verdade. Mas, as piramides trazem o nome de faraós e todos sabem que elas foram construidas penosamente por milhares e mihões de pobres **fellahs.** A Civilização é obra de tecnicos. E os médicos são os que mais concorrem para ela, porquê são os que lidam a própria essência da Civilização: o material humano. Como lema, bem que poderiamos eleger as palavras de Terêncio: **Homo sum: humanum nihl a me alienum puto** — "Sou homem: nada do que é humano me é alheio".

arrumado. Depois foi-se deitar. Seu João saiu da janela e ficou passeando na sala da frente. Barreto ficou de voltar no outro dia para inteirar-se de tudo e tomar providências. Arnaldo não quis se deitar. Ficou olhando de longe as janelas de Olivia, do outro lado da praça. Mais tarde, vieram noticias de que o governo enviara reforços. Tropas de Maceió, forças de Pernambuco marchavam para Sergipe, desembarcando em Propriá. Um batalhão de cangaceiros, pronto para avançar, fazia a vanguarda. Maroim avisara que os saveiros não podim voltar de Aracaju' e que as linhas da E'ste tinham sido cortadas a cinco quilometros daquela cidade. O telegrafista pediu uma transmissão pé-de-boi. Recebia de ouvido. Não queria deixar fita impressa. A lingua enrolada do estilete de aço engrolava os fuxicos revolucionários. Murta, ramal da Capela, informava, no encerramento, que os cangaceiros de Propriá marchavam para Aracaju', via Japaratuba. Ainda bem não tinha acabado de dar a noticia, e já os homens se aproximavam de Murta, espalhando os garimpeiros da E'ste. Cedo, Barreto foi pedir ao telegrafista que saisse e retirasse a familia.

— E a minha responsabilidade?

O professor Ugolino, que tinha ido com êle, não se conteve.

— Responsabilidade? Qual nada, meu amigo! Quererá ser fiel a Bernardes?

Era um mulato pobre. Não passava daquela roupinha reles, de listas negras, uma camisa de morim, sem colarinho, os botões negros de osso. O telegrafista fôra o ultimo a sair. Antes, e a pedido de Barreto, espalhara a familia: a mulher e seu João, numa casa; Arnaldo, na de Barreto. Arnaldo sentiu-se á vontade. Era uma casa pouco maior do que a da estação, mas era muito úmida. Os tijolos nunca estavam lavados. Nas paredes não havia um cromo, uma moldura, nada. A casa ia da praça á cosinha numa sucessão de degráos. O quintal era um verdadeiro borocoçó, mas havia, pegado, á latrina, um quarto bom para descançar. Arnaldo ficou á vontade, melhor do que em casa. A mulher de Barreto não aparecia. Vivia socada no quarto. Era anemica, tinha o nariz muito fino. Os meninos malinavam o dia todo. Nunca estavam parados. A filha, Ismaelina, muito pálida, puxava de uma perna, mas tinha os seios durinhos e dava a vida por uma conversa indecente. Mas Arnaldo gostava de Olivia. Barreto conservava as janelas fechadas e mandava coar café de hora em hora. Já andava nervoso. Arnaldo lucrava. A revolução lhe trouxera isto de bom:

O pai deixara os seus modos grosseiros, e ele tivera a oportunidade de ver os seios de Ismaelina. E não foi só. O melhor foi depois. Vira Olivia de perto, pertinho mesmo. A pele morena, as espinhas arroxeadas, as tranças bonitas. Quando ela sorria fechava os olhinhos, os olhos achinezados, úmidos, cheios de uma malicia deliciosa.

Barreto chegou da rua afobado.

— Avie logo! Vamos!

E corria a casa tôda, batendo as mãos. A mulher demorava a sair. Ismaelina tinha um riso nervoso. Entrava num quarto e saia noutro. A mulher apareceu chorando, as mãos nos olhos.

— Avie, avie ! Nada de choros ! — disse Barreto, descendo para a cosinha. Meia hora depois a familia subia o morro. Arnaldo ia atrás, fumando. Lá de cima espiou: De um lado era a vila, com a praça, as ruas, as casas de barro que se perdiam nas moitas de coraneiras. Do outro lado eram a várzea, a capineira sem fim, os genipapeiros. Debaixo dos genipapeiros, familias que tinham fugido e não sabiam ainda para onde. Arnaldo avistou o pai, a mãe, seu João, Olivia e outras pessoas. Mal Barreto chegou, foi logo traçando os planos: vocês vão para o Pontal e vocês para o Chora Menino. O telegrafista iria com a familia para o Pontal.

— Mas não sei onde fica...

Barreto explicou:

— Está aqui êste rapaz, que é de lá e vai voltar agora mesma.

E olhou para o rapaz. Debaixo da chuva Barreto estava ainda mais vermelho, o gógó subindo e descendo.

— Sim, senhor — respondeu o portador do Pontal, olhando para Olivia.

Tinha ido fazer umas compras na vila, mas voltou do caminho.

Olhou para Arnaldo, viu que Arnaldo era magrinho, e pôs o cavalo á disposição. Arnaldo montou-se, arredando o cavalo.

— Espere aí ! Olivia vai na garupa — gritaram.

Quando Olivia agarrou-se, sentiu que ela estava molhada, o vestido colado no corpo. Os seios espetavam-lhe as costas. Olhou para trás, viu-a de perto. As tranças desmanchadas, as espinhas murchas, arroxeadas. Mas para o gozo não ser com-

pleto, os formigões saiam dagua, subiam pelos talos verdosos e iam morder os namorados na sela.

Olivia soltava uns gritinhos e Arnaldo mordia os beiços, suportando as ferroadas. Atrás, atolando-se no massapê, iam o pai, a mãe, seo João e o portador do Pontal.

O coronel acolheu as visitas sem regosijo. Entretanto a casa era grande. Era imensa. As camarinhas eram verdadeiros salões atijolados, silenciosos, e os únicos móveis eram uma cama de tres covados e um bacio de louças com cabeça de ganso — dois gansos assanhados. A mesa era farta. Arnaldo se lembrava de casa e não tinha vontade de voltar. Não foi mais feliz porque apanhou uma constipação. Teve febre durante dois dias e meio. Ficou de cama, fraco. Passava horas e horas em repouso, a cabeça no travesseiro, os olhos fechados. A's vezes Olivia empurrava a porta.

As janellas envidraçadas davam para o jardim, que ficava pegado ao chiqueiro. Como tinha chovido na véspera e o sol era doce, a brisa entrava carregada de um cheiro quente de rosas bravas e bosta de ovelha. Deitado, ouvia pipilos de pássaros soltos, e berros, e via pedaços de Céu.

A porta rangiu, e ouviu passos. Pensou que fôsse a mãe, porque já era a hora de comer. De repente sentiu uma respiração ofegante no rosto e, rapido, um beijo na boca. Abriu os olhos. Era Olivia.

De dois em dois dias, regularmente, o portador ia a Japaratuba. Ficavam todos no alpendre. Pela cara do portador, ao chegar, viam logo se as noticias eram boas ou não. Para Arnaldo eram boas. A vila continuava ocupada, os cangaceiros tinham arrombado a casa dos italianos, tinham roubado o cônego Olimpio. Até aí uma beleza. Um dia porem chegou um bilhete a lapis, de Barreto, dizendo que regressasse. Os dias de liberdade iam acabar. As rosas bravas apagavam-se sob a cinza do crepúsculo. As estrêlas estavam tão perto das frondes, e sua luz era tão forte, que pareciam cantar. Tudo aquilo era belo e era novo, mas ia acabar. Nunca mais, ombro a ombro, no alpendre, Arnaldo sentiria o cheiro de alcatrão das tranças negras de Olivia, que passaria a viver á distancia. Mas, e as tranças? E as espinhas, que ficavam arroxeadas quando ella tomava banho? Ah! e as tranças? E os labios? E a voz descançada que ia depressa ao coração? Agora seria como dantes, uma vida ordenada, sem nenhuma poesia. As aulas durante a semana, o respeito aos mais velhos e a missa aos domingos.

Quando voltaram, já não houve a mesma intimidade. O portador chegou ao desplante de censurar Arnaldo por causa do cavalo. Olivia ia á certa distancia, na frente, e agora em companhia do irmão. As arvores á margem da estrada estavam floridas como quando passaram da outra vez. As arvores eram felizes. Então, para que houvesse um pouco de liberdade, de licença amorosa, fôra preciso o mêdo? Fôra preciso uma revolução? Arnaldo não compreendia...

Quando chegaram a Japaratuba, a mãe passou uma vista geral pela casa. Os cangaceiros tinham arrombado os quartos, mas não tocaram nos troços. No jardim a roseira estava toda carregada de botões vermelhos. A mulher compreendeu.

— Pois não é que o menino acordava de noite e mijava na roseirinha?... Por isto que a bichinha vivia ensangada!

O professor Ugolino, que tinha ido á estação em companhia de Barreto, ouviu tudo e disse:

— Não se importe, não, dona Maria.

E virando-se para Barreto, numa voz mais baixa:

— Peior faz o dono do Cotinguiba, que mija na sua cabeça, Barreto.

Su João estava tão triste, tão calado, que não parecia o mesmo. Naquela idade ainda se apaixonava. Deixara uma namorada na roça. No corredorzinho escuro, que separava o telegrafo do visinho, os morcegos voavam, silenciosos, como se nada houvesse acontecido. A' noite o cônego Olimpio foi passar um telegrama ao governo. Barreto ainda estava prosando com o professor Ugolino. O cônego redigiu o telegrama e entregou ao telegrafista:

— Veja você, Floriano, que desafôro. Entraram lá em casa, e não ficou nada em que não bolissem. Miserável! Imagine você que roubaram até dois pares de sapatos novinhos, do Jonas! Pra que diabo essa gente queria sapato de bico fino? Ora, ora...

E sorriu com indisfarçavel desgôsto, mostrando o bridge. Barreto, achou de se retirar para não perguntar:

— Pra que seu filho queria dois pares de sapato?

Ugolino foi para a janela, de onde Arnaldo contemplava a rua. Chovia.

Olhando direito as barras de pixe, tambem teve a impressão de que as casas marchavam, continuavam marchando. Para onde?

Panorama Cultural Portugues

(I) Mensagem que preambula um edificio cuja construção se começa desde já

Portugal, definido nas suas linhas gerais, não é um país culto. Tampouco um país aplicado á cultura. Antes, — talvez, quem sabe? — por um fatalismo hereditário — um país de saudade e de sonho com a presunção da cultura. Na realidade, a sua ascendência guerreira, melhor: — a ascendência de aventureiro e navegante do nosso povo — a grande ambição dum largo "Império", deixaram traços fundos na nossa natureza mais caracteristica: o sentimento.

Decerto, que o Portugal florescente, foi realidade em virtude (condicionada, já se vê) dessa pendência a espraiados olhares. Porque, enfim, sem o arojo dos "Infantes" e sonhadores, Portugal não teria sido Portugal, isto é: Portugal não teria podido alicerçar solidamente a sua verdadeira formação: — o contacto com o universal. Ou, quando o fizesse, seria já um pouco fóra de tempo.

Data, não ai mas daí, como se sabe, da época das descobertas e das conquistas, o brilho — o brilho que verdadeiramente vale — que Portugal atingiu.

Por infelicidade nossa êsse brilho teve duração efêmera, e voltados para Alcácer-Kibir — somos um povo saudosista, um povo que vive adormecido no seu passado, á espera que um novo D. Sebastião lhe venha tirar de uma vez para sempre todo o seu dinamismo — hoje retardatário, e, o que é mais, o que é peior, — o seu dinamismo volvido sobre o seu próprio retardar.

Mas a questão tende a afastar-se do ponto inicial:

Portugal é um país de muito sonho e de pouca cultura, — e de saudade. De muito sonho quando pensa em frente, de saudade sempre que pára — e êle pára quasi sempre. De qualquer maneira, sempre sonho e saudade — presumindo a cultura.

Cultura, de certo, há aqui álguma Um numero apreciável de individualidades formadas, confirmam-no. Além disso, nas gerações que se afirmam presentemente, (parece até, um paradoxo!) um traço animadoramente característico: — a vontade — vontade consciênte, note-se, de impôr uma disciplina mental. Porque, se não erramos, o fundo primordial da cultura é uma boa disciplina mental: forte ginastica de pensar honesto, — inteira rigidez de expressão ética.

— E mais... e mais.

Mas... Portugal, — Portugal vale sem dúvida alguma. Vale, no presente, pela vontade construtiva de que está tomado, e vale, desde sempre pelo seu fundo sub-consciênte. Vale, por dentro, depois que se conhece, e vale por fóra, desde que começa a reconhecer-se.

Precisa, simplesmente, abandonar esses ares de "ultra", esses ares grotescamente caricaturais, e ser êle só; êle, ciênte e consciênte do seu passado, vivente dum atual tragicamente magnífico, — o senhor corajoso do seu dinamico destino.

Precisa, em resumo, viver-se com naturalidade, com virilidade e com candura.

Precisa dar-se todo para receber o máximo.

⁂

Almada Negreiros, aludiu, em tempos, a que Portugal era um país á procura da sua dinamica própria. Assim deve ser. Simplesmente, essa dinamica, será, porventura, outra — que não aquela percebida no conceituado de A. N. Porque essa dinamica,

deverá ser — cremô-lo e parece-nos até que a percebemos na fermentação da atualidade — antes uma dinamica de dispersão do que uma dinamica de concentração. Dispersão que não significa desagregação — concentração que não diz — unificação. Por outras palavras:

Portugal, atingindo em formação cultural de valores — volvido para a universalisação dos seus valores de cultura.

Concretisando, fica-nos isto possivelmente:

— Nas Letras e nas Artes — Portugal, indiscutivelmente, é.

— Nas Ciências — ídem.

— Na Crítica — ídem, mas incompletamente.

— Na Filosofia — para ser.

— No Cinema — país que póde ser, mas *ainda só póde.*

— E no Teatro — No teatro, país, que já não é, ou melhor: país que deixou de ser — talvez temporariamente.

♣

E agora dirá o leitor: mas que diabo! o cronista fala no ar. Como póde, pois, conhecer assim, de tudo isto? Na realidade, leitor, o cronista não póde conhecer de tudo isto. Mais ainda: de nada disto, propriamente, o cronista, conhece. Há, todavia, uma coisa: — o que aqui figura como esquema generalisado, não é, de fórma alguma, uma fantasia arbitrária. Porque, claro, não se trata, de fazer, aqui "jornalismo de sensação" á "grande imprensa". Estes julgamentos, são como que um resumo daquilo que podem ter deixado perceber as autoridades nas diversas matérias.

E porque, delas, é isto que temos depreendido, é isto que aqui colocamos.

♣

Neste "Documentário" procuraremos fixar com a oportunidade devida e a independencia máxima,, tudo quanto de "interesante" vá aparecendo, melhor: vá tomando fórma própria no nosso meio de província europeia.

Portugal é um país de querelas. Ora querelas representam, acima de tudo, debate de ideias — ás vezes tomam o aspecto de combate entre individuos — e, debate de ideias é sintoma de vida. Sintoma de vida que subentende reação sobre o cristalisado, e busca de "novo" — demanda de futuro.

Estas coisas, pois, é que procuraremos focar, de maneira a que o seu proprio entrelaçar e sequência, possam permitir, num golpe de vista, uma determinação exata tanto ou quanto possivel, sobre a evolução cultural do meio.

Esta secção, será, portanto um arquivo. Independente tanto quanto o póde ser um arquivo — e um arquivo é sempre, só, um arquivo — de compreensão e determinação de horizontes, no ponto largo, elevado, humano, em que, num arquivo, podem ter pé: "Compreender e Determinar".

E visto que assim é, poderemos apontar desde já o seguinte:

Na "Seara Nova", como remate, temporário ou definitivo, a um incidente que, pela gravidade e categoria intelectual das pessoas nele envolvidas, deve ficar célebre, acaba de publicar uma série de artigos de exposição da Relatividade de Einstein, o jovem sábio matemático prof. Ruy Luiz Gomes — em resposta a uns outros que, sobre o mesmo assunto, naquela revista publicou o aviador —almirante Gago Coutinho.

Em conclusão, igualmente, á vontade expressa pelas forças vivas da nação portuguesa, contra o projéto de instauração da Pena de Morte em Portugal.

Antecedido por Artur Inez que num jornal focou o caso primeiro que todos, "O Diabo" inquiriu alguns dos chamados intelectuais portugueses sobre tão grave materia cujas respostas, insuspeitas porque surgiram de tendências diversas, foram de franca repulsão.

Inutil dizer que o povo, mesmo sem vir a público, falava antecipadamente. E que, nêste, há uns traços mais fundos. Afonso Lopes Vieira falou-nos nêles: a nossa natureza sentimental.

♣

Outro fáto ainda queremos apontar:
A homenagem que coroou a longa tenacidade dum homem — porventura o nosso primeiro panfletário: Homem Cristo.

♣

E de pé, cremos que fica ainda, um debate que já vem de longe e ha-de chegar fundo: conceito de humanidade na arte.
Portugal, Abril, 1938.

A. C. S.

TEATRO

Teãtro Rival -- "A Marqueza de Santos"

Quando Viriato Correia anunciou "A Marqueza de Santos", numa tentativa de teatro histórico entre nós, já contava com dois elementos decisivos de sucesso: o da obra literária realizada e o da aquisição da intéprete perfeita. Daí a certeza e a segurança do golpe com que se projetou diante do público que o aplaudiu — êsse mesmo público tão caluniado que, sabendo perfeitamente distinguir o teatro sério do teatro diversão, só deixa de apoiar os empreendimentos do Teatro-arte, quando os próprios autores, numa falsa psicologia de platéias, são os primeiros a baixarem o nivel artístico de suas produções.

Costumam dizer que a platéia carioca só quer gargalhar. Calunia. O defeito talvez esteja — isso sim — nos empresários, que hesitam ou fogem diante da alta comédia, sob o falso pretesto de concessão ao gôsto do público e, criminosamente, concorrendo para viciar êsse mesmo gôsto. Mas sempre que algum autor, ou algum empresário, tem o heroismo de um lançamento artístico, o sucesso de platéia é imediato e indiscutível.

E' o caso de "A Marqueza de Santos", nos seus momentos sérios. E será o caso de quantas comédias ousem se apresentar dentro de um critério de arte pura.

"A Marqueza de Santos" integra, magnificamente, a obra teatral de um escritor ilustre, que tem dado o melhor de sua inteligência ao Teatro Nacional. Escrevendo-a, Viriato Correia soube marcar, em alguns momentos, a emoção e o grandioso, com admirável precisão de técnico e de artista. E, dentro de um assunto difícil, soube construir uma peça que agrada — com qualquer coisa de cor-local e qualquer coisa de muito humano e vivido, que a liberta desse ar de artificialismo característico das produções do gênero.

Vendo a "A Marqueza de Santos" a gente se integra no romance — e chega a sentir o drama dos personagens. E isso, em matéria de peça histórica, é já prova de grande habilidade do autor. Mas se, em conjunto, a comédia de Viriato Correia é uma boa peça, em detalhes merece alguns reparos a certos defeitos — tanto mais remarcáveis quanto são reais os seus méritos.

De início — e por toda a peça isso se arrasta irritantemente — choca a presença constante de D. Escolástica, em cena. Ligando o elemento cômico ao elemento emoção, o autor cometeu um grave êrro, muito comprometedor para a comédia sob êste último aspecto. Tomemos como exemplo a cena em que Domitíla lê a carta que comunica o noivado do Imperador. E' um dos momentos culminantes, em que se não podia admitir a intromissão de qualquer cousa que lhe cortasse a fluência emocional. Porque afinal, a que se propõe "A Marqueza de Santos"? A nos mostrar a personalidade de Domitília, os sofrimentos de Domitília, os sentimentos de Domitília. A cena, nesse momento, portanto, deveria ser unicamente sua. E é inaceitável que D. Escolástica esteja a seu lado, fazendo rir metade da platéia, desviando a atenção de um dos mais belos instantes de Dulcina, jogada de lado na situação de quem tem uma ligação telefônica cortada e fica com o fone na mão, falando sózinho.

Aliás essa D. Escolástica é a nossa grande "diferença" com a peça. Onipresente e *onifalante*, acaba causando mal estar, pelo inoportunismo de suas falas e de suas graças.

Não se pode dizer que essa grande falha e outras menores, que talvez representem uma verdade histórica, mas que, positivamente, chocam (aquela fala de Domitília: — "Pedrinho, venha cá, estou mandando"..., e aquela outra: — "De quem é o Pedrinho da Titília"?), não cheguem para diminuir o valor da peça. Pelo contrário: fôsse "A Marqueza de Santos" uma peça mediocre, tais coisas passariam desapercebidas. Sendo, porém, como é, uma comédia com responsabilidade de bom teatro, esses detalhes ferem, tomando proporções incríveis de dissonancia.

O gênero a que deve pertencer "A Marqueza de Santos" não comporta certa espécie de graças. Sendo a comédia que, segundo insistem os anuncios, dirige o Teatro brasileiro para o bom caminho, incide nos mesmos erros do gênero teatral ao qual fugiu. D. Escolástica a atirar pósinhos pelo palácio imperial é qualquer coisa além do que se pode admitir; o início do primeiro ato é, tipicamente, teatro-farça e farça são os estabanamentos, as saídas com arremessos de ombros e com requebros insolentes, da Viscondessa de Marambaia.

Os "bravos" coletivos dos cortezãos lembram, impertinentemente, os apartes em conjunto de "O Mártir do Calvário", de Garrido". Falta *dosagem* na cena em que a Viscondessa recusa a mão á Domitília e, sobretudo, na que reconsidera seu gesto; faltam nuances nas mudanças de atitude dos palacianos para com a Domitília — bruscas demais para serem tocantes. O que há de épico ou de emotivo na comédia é convincente. Mas o que há de humorístico falha. Nota-se ainda, de parte do autor, certo mau gôsto de expressões. Quando descobre a luva da irmã e a cheira (e, a propósito: que mania essa, de nossos escritores, de fazerem as artistas cheirarem coisas, em cena!) Domitília tem esta exclamação: — "Eu conheço êste cheirinho!" Porque não dizer apenas: — "Conheço êste perfume" — simplesmente, seriamente?

Em compensação, que belos e altos instantes Viriato nos dá! E com que maestria apanhou os acontecimentos históricos essenciais, ligando-os, transformando-os numa história harmoniosa, em que êles se sucedem sem choques e sem saltos!

Mas não é só por ter escrito uma bela peça de teatro que Viriato Correia está de parabens: é, tambem, por tê-la visto vivida integralmente e apresentada com cenários e montagem magníficos. Graças a seu talento e ao valor do conjunto que a animou, Viriato Correia tem, com "A Marqueza de Santos", o seu momento definitivo de autor.

A interpretação de "A Marqueza de Santos" correu esplêndidamente. Odilon foi um Pedro I magnífico, no seu duplo aspecto teatral: a composição do tipo e a animação da personalidade. Fê-lo com minúcias de expressão e com arroubos de exaltação. Esplêndido em suas cóleras intempestivas; esplêndido quando relata, justificando-se, a dissolução da Assembléia; esplêndido em seus detalhes de nervosismo; esplêndido

nas inflexões de inconciência, quando apanha a frase de Paranaguá e a repete ("— A Marqueza que tenha paciência"...); esplêndido, sobretudo, no seu sorriso, quando Domitília declara que irá para S. Paulo. E tudo isso dentro de absoluta discreção — que é característica principal de sua personalidade de ator.

Aurora Aboim, foi, com encantadora sobriedade, uma Baroneza de Sorocaba convincente e bela. Aliás é o que Aurora tem sido sempre, em sua atuação na Companhia Dulcina-Odilon: convincente e bela. Justifiquemos a afirmativa lembrando a deliciosa dignidade que imprimiu á freira de "Uma garota que vê longe" e a sedução com que marcou o tipo que lhe coube viver em "Quando foge a Mocidade".

Atila de Morais e Manoel Pera animaram, com detalhes interpretativos dignos de serem assinalados, as personalidades de José Bonifácio e de Chalaça. Na cena em que o Patriarca, humilhado pelo Imperador, se choca com a Marqueza, Atila realizou qualquer coisa de inesquecível.

Quanto a Manoel Pera, dentro do Chalaça apresentado, foi absolutamente verdadeiro, como o tem sido em todos os tipos que encarna.

A Conchita coube um papel infeliz — porque condenado, de início. Pela primeira vez não se sente prazer de vê-la em cena: quando D. Escolástica aparece é sempre para atrapalhar, para cortar cenas de emoção. E a grande atriz (que com entradas mais bem marcadas tiraria melhores efeitos humorísticos) sofreu as consequêncais da indesejabilidade de D. Escolástica.

Mário Salaberry esteve á vontade em seu papel, mas sempre com aqueles arrancos amorosos que já o vêm tornando uma galã assustador. Sara Nobre esplêndida, ás vezes, outras vezes convencional. E, ainda, Zilca Salaberry, Ruth Mynsen, Dumont, Lourdes Mayer (esta em franco progresso indumentário e artístico) e Roque da Cunha — todos a contento.

Mas, de certo ponto em diante — em conjunto e em detalhes — a peça é, principalmente, Dulcina. Sua Domitília está a altura da Yorrah, de "La joie d'aimer", da Madeleine, de "Liberté Provisoire", da Clara Stuart, de "Le Bonheur", da Tatiana, de "Tovarich", da Annette, de "Pancadas de amor".

Nada acrescenta, portanto, ás suas vitórias. Mas completa-as.

O que há de mais notável em Dulcina é o seu poder de passar de um sentimento para outro extremamente oposto, em magníficas transições para a emoção; é a vida de suas cenas silenciosas — a ciência de escutar; é o *movimento* com que impõe os personagens que vive, em cuja animação não se limita aos fatos, falas ou marcações da peça, mas aos quais imprime o traço de vida profundo e convincente; é a justeza das atitudes e das inflexões; é o grande sentido de beleza que ressalta de sua emotividade. Possuindo, em sua inteireza, essa qualidade inata no artista — a aristocracia de sensibilidade — tudo nela vibra e vive. E porque não levou para a cena mãos neutras, a beleza de seus gestos — consequência imediata de suas emoções — vai completando, numa expressividade inédita em nossos palcos, a harmonia de sua personalidade.

Sua capacidade de *transição*, de *iluminação*, de *graduação*, de *combinação*, é qualquer coisa de notável.

De suas possibilidades de *transição*, "A Marqueza de Santos" nos dá um exemplo definitivo: quando se volta, no final da peça, depois de uma cena de exaltação, para aquela réplica amargurada a José Bonifácio; de *iluminação*, têmo-la no relato do grito do Ypiranga, feito com essa marca a que Bandeira Duarte, num achado feliz, chama bravura, mas a que chamaremos *luminosidade*; de *graduação* de emoção, citemos o momento em que revela, a Francisco de Lorena, os seus sofrimentos — talvez o mais belo da peça; de *combinação*, toda a comédia é uma amostra — porque por toda ela a personalidade de Domitília nos é apresentada, num misto de coquetismo e de sentimentalismo, de vaidade e de humilhação, de insolência e de timidez.

E, por falar nisso: não estará na princesa Tatiana, de "Tovarich", uma de suas mais perfeitas combinações, em que, com sua marcada sutileza, compõe e gradua um tipo, onde devem persistir, sem arrogancia, a altivez e a distinção, dentro de um ponto de partida de absoluta simplicidade, conjugadas a uma atitude de respeito sem servilismo, de dignidade e de conciência de dever, de nobreza e de singeleza, com um ligeiro toque de boemia, na resignação, e um grande traço de sentimentalismo, no humorismo — mistura dificílima que Dulcina nos apresentou perfeita, em suas minúcias e em sua inteireza?

Interpretando "A Marqueza de Santos", Dulcina teve belas oportunidades artísticas. E aproveitou-as, tôdas: foi encantadora e foi grande.

Apenas um reparo: teria sido preferível que se dispensasse do dever de fazer algumas de suas "gatices", muito interessantes em outros tipos, mas descabidas dentro da personalidade da Marqueza de Santos. Não devia faze-las — mesmo que, incoerentemente, a tais atitudes a obriguem as marcações da peça. Suas responsabilidades de grande atriz a autorizam a essas rebeldias.

Isso, porém, não chegou para destoar. Porque a sua Domitília é o que são todas as suas criações: uma realização de beleza.

Glória -- "O homem que nasceu duas vezes"

Apesar de não se tratar de matéria do mês, não se pode deixar de assinalar a estréia da Companhia Jaime Costa, no Teatro Glória, com a comédia de Oduvaldo Viana: — "O homem que nasceu duas vezes". Foi, inegávelmente, um acontecimento teatral — que abriu auspiciosamente a temporada 1938. Encabeçando um conjunto de que fazem parte artistas como Ligia Sarmento, Delorges, Aristóteles Pena, Custódio de Mesquita, Italia Ferreira, Ferreira Maya e outros, sob a direção inteligente e honesta do Professor Eduardo Vieira, Jaime Costa apresentou-se vitorioso, reafirmando seus méritos de comediante, num papel cheio de dificuldades, que ficará entre os melhores de sua carreira.

Na realidade sua encarnação do Dr. Napoleão merece entusiasmo e aplausos. E merecidas foram as palmas com que o saudou o público carioca. Palmas sinceras, porque espontaneas; palmas de uma platéia que não sofre a coação da claque — abolida numa medida feliz e honesta de que Jaime Costa, muito justamente, se deve envaidecer.

Ligia Sarmento e Delorges, sem oportunidades, podem-se considerar não estreiados, ainda, na presente temporada. Completaram, apenas, o "cast". Aguardêmo-los nas comédias futuras, onde esperamos vê-los com responsabilidades á altura de suas possibilidades artísticas.

Aristóteles tem, no Dedé, uma criação feliz: foi um "coisa a tôa"

(Cont. na página seguinte)

CINEMA

"EMILE ZOLA", O GRANDE FILME DO MÊS

Em torno deste filme, críticos cinematógráficos e vários escritores brasileiros teceram comentários entusiastas. O publico recebeu-o também entusiasticamente. E' realmente uma galharda vitória para a cinematografia americana a apresentação da vida historica e romanceada do enorme romancista francês.

Geralmente, os filmes históricos — principalmente os americanos — fógem dos fatos para correr ao sensacionalismo e á criação de detalhes gritantes que melhor atendam ás necessidades das bilheterias. O que acontece como resultado é tornar-se o filme irritante. Isso não acontece com o último trabalho desse espantoso Paul Muni, formidavel creador de tantos outros tipos, desde aquele "Fugitivo", onde êle realmente impôs-se ao público brasileiro. Sua interpretação em Zola é tão profundamente humana, tão grandemente *vivida* que, quer dentro do conjunto, quer no menor dos detalhes êle realiza magistralmente a figura daquele homem que foi um dos mais combatidos e combativeis escritor de todas as épocas. Se Zola nunca chegou a ter realmente uma vida ociosa e cheia de luxos, se Zola morreu três anos antes da liquidação do processo Dreyfuss (que no filme se verifica na mesma data em que Dreyfuss volta ao exercito) se Zola teve enorme amor por outra mulher, além de Alexandrine — e outros detalhes — se tudo isso aconteceu de maneira diferente dentro desse filme, não importa, porque Paul Muni conseguiu dar o máximo de interpretativo e de real daquela vida util e lutadora do criador de "Germinal".

O elenco de "Zola" é ótimo. Joseph Schildkraut no papel de Dreyfuss está magnifico. Ele constitue, mesmo, em nossa opinião, a segunda pessoa (em interpretação) deste filme. A cêna de contacto com a liberdade, na Ilha do Diabo, é um detalhe impressionante quer no sentido artistico, quer no psicologico.

A fotografia, principalmente das multidões é notável. Os detalhes não desmerecem do conjunto. Os ambientes bem fixados. Não há nenhum exagero em dizer-se que a Warner Brothers, com êste filme, deu-

---

tão perfeito, que chegou a comover. Ferreira Maya, ator que reune qualidades de ator cômico e dramatico (sua atuação em "Ana Christie" deve ser lembrada), marcou seu pequeno papel com traços de uma comicidade irresistível. Itala Ferreira voltou, triunfando, á comédia, emprestada por seus empresários. Agradou tanto, porém, a críticos e platéia que, parece, ficará definitivamente nesse gênero teatral. Nelma Costa adquiriu, em poucos meses, uma segurança cênica bastante apreciável, enquanto Lúcia Delor — tão promissora desde quando estreiou com Procópio — deu-nos uma criadinha suficientemente natural para agradar. Fulvia Saint-Clair é, ainda, um incógnita: numa rápida entrada em cena, nada pôde revelar de suas possibilidades.

Quanto a Custódio de Mesquita, podemos tambem considerá-lo na mesma situação de Lígia e Delorges: esperamos seu próximo papel para aplaudí-lo como ator que já o é.

E assim "O homem que nasceu duas vezes" atingiu sua finalidade, num raro sucesso de permanência no cartaz. — *M.*

Noticias

No Carlos Gomes Procópio e sua Companhia atuam. Já fôram representadas "As três Helenas" "Que noite, meu Deus!" e "O casto bohêmio". O povo tem apoiado a temporada do ilustre ator patrício, enchendo todas as noites o Teatro da Praça Tiradentes.

No João Caetano estão Gilda de Abreu e os irmãos Celestinos, numa adaptação teatral de "Primavera". Se bem que tenha havido restrições da crítica quanto á "feitura" da peça — realizada sem o menor senso da medida e sem a técnica do respeito á paciência do espectador — os artistas têm sido muito louvados, sobretudo Gilda de Abreu, que tão inteligentemente se tem desempenhado sempre de suas incumbências de atriz e de cantora.

nos o melhor, o maior, o mais profundo dos filmes do ano.

"NO TEATRO DA VIDA"

Produção 1937. R. K. O. Radio. Movimentado e de tipos acentuados, êste filme que foi pouco falado entre nós, vale a pena ser visto. E' um conjunto de mulheres na avidez de obter a glória dentro do teatro Ressente-se muito de sua derivante peça teatral, mas, no entretanto, fixa aspectos de muito boa cinematografia. Catherine Hepburn está mais uma vez, ótima. Gingers Rogers — pela primeira vez fora dos filmes musicais nos quais domina — também realisa notávelmente. Adolph Menjou — que desta vez não conseguiu tomar para si as glorias do filme, como sempre acontece — resurge seu antigo tipo de cínico. E ainda muito bom. O elenco é numeroso e equilibrado. Boas fotografias. Bons dialogos, principalmente os de Gingers Rogers, pontilhados de ironias. A parte emocional é sobria e humana. O filme agrada.

"MADAME WALESKA"

Greta Garbo e Charles Boyer. Dois nomes de successo. Dois notáveis artistas. Charles Boyer e Greta Garbo em "Madame Waleska" disputam entre si a melhor interpretação. Ela o consegue perfeitamente. Êle, si bem que sua caracterização seja magnifica e esteja realmente dentro do papel, realizando-o concientemente, sofre a falta de coordenação do filme. Clarence Brown é o diretor. Cenários e fotografias bons.

Talvez por estar sendo exibido ao mesmo tempo que "Zola" e "Rainha Vitoria", "Madame Waleska" pareceu-nos aquem da espectativa. Há detalhes magnificos e pessimos. E' muito mais um filme Greta Garbo que Boyer.

"RAINHA VITORIA"

E' um filme quasi rigorosamente histórico. A preocupação foi essa. E os resultados obtidos compensam. Produção inglesa luxuosa, com boas minucias e bom conjunto. Ann Neagle muito bem no papel, interpretando-o dentro do espirito da época. Otimo Anton Walbrook, artista alemão que fez o princípe consorte, alemão dentro da Inglaterra, mas homem cavalheiresco e honesto. A preocupação em guardar a pronuncia germanizada deu relevo ao seu papel. O cenario é notavel. Apenas, abrangendo uma época demasiado longa, o filme ressente-se do fato e por isso mesmo aborda de leve a história politica da época vitoriana. Assim mesmo Disraeli, lord Melbourne, etc., conseguiram boa interpretação. A fotografia é maravilhosa.

"FELICIDADE DE MENTIRA"

Filme sem publicidade. No entretanto, muito bom. Magnifica interpretação de Joan Crawford, Franchot Tone, Robert Young. O enredo (de uma peça de teatro) é finissimo. Movimentado, luxuoso com um cenário magnífico e com bons tipos humanos. Êste filme é um dos melhores visto no genêro. E' satira e drama.

E.

RADIO

O rádio no mês de Abril esteve como sempre: os mesmos artistas, os mesmos números, os mesmos gêneros, os mesmos programas. Os artistas, alguns, é que tomaram posições diferentes. Francisco Alves, na Tupi; Carlos Galhardo, na Mayrink; Lamartine Babo, na Nacional; etc., etc.

Impossivel falar em irradiações sem fazer ressaltar a aristocrática "Jornal do Brasil", estação de música séria com o enternecedor aspecto de crianças bem educadas. Nos meios sonóros tudo guardou a uniformidade comum. Não podemos é deixar de acentuar a falência do humorismo que assume proporções assustadoras.

O "Teatro pelos ares", que a Mayrink Veiga explora com bons elementos apresentou uma peça que tomou de certo modo uma feição de desabafo. Refiro-me á comédia de Cezar Ladeira. "Rifa-se uma mulher" abriu um claro na série tenebrosa dos dramalhões passadistas que ainda atormentam os nossos dias.

O teatro aéreo agrada a uns e desagrada a outros. Para muitos a palavra não basta, mesmo que seja rica em movimentos e poderosamente sugestiva. Predomina, porém, a maioria, tomada por um comodismo bem brasileiro e muito gostoso. E' realmente maravilhoso estar em casa sem o embaraço das indumentárias protocolares e com a companhia macia das cadeiras de descanço. A verdade é que quasi todos sentem, discutem, criticam, repudiam, mas não perdem. Realiza, portanto, papel interessante.

No ar, ninguem ignora ,o Ladeira é um príncipe. Pode-se mesmo dizer: tem "it". E' realmente senhor da palavra bela. Insinuante. Como autor teatral, estreiou — mais bem do que mal. A peça tem um enrêdo interessante, bem desenvolvido. Nela aparece "o lado côr de rosa da vida". A expressão é de um poeta hoje esquecido ou desaparecido. Apezar de trabalho leve, reuniu sutilezas, conceitos afinados e ironias bem lançadas. Misturam-se ás situações inéditas frases feitas, ditos conhecidos e esperados. Não dislustram. Ao contrário, dão um colorido revelador de nosso ambiente brasileiro.

A interpretação foi das melhores. Correspondeu a SUPER-VISÕES.

Cordelia Ferreira foi mais o personagem do que ela própria. Esteve digna de elogios. O autor estava bem no papel que sentiu antes de interpretar. O Sergio de Alencar era muito Cezar Ladeira. Os outros tambem bons. A Celina bem marcada e o Fajardo em bôa forma.

Foi um dos bons dias da P. R. A. 9. Os ouvintes não sofreram depressões violentas, nem verteram lágrimas discretas.

Que a peça do Ladeira marque uma fase nova com a abolição das pavorosas "RE' MISTERIOSA", "O GRANDE INDUSTRIAL", "O ROZARIO", etc. E depois, não é só isso, aí estão todos os dias calamidades tenebrosas, guerras, guerras e mais guerras ! Lutemos nós, que estamos em paz, por um estado de espirito tranquilizador. Educar semeando a alegria de viver é uma generosidade que merecemos. Já nos bastam as realidades tristes que recebemos pelo telégrafo e as que vivemos.

E' um apêlo.

**

Continuam superando: Silvinha Mélo e Mára. São incontestávelmente os valores apreciáveis do nosso Broadcasting.

Paulo Serrano e Carlos Galhardo sempre maviosos e sentimentais.

Quando teremos a agradavel surpresa de encontrar Francisco Alves em canções sonóras que o carnaval não ouviu ?

**

A "Hora do Brasil" precisa dar mais, relatando, mostrando, divulgando um país que é imenso. Pode ser mesmo muito mais *nacional*.

Sobresaiu o discurso de José Lins do Rêgo no aniversário do Presidente Getulio Vargas. Foi justo o clamor que reivindicou o anseio de uma classe — LIBERDADE PARA O LIVRO !

S.

NOEL ROSA

NINGUEM ESQUECE NOEL ROSA.

DEIXOU UMA HERANÇA PARA AS SENSIBILIDADES QUE ESCUTAM. QUEM SENTE A CIDADE MARAVILHOSA SEM PERCEBER **SEU** PEDACINHO DE HORIZONTE QUE NOEL DESBRAVOU? PARECE ATE' OS PEDACINHOS DA ESPADA DE D. QUIXOTE: ENCHERAM O MUNDO NUMA SUBLIME MULTIPLICAÇÃO DE IDEAL!

NOEL ROSA NÃO MORREU, ESTA' MAIS VIVO. CRIOU A FILOSOFIA DO SAMBA, LEVOU CIÊNCIA AO MORRO, CIÊNCIA QUE SO' O CORAÇÃO PÓDE VENDER LEGÍTIMA. CIÊNCIA. QUE O MORRO ENSINOU.

DISTRIBUIU COM TODOS E A TODOS DEU IGUAL. ERA DE TODOS E A TODOS SE DIRIGIA. A'S VEZES NÃO ACHAVA OS DESTINATÁRIOS QUE ANSIAVA. ESTAVAM DISTRAÍDOS, FÓRA DAS REALIDADES COLETIVAS, FÓRA DOS SOFRIMENTOS DE TODOS JUNTOS.

A CIDADE MOSTRAVA MUITO, MAS A LUZ ERA FORTE, DEFORMAVA AS IMAGENS, CEGAVA ATE'. A CIDADE MOSTRA AINDA, MESMO QUE NOEL SE TENHA RECOLHIDO PARA DESCANÇAR. A CIDADE MOSTRARA' SEMPRE, MESMO QUE NOEL NÃO POSSA VOLTAR.

NOEL FEZ MUITO PELA CIDADE: COMPREENDEU ENTOANDO, ENSINOU UNIFICANDO.

A LIÇÃO NÃO PAROU — O SAMBA CONSTRÓI.

S.

Indicador ELP

TUBERCULÓSE DR. FÁBIO LEITE LOBO Clínica Médica TÍSIOLOGIA **Rua São Cristovão, 294-A** **Fone: 48-8463**	DR. H. SOBRAL PINTO Advogado **Rua da Assembléia, 70 — 2.º And. — Salas 1, 2 e 3** **Fone: 22-4747**	M. B. DA SILVA Arquitéto-Construtor **Rua São Pedro, 348 - 1.º, Sala 4** **Fone: 23-1319**
DR. ALMIR B. GUIMARÃES Cirúrgia Geral — Doenças de Senhoras **Rua V. de Uruguai, 478 Sob.** **Fone: 4658** Diáriamente de 14 ás 15 horas **Mariz e Barros, 176. Fone, 243** **NITEROI**	DR. BENIGNO RODRIGUES FERNANDES Advogado **Rua São osé, 29 - 1.º And.** **Fone: 42-7226**	WASHINGTON AZEVEDO & CIA. LTDA. Eengenheiros Construtores **151, Avenida Nilo Peçanha, 151** **Ed. Castelo — Salas 803 e 804** **Fone: 22-3355**
DRA. MARGARIDA GRILO JORDÃO **Médica** Senhoras e Crianças **Rua Dr. Pereira Nunes, 99** **Fone: 2518** **NITEROL**	DR. ARÍ COSTA VIEIRA Advogado **Rua Visconde do Rio Branco, 425** **Fone: 3660 — NITEROI**	MARTIM GIMENEZ FILHOS Fábrica de Ladrilhos Hídraulicos **Rua Visconde de Uruguai, 517** **Fone: 1981 — Niteroi**
DR. JAIME L. GUIMARÃES **Clínica Médica** Doenças do Aparelho Digestivo e da Nutrição. — Ráios X e Diatermia **Uruguaiana, 25-1.º Fone: 22-3193**	JOSE' MULLER ALVES Agente oficial da Propriedade Indústrial PATENTES E MARCAS **Rua da Assembléia, 15-A, 5.º** **Edi. Brasil — Fone: 42-0513**	J. C. TORRES Dentista Consultas: 8 ás 12 e 14 ás 17 **Edifício Carioca, 9.º andar.** **Sala 903 — Fone: 22-0029**
EURIDÍCE MELO DE LEON Parteira Diplomada **Rua Dr. Mario Viana, 437** **Fone: 2801** **NITEROI**	SAMUEL CEZAR DA COSTA Despachante Municipal e Federal **Rua General Camara, 359 - Loja** **Fone:**	ÉRICO CARNEIRO Dentista **Rua Santa Rosa, 10 — Fone: 3039** **Niteroi**

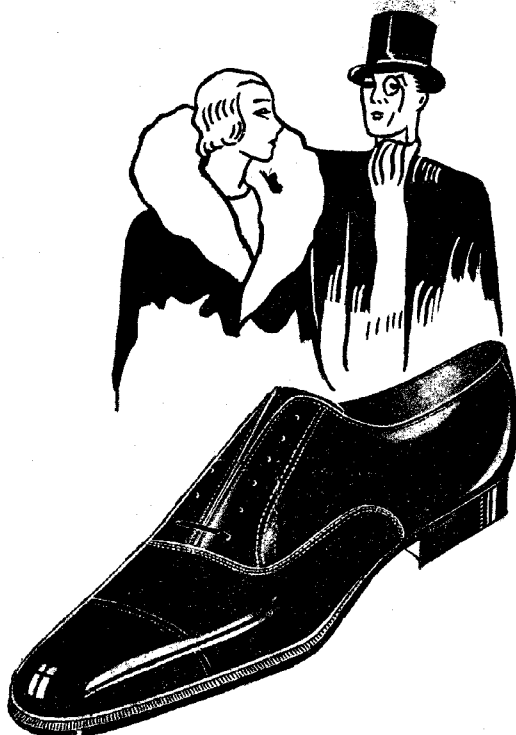
EMPRÊSA DE LEITURA E PUBLICIDADE LIMITADA

EDIÇÕES

ANÚNCIOS

PUBLICAÇÕES

Edifício Ouvidor
Salas 804 e 805

URUGUAIANA, 86
FONE: 42-8835

LIVROS RECEBIDOS

HISTÓRIA DA INGLATERRA

ANDRE' MAUROIS — Tradução de Carlos Domingues.

A casa editora Irmãos Pongetti acaba de apresentar aos leitores do país a tradução da "História de Inglaterra" de André Maurois.

O interêsse crescente que o público moderno vem demonstrando pelos grandes quadros históricos, a perfeita segurança com que o autor domina o assunto, dentro do seu ponto de vista, versando-o naquele estilo claro e harmonioso que é um dos seus atributos asseguram amplo sucesso de livraria para mais essa realização dos conhecidos editores. Resta ainda ressaltar a excelência da tradução de Carlos Domingues, completada por um cuidadoso trabalho tipográfico.

COMENTÁRIOS 'A CONSTITUIÇÃO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937 — Pontes de Miranda
Irmãos Pongetti, Editores